

BIOGRAFIAS DE MULHERES RORAIMENSES E IMIGRANTES

JOELMA FERNANDES DE OLIVEIRA
JACINTA FERREIRA DOS SANTOS RODRIGUES
LUCIANA DA SILVA BARROS
(organizadoras)

2021

BIOGRAFIAS DE MULHERES RORAIMENSES E IMIGRANTES

BIOGRAFIAS DE MULHERES RORAIMENSES E IMIGRANTES

JOELMA FERNANDES DE OLIVEIRA
JACINTA FERREIRA DOS SANTOS RODRIGUES
LUCIANA DA SILVA BARROS
(organizadoras)

BOA VISTA/RR
2021

Editora IOLE

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei n. 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.



EXPEDIENTE

Revisão
Elói Martins Senhoras
Rita de Cássia de Oliveira Ferreira

Capa
Abinadabe Pascoal dos Santos
Elói Martins Senhoras

Projeto Gráfico e Diagramação
Elói Martins Senhoras
Rita de Cássia de Oliveira Ferreira

Conselho Editorial
Abigail Pascoal dos Santos
Charles Pennaforte
Claudete de Castro Silva Vitte
Elói Martins Senhoras
Fabiano de Araújo Moreira
Julio Burdman
Marcos Antônio Fávaro Martins
Rozane Pereira Ignácio
Patrícia Nasser de Carvalho
Simone Rodrigues Batista Mendes
Vitor Stuart Gabriel de Pieri

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO (CIP)

Ol 2 OLIVEIRA, Joelma Fernandes de; RODRIGUES, Jacinta Ferreira dos Santos; BARROS, Luciana da Silva (organizadoras).

Biografias de mulheres roraimenses e imigrantes. Boa Vista: Editora IOLE, 2021, 269 p.

Série: Ciências Sociais. Organizador: Elói Martins Senhoras.

ISBN: 978-65-993759-5-8
https://doi.org/10.5281/zenodo.5574268

1 - Biografias. 2 - Gênero. 3 - Imigrante. 4 - Mulher.
I - Título. II - Senhoras, Elói Martins. III - Ciências Sociais. IV - Série

CDD – 920

A exatidão das informações, conceitos e opiniões é de exclusiva responsabilidade dos autores.



EDITORIAL

A editora IOLE tem o objetivo de divulgar a produção de trabalhos intelectuais que tenham qualidade e relevância social, científica ou didática em distintas áreas do conhecimento e direcionadas para um amplo público de leitores com diferentes interesses.

As publicações da editora IOLE têm o intuito de trazerem contribuições para o avanço da reflexão e da *práxis* em diferentes áreas do pensamento e para a consolidação de uma comunidade de autores comprometida com a pluralidade do pensamento e com uma crescente institucionalização dos debates.

O conteúdo produzido e divulgado neste livro é de inteira responsabilidade dos autores em termos de forma, correção e confiabilidade, não representando discurso oficial da editora IOLE, a qual é responsável exclusivamente pela editoração, publicação e divulgação da obra.

Concebido para ser um material com alta capilarização para seu potencial público leitor, o presente livro da editora IOLE é publicado nos formatos impresso e eletrônico a fim de propiciar a democratização do conhecimento por meio do livre acesso e divulgação das obras.

Prof. Dr. Elói Martins Senhoras

(Editor Chefe)

Copyright © Editora IOLE
2021

PREFÁCIO

Muito se tem discutido sobre o papel da mulher na sociedade contemporânea. Muitos são os discursos que surgem deixando ver o cenário de lutas, conquistas e desafios que as mulheres enfrentam a cada dia. Este livro se soma às iniciativas que dão voz à história de mulheres que ajudaram a modificar o seu entorno, como sujeitos sociais ativos e participativos de sua comunidade. Mulheres que fizeram e fazem história!

Esta obra é particularmente especial porque apresenta a trajetória feminina pelos olhos de alunos e alunas que aceitaram a complexidade de retratar mulheres ilustres do estado de Roraima, mostrando que uma atividade de sala de aula pode ser palco para exercer um trabalho interdisciplinar que envolve ética, cidadania, reconhecimentos da história e da cultura local e regional. Assim, muito mais do que conteúdos escolares, os alunos e as alunas aprenderam sobre a vida, sobre colaboração, sobre ouvir o outro, ações importantíssimas para a construção de sujeitos atentos às demandas do seu tempo, com inclinação para pautas sociais e com atitude de cuidado e atenção com os demais.

Assim, nestas linhas, caro leitor e cara leitora, vocês encontrarão uma oportunidade de reflexão porque este livro é uma inspiração sobre como podemos ser mais humanos, estando abertos a aprender com o outro, sendo sensíveis às suas experiências de vida. Cada biografia é um ensinamento, é uma perspectiva de vida que nos ajuda a projetar sonhos, a ter fé, a confiar. Cada poema é uma possibilidade de abraço, trazendo aconchego e carinho ao coração. Cada foto é a oportunidade de ver os olhos sorridentes dessas

mulheres que fizeram e fazem do mundo um lugar melhor porque nos lembram que a Mulher é sopro de vida, é garra, é força.

Boa leitura!

Profa. Dra.Tamiris Machado Gonçalves

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO | 13

PARTE 1 | MULHERES NO EMPREENDEDORISMO DE RORAIMA

CAPÍTULO 1 |
Terezinha de Jesus Picão Venzel 27

CAPÍTULO 2 |
Francisca Fernandes Oliveira 35

PARTE 2 | MULHERES NA POLÍTICA DE RORAIMA

CAPÍTULO 3 |
Eulina Gonçalves Vieira 49

CAPÍTULO 4 |
Ângela Maria Gomes Portela 57

CAPÍTULO 5 |
Lenir Rodrigues Santos 65

PARTE 3 | MULHERES NA EDUCAÇÃO DE RORAIMA

CAPÍTULO 6 |
Pierlangela Nascimento da Cunha 75

SUMÁRIO

PARTE 3 | MULHERES NA EDUCAÇÃO DE RORAIMA

CAPÍTULO 7 |
Sandra Mara de Paula Dias Botelho 91

CAPÍTULO 8 |
Maria Antonia de Melo Cabral 101

CAPÍTULO 9 |
Gioconda Santos e Souza Martínez 111

CAPÍTULO 10 |
Ana Célia de Oliveira Paz 117

CAPÍTULO 11 |
Joseane de Souza Cortez 129

CAPÍTULO 12 |
Lindivalda Sales de Souza Feitosa 153

PARTE 4 | MULHERES NA SAÚDE DE RORAIMA

CAPÍTULO 13 |
Tayana Sabino de Oliveira 171

CAPÍTULO 14 |
Magnólia de Souza Monteiro Rocha 179

SUMÁRIO

PARTE 4 | MULHERES NA SAÚDE DE RORAIMA

CAPÍTULO 15 |
Zilma de Fátima Richil Bezerra 189

PARTE 5 | MULHERES TRABALHADORAS DO CAMPO EM RORAIMA

CAPÍTULO 16 |
Rosangela Piovizani 201

PARTE 6 | MULHERES NOS MOVIMENTOS SOCIAIS DE RORAIMA

CAPÍTULO 17 |
Margarete Maria Barreto de Araújo 211

CAPÍTULO 18 |
Andréa Freitas de Vasconcelos 219

CAPÍTULO 19 |
Telma Marques Taurepang 227

CAPÍTULO 20 |
Antônia Pedrosa 243

REFERÊNCIAS | 257

SOBRE AS ORGANIZADORAS E AUTORES | 261

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

A cultura de um povo, sua identidade, é forjada no dia a dia, no cotidiano, na rotina de seus cidadãos, que arregaçam as mangas e enfrentam a vida. A história de qualquer lugar pode ser contada de diferentes perspectivas. Neste livro nós trazemos uma composição bibliográfica feita por alunos sobre mulheres que contribuíram com o estado de Roraima.

Assim, nesta obra são apresentados relatos de experiência de uma atividade desenvolvida nas disciplinas de *Sociologia* e *Língua Portuguesa*, ministrada a alunos do módulo I do curso Técnico em Agropecuária, integrado ao ensino médio, do Instituto Federal de Roraima, *Campus* Amajari. O objetivo foi construir com os alunos uma pesquisa sobre personalidades femininas importantes para a história de Roraima, a fim de dar visibilidade às mulheres da região e contribuir com a pauta de discursos sobre a mulher.

Depois de discutir em sala de aula sobre o estado de Roraima, de modo geral, e sobre a cidade de Amajari, de modo específico, chegamos à conclusão de alguns nomes que haviam representado posicionamentos significativos em diferentes campos da atuação, tais como educação, política, agricultura.

Depois dessa etapa, foi conversado com os alunos sobre a possibilidade de socializar com a comunidade escolar os resultados do que havíamos trabalhado em sala de aula, afinal conhecer a história é algo positivo para todos! Assim, pensamos que o material oriundo das aulas e das discussões do projeto *As 20: Biografias de Mulheres Roraimenses e Imigrantes que têm fortalecido o desenvolvimento de Roraima desde o Século XX* poderia ultrapassar os muros da escola, resultando em uma mostra de fotografias e um livro com as biografias.

Com o intuito de colaborar com as discussões que fortalecem o reconhecimento da importância da mulher nos diferentes espaços sociais, os alunos, então, ficaram responsáveis por entrevistar as mulheres selecionadas. Dessas entrevistas, obtivemos relatos orais e muitas fotos. Com todo o material, havia uma riqueza cultural imensa que motivou nos alunos diferentes expressões artísticas: foram criadas poesias, um documentário (curta-metragem), uma página no *Facebook*[1] e uma amostra cultural em forma de fotografias.

A galeria foi construída como um espaço de aprendizagem móvel, no sentido de colocar essa galeria em exposições em diferentes ambientes do Estado de Roraima, tais como, escolas, universidades, teatros etc. Tudo para produzir um espaço de pesquisa sobre história de vidas de mulheres em diferentes contextos sociais do estado de Roraima.

No âmbito das parcerias entre as disciplinas, pensamos ainda em unir sociologia e língua portuguesa para deixar nascer poemas inspirados pelas histórias dessas mulheres, tudo para engajar de forma interdisciplinar os alunos.

É importante destacar que os alunos foram os grandes protagonistas dessa jornada. Fizeram seus estudos bibliográficos sobre a participação da mulher em diferentes contextos sociais, a participação feminina em movimentos sociais, motivados pelos estudos decorrentes da disciplina de sociologia. E assim elaboraram com o auxílio dos professores os instrumentos para apoiar as entrevistas. Nessas aulas também tivemos momentos de discussão sobre a história da vida das mulheres pré-selecionadas para compor a galeria histórico-biográfica. Foram organizadas duplas para coletar as histórias de vidas das mulheres em pauta.

[1] Disponível em: <https://www.facebook.com/As-20-Biografias-De-Mulheres-Roraimenses-e-Imigrantes-1182901778549601/?ti=as>.

A partir disso, foi realizada a conversão do material das entrevistas em textos para este livro. Aqui é importante dizer que, primeiramente, foi feita a transcrição das entrevistas e, depois, foi editado um texto com a ideia geral de cada fala, o que foi de extrema importância para padronizar o formato das falas em razão da editoração do livro. Outra questão foi criar um texto fluido para a leitura, sem marca de oralidade.

Para coletar dados sobre a história de vida das mulheres, usamos como recurso metodológico a história oral (relato oral) e assim foi possível sistematizar de forma oral (documentário) e escrita (o livro) tais relatos. Conforme Alberti (2005), a História Oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea, surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador à fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente.

Bem, você pode estar se perguntando: por que fazer um livro sobre as mulheres de Roraima? Primeiro vamos pensar que as mulheres ao longo da História tiveram grandes lutas, enfrentaram preconceitos, afirmaram seu lugar na sociedade, lograram presença no mercado de trabalho, exigiram seus direitos, conquistaram liberdades, galgaram o posto de ser quem elas desejam ser: profissionais, mães, esposas, teóricas, sindicalistas, solteiras, empresárias, parteiras, médicas, enfermeiras, mecânicas, presidenta, uma ou outra ou todas ao mesmo tempo.

Ainda assim, mesmo tendo superado muitas objeções e vivenciado muitas vitórias, a contemporaneidade nos mostra que muito ainda pode ser feito em relação às questões de gênero. Isso porque há ainda desigualdade. A mídia nos mostra diariamente problemas de desrespeito, violência, desprestígio para com a mulher.

A amostra de mulheres selecionadas para compor esse quadro de pesquisa, num quantitativo de 20 mulheres, oportuniza a divulgação de histórias de mulheres de Roraima, não somente as que desempenham atividades intelectuais, como no caso de professoras, pesquisadoras, políticas, mas outras mulheres, como lideranças indígenas, parteiras, feirantes, empresárias, líderes sindicais, integrantes de movimentos sociais, no intuito de mostrar a importância da participação delas nos diferentes âmbitos sociais.

É sabido que muita ainda há para fazer no que diz respeito às lutas pela igualdade de gênero. Nesse sentido, iniciativas como a que manifesta o projeto que deu origem a este livro apresenta uma relevante importância, pois, pelos dados nacionais, Roraima ainda é um estado que possui um alto nível de violência contra mulher. Então, ações que discorram sobre a mulher e seu papel na sociedade podem contribuir positivamente para que a cultura seja de valorização e não de violência.

As discussões que se deram no Instituto Federal de Roraima/*Campus* Amajari, assim como nacionalmente, são muito pertinentes em todos os espaços sociais, justamente porque quase todos os dias a mídia nos dá exemplos de intolerância, violência, desrespeito quanto à mulher. Nesse cenário, todas as propostas de fortalecimento de sentimentos de equidade entre os papéis que homens e mulheres vivem na sociedade contemporânea são oportunas.

Assim sendo, em razão deste contexto histórico e da realidade contemporânea da mulher enquanto ser social, é que nasce nosso projeto e este livro com a finalidade de mostrar os diferentes papéis que as mulheres ocupam na sociedade e como elas constroem a história dos lugares, contribuindo para o desenvolvimento social e para a melhoria da qualidade de vida de muitos, a partir de engajamentos políticos, em movimentos sociais, intelectuais e atividades cotidianas, que só engrandecem o quão é importante a

existência e a valorização da mulher como pessoa participativa, decisiva e atuante nos mais diversos espaços da sociedade brasileira.

De acordo com Brabo (2005), em todos os momentos históricos, as mulheres, trabalhavam, seja no campo, seja nas cidades, mas foi nas zonas industriais que o trabalho feminino contribuiu grandemente, sobretudo no desenvolvimento das indústrias têxteis europeias. Foi nesse setor, porém em que foram mais exploradas, pois elas representavam uma mão de obra muito barata, viviam e trabalhavam em condições desumanas. No decorrer do século XIX, as diferenças de tratamento entre o homem e a mulher no mercado de trabalho e no conjunto da sociedade foram se tornando mais evidentes.

Treiner (2011) discute que o papel da mulher e seu lugar na vida política econômica e social ainda não foi tema nem objeto de estudos verdadeiramente sistemáticos. Por isso, percebemos a necessidade de fortalecer e criar projetos e estudos dentro da temática das questões de gênero que discutem e promovam reflexões sobre a vida das mulheres, contextos históricos de discriminação em que foram submetidas, força do patriarcado exercida sobre as ações das mulheres, o que por vezes dificulta a criação de políticas públicas que contribuam para o fortalecimento de direitos desse gênero. Assim, é necessário que se faça aos poucos a construção de uma sociedade mais justa e com princípios de equidade, em que nenhum gênero se posicione ou construa discursos e práticas que inferiorize o outro.

Tendo em vista essas considerações e frente à ciência de que são válidas as iniciativas que promovam o ideal de respeito e igualdade entre homens e mulheres, o projeto que este livro apresenta surge com a intencionalidade de ampliar os estudos e as discussões sobre questões de gênero, principalmente no sentido de propiciar aos alunos e ao público em geral o conhecimento sobre a importância da mulher na sociedade, a partir de estudos e construção

de biografias de mulheres que vivem em Roraima – ou viveram – e que contribuam ou tenham contribuído de forma significativa para o desenvolvimento desse estado.

Assim, colocar em evidência personalidades e personagens de nosso estado focaliza o fato de que todos são importantes quando se trata da construção de pilares sociais. Isso porque, muitas vezes, existe uma ideia de que no dia a dia, nas ruas da cidade, no transcorrer do cotidiano em que estamos não ocorrem grandes feitos ou não se destacam pessoas. Assim, este livro pretende mostrar que o dissertar oral da cidade pode revelar mulheres de peso, que se dedicaram em alguma medida para que Roraima progredisse e para que tivéssemos os direitos que hoje temos. Mulheres simples, pessoas da vizinhança, conhecidas de poucos ou celebridades locais, não importa, certamente o ato de pensar esse tema e procurar conhecer a história das mulheres de nosso estado revelou grandes descobertas – e foi uma oportuna ocasião para discutir sobre gênero de modo amplo, uma vez que o livro, que é resultado material de todo o projeto, pode levar essa discussão a diferentes lugares.

O nosso projeto, intitulado *As 20: Biografias de Mulheres Roraimenses e Imigrantes que têm fortalecido o desenvolvimento de Roraima desde o Século XX,* que deu origem a este livro, foi realizado com um grupo de 38 alunos do 1º ano do Ensino médio Técnico em Agropecuária, e com a participação de 4 professores. O projeto abrangeu diferentes áreas do conhecimento, especificamente foram articuladas práticas pedagógicas em sala de aula e extraclasse nas disciplinas de Sociologia, Língua Portuguesa, Informática e Agroecologia.

O trabalho desenvolvido e aqui apresentado só ratifica a necessidade de se discutir essa temática, pela importância que se faz nas instituições educativas trabalharem nessa perspectiva de formação humana e sensibilização pela vida em coletividade,

considerando as questões sociais inclusive as discussões sobre questões de gênero.

A partir da sua realização, podemos perceber compartilhamento de sentimento de empatia dos alunos pelas histórias de alegrias e tristezas ouvidas pelas mulheres entrevistadas. Com isso, os alunos aprenderam a ter um olhar de alteridade, de consideração com o outro. Também tiveram muita aprendizagem no que diz respeito à escuta, dedicar um tempo de atenção plena quando alguém fala, saber que sempre se pode aprender algo com alguém, que a experiência vivida é sempre uma lição. Toda essa vivência faz circular valores importantes para a vida.

Todos nós que estivemos envolvidos no projeto saímos dele mais motivados e compreendendo que as dificuldades cotidianas para se realizar sonhos estão presentes na vida das pessoas, independentemente da classe ou nível social que vive. De toda forma, o importante é viver, sentindo-se comprometido com aquilo que desejamos, responsáveis por nossos atos e cientes de que temos de desenvolver também o nosso lado cidadão, almejando que nossas ações possam, de alguma maneira, contribuir para a coletividade.

Em relação a todo o tratamento dos dados empíricos oriundos das entrevistas, percebemos que uma compreensão sobre questões éticas no registro e transcrição de entrevistas nasceu nos alunos. Com as atividades desenvolvidas, é possível perceber a construção e o nascimento de um pesquisador inicial. Vimos também o aperfeiçoamento da escrita crítica a partir dos relatórios técnicos das visitas realizadas em decorrência do projeto. Além disso, percebemos alunos com um maior nível de compreensão sobre a importância das mulheres para o desenvolvimento da sociedade.

No que diz respeito à organização do livro, há um conjunto de 6 partes e 20 capítulos. Em cada um dos capítulos são

apresentados uma foto de uma representativa mulher roraimense, um poema e sua correspondente biografia.

Boa leitura!

Joelma Fernandes de Oliveira

Jacinta Ferreira dos Santos Rodrigues

Luciana da Silva Barros

(organizadoras)

PARTE 1

Mulheres no Empreendedorismo de Roraima

MULHERES NO EMPREENDEDORISMO DE RORAIMA

Quando falamos de mulheres no empreendedorismo, estamos nos referindo a pessoas do sexo feminino que contribuem para a geração de renda de um determinado lugar e que ajudam a criar oportunidades de empregos para outras pessoas. É fundamental pontuar que o empreendedorismo transforma não só a economia, mas revoluciona as relações sociais, uma vez que, quando as mulheres alcançam autonomia financeira, ficam menos vulneráveis no sentido de se submeter a relacionamentos abusivos em decorrência de necessidades financeiras.

De um modo geral, as mulheres vêm ganhando mais espaço no mercado de trabalho. De toda forma, sabemos que ainda há muita desigualdade entre gêneros na sociedade – especificamente no campo laboral não seria diferente. Nesse sentido, a luta pela equidade tem um grande aliado: o empreendedorismo feminino. No ano de 2018 cerca de 9,3 milhões de mulheres estiveram à frente de negócios no Brasil, segundo os dados da última pesquisa Nacional por Amostra de domicílios Contínua (PNADC), realizada pelo IBGE. Isso mostra o poder atuante da mulher na economia nacional! Mas muito ainda precisa ser feito para que a mulher ganhe mais espaço e ocupe mais lugares.

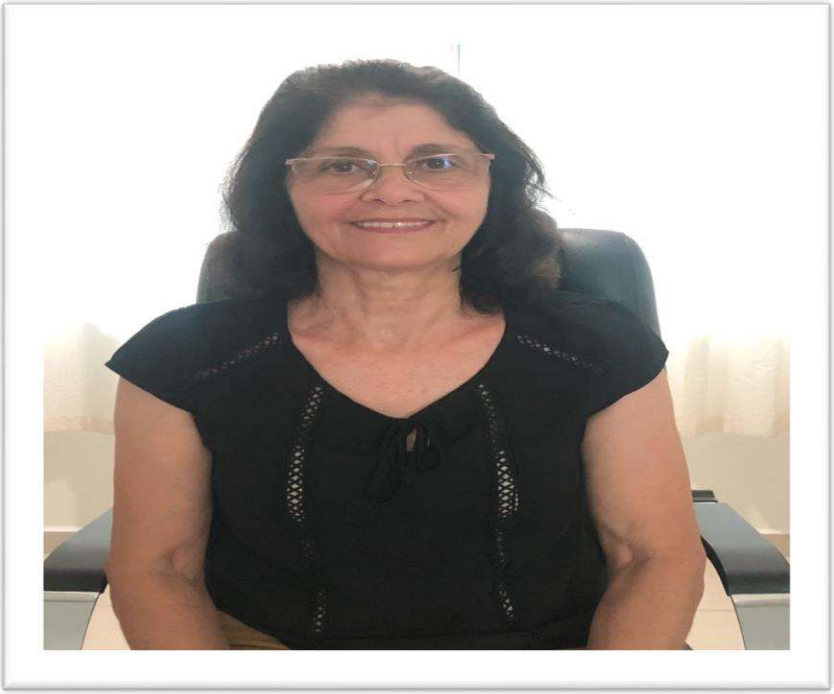
Como mulheres que fazem parte do empreendedorismo roraimense, apresentamos a biografia de Francisca Fernandes Oliveira e Maria Tereza, mulheres que migraram do Nordeste em busca de trabalho e melhores condições de vida e aqui criaram raízes, obtiveram êxito em seus objetivos e contribuíram (e contribuem) diariamente para o desenvolvimento de Roraima. Ambas trabalham com público, comércio e vendas de produtos alimentícios, fornecem empregos para diversas pessoas e são mulheres sucessoras e inspiradoras no campo empreendedor. São exemplos de força e superação!

CAPÍTULO 1

Terezinha de Jesus Picão Venzel

TEREZINHA DE JESUS PICÃO VENZEL

Empresária



"Eu sou feliz quando tenho minha casa cheia e quando a gente está servindo, quando vejo os funcionários felizes trabalhando em alegria. Gosto dessa união"

TEREZA DE JESUS PICÃO VENZEL

Conheço uma mulher por nome Tereza.
Humilde, alegre, feliz e contente
De boa nobreza, coragem e guerreira
Sorriso no rosto, que mexe com a gente.

Coragem de ser aquilo que quer
Coragem de ser outra mulher
Firmeza à frente, ganância atrás.
Coragem de dizer que tudo é capaz.

Tenho respeito à dona Tereza
Pois nos ajudou a parar para pensar
A perda não é o que destrói a firmeza
E sim a vontade de tudo acabar.

Ter autoridade é algo importante
É estar a frente de um belo restaurante
Com seus funcionários há grande compaixão
E a seus clientes guarda-os em seu coração.

Além de ser dona do Tulipa
Tereza é uma mulher decidida.
Ter os filhos ao seu lado
É o maior presente de sua vida.

Mulher valorosa de bom coração
Não perde uma batalha com espada na mão.
Ajuda aos pobres, necessitados e carentes.
Com amor e respeito atende seus clientes.

Ser mulher é ser guerreira
Ter atitude é ser Tereza
Alegre e generosa
Qual vil mais amorosa.

Discente: *Abrão Alves Rocha*

TEREZINHA DE JESUS PICÃO VENZEL

"Nasce do sol, até o pôr do sol''. Dona Tereza veio de uma família muito pobre, tinham que se levantar cedo para trabalhar dia após dia, às vezes tinham somente o arroz e feijão para comer. Moravam no interior, mas sempre foram uma família alegre e unida. Após algum tempo, Tereza e seu esposo foram morar em São Paulo, onde tiveram seus filhos. Trabalhava como dona de casa. Um dia resolveram ir para o Pará, pois ela tinha um irmão que trabalhava no garimpo. Assim, decidiram partir deixando todos os seus pertences em São Paulo. Lá também foi o lugar em que seu esposo fez curso para aviador, onde ficaram alguns anos lá, porém enfrentando várias dificuldades.

Em 1989 vieram para Roraima juntamente com suas malinhas, pois não tinham nada na época, seu outro irmão tinha um abrigo no garimpo, onde atualmente é conhecido por Joquei Clube. Então ele arrumou um lugar para Tereza e sua família ficarem. Era uma pequena cantina, onde foi lhe dado o serviço para fazer a comida para os garimpeiros. Determinada a trabalhar, segurou essa oportunidade.

Começou a rotina, levantava-se cedo, vinha para a cidade, comprava pão e café, levava na cantina e servia aos garimpeiros. Foi um ano trabalhando duro, mesmo assim eles não tinham uma casa para morar. Se arrumavam como dava. Próximo dali existia um cocheiro de cavalos, onde construíram sua primeira casa, dormiam em redes e foi lá onde toda sua história começou.

Passaram exatamente um ano naquele local, onde conseguiram ganhar uma pequena quantidade de dinheiro. Após, veio a época da crise no garimpo por consequência ele fechou, tudo tinha se acabado.

Tereza tinha uma reserva na capital, localizado na Cecília Brasil, onde conseguiu alugar um pequeno lugar para vender lanche. Era tudo de maneira improvisada, ela cozinhando sozinha, e seus filhos lhe ajudando, pois eles não tinham ainda nenhum empregado na época. Tereza se levantava cedo, corria para a cidade, fazia as compras para fazer novamente a comida, começaram aos poucos, tinha quatro vizinhos que lhe ajudavam nessa época.

Passados alguns tempos, arranjou seu primeiro funcionário. Dona Tereza sempre trabalhou assim, com amor a seus clientes, nunca deixou algo a desejar, sempre cuidou de tudo com muito carinho.

Pessoa firme, com o pé no chão, fazia as coisas conforme o seu alcance, dava o seu melhor. Dona Tereza passou um bom tempo na Cecília Brasil trabalhando, lutando.

Tereza e sua família tiveram várias dificuldades, pois naquela época houve uma grande escassez de alimentos na cidade, tinham somente o que era produzido na capital. Dona Tereza pressentia a falta de ingredientes necessários, contudo tinha que se conformar com o que tinha em mãos.

Assim, mantinha-se firme todos os dias trabalhando e lutando. Após algum tempo iniciaram a construção do restaurante *Túlipa*, sempre trabalhando aos poucos, pois nunca tiveram aquela ideia de expandir de uma vez. Com calma, sem pressa, todos os dias construindo, compravam aos poucos os tijolos, iam reformando, toda vez renovando, fazendo o diferente.

O tempo passou, as coisas mudaram. Hoje dona Tereza abriga cerca de 43 funcionários, dando a devida assistência a essas famílias que vivem da renda recebida pelo seu trabalho. Além do mais, ela consegue ajudar a várias pessoas através de sua empresa.

Essa é a grande história de dona Tereza, que, por mais que tenha passado por dificuldades, nunca veio a desanimar, levando suas coisas sempre do modo certo e correto.

Aluno Abrão Alves Rocha: O que a motivou a essa escolha?

Dona Tereza: Nada me motivou, a gente chegou assim sem saber o que fazer, então tudo começou por acaso, por necessidade de fazer algo, de precisar ajudar na renda familiar, de criar os filhos, então foi a necessidade de trabalhar.

Abrão: O que você mais gosta de fazer?

Dona Tereza: Eu adoro trabalhar, adoro aquilo que faço, gosto de estar sempre aqui presente.

Abrão: Quais metas e sonhos que você quer realizar em sua vida?

Dona Tereza: São os dos meus filhos, pois eu já trabalhei bastante e eles que estão passando por essa fase. Agora eu quero conviver com os clientes e os funcionários.

Abrão: Qual o maior desafio experimentado como mulher roraimense?

Dona Tereza: As dificuldades do passado, pois foi difícil o acesso a mercadorias, mas sempre conseguíamos nos manter com o que tínhamos.

Abrão: Em algum momento, você já viveu algo relacionado ao machismo?

Dona Tereza: Não! Graças a Deus, todos me aceitam bem, e me recebem bem.

Abrão: Você tem algo que orgulhe a sua vida pessoal ou profissional?

Dona Tereza: Tenho! Do que tenho hoje, da família que eu tenho, dos bons funcionários que tenho!

Abrão: Tem alguma frase que goste e que represente sua vida?

Dona Tereza: Ser humilde e respeitar o próximo.

Prof.ª Luciana Barros: O que mais te emociona, o que mais te deixa feliz?

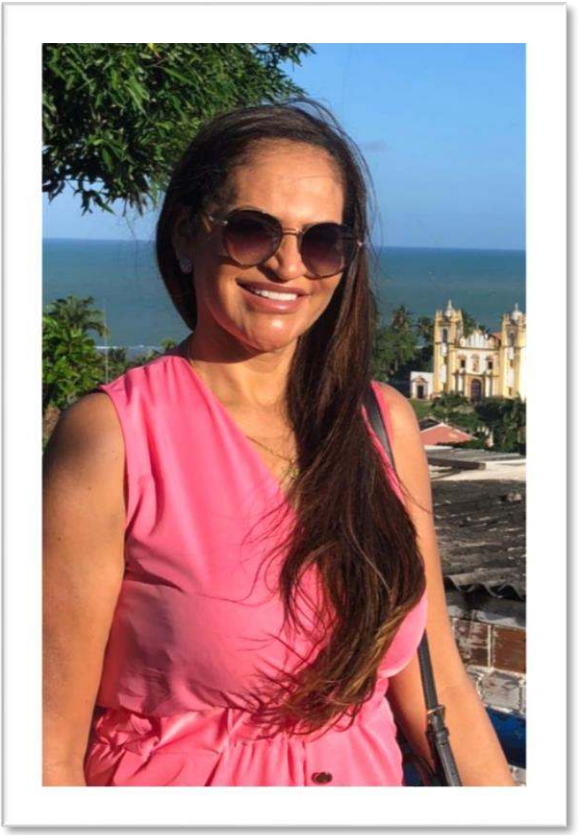
Dona Tereza: Eu sou feliz quando tenho minha casa cheia, e quando a gente está servindo, quando os funcionários estão felizes trabalhando em alegria. Gosto de ter essa união.

CAPÍTULO 2

Francisca Fernandes Oliveira

FRANCISCA FERNANDES OLIVEIRA

Feirante/Psicóloga



"Nenhum obstáculo é
grande demais para ser superado"

Augusto Cury

FRANCISCA FERNANDES OLIVEIRA

Mulher guerreira e trabalhadora
Nunca desistiu das coisas
Por mais que a dificuldade
Fosse assustadora.

Com seus quatro filhos
Ela pelejou para sustentar,
Trabalhou dia após dia
Sem nunca desistir ou cansar.

Formou-se em psicologia
Desenvolveu um trabalho social,
Francisca Fernandes Oliveira, mulher como você
Não tem igual.

A ela devemos respeito
Por que tudo isso não foi feito
De qualquer jeito.

Tem filha com doutorado em educação
Ajudando cada dia mais
o futuro dessa nação.

Discentes: *Kauã Lopes Mota*
Emanuel Gilead Lopes de Sousa

FRANCISCA FERNANDES OLIVEIRA

Francisca Fernandes Oliveira é maranhense, mora em Roraima há 36 anos, dos quais três em Rorainópolis e os demais em Boa Vista. É mãe de quatro filhos, três mulheres e um homem: Larissa Fernandes estuda curso preparatório para o vestibular de medicina; Gabriel Fernandes é acadêmico de engenharia civil na Universidade Federal de Roraima; Kaline Fernandes é médica, atualmente cursando especialização em pediatria, em São Paulo; e Joelma Fernandes é professora do Instituto Federal de Roraima e doutora em Educação.

Francisca Fernandes Oliveira, chamada carinhosamente de Branca, recorda que sempre morou no interior e sempre dizia para a mãe, Raimunda Fernandes, Dona Mundica, que não gostaria de criar seus filhos no interior. Queria que eles tivessem melhores oportunidades de estudo e, por isso, decidiu sair de Rorainópolis para morar em Boa Vista.

Nos primeiros cinco anos morando em Boa Vista, Francisca Fernandes Oliveira trabalhou como vendedora de loja de confecções e diz que aprendeu muito com a dona da loja, que virou uma grande amiga. Depois da experiência como vendedora de loja, resolveu vender roupa por conta própria. Entretanto, um dos seus sonhos era trabalhar com produção rural. Como não dava para fazer isso em Boa Vista, ela conseguiu um lote de terra em Rorainópolis e começou uma plantação de bananas que, segundo ela, foi bem-sucedida.

Quando começou a colheita da banana, ela resolveu vir pessoalmente para Boa Vista para comercializar na Feira do Produtor e, em seguida, vizinhos e conhecidos que viviam da agricultura familiar resolveram pedir para ela vender os produtos deles também e ela aceitou o desafio. “Eu aceitei de bom grado essa missão e deu tão certo que chegou ao ponto que eu passei a ficar

direto na feira e priorizando a comercialização das bananas no varejo e no atacado", recorda Branca. Francisca lembra que sua primeira produção de banana foi de vinte linhas plantadas, no ano seguinte, 40 e depois 80, foi quando teve a certeza de que deveria se dedicar exclusivamente à produção e à comercialização da banana. Ela disse que já não vende nenhum outro tipo de produção Agrícola.

Branca esclareceu que nos últimos 21 anos têm passado mais tempo na feira do que em qualquer outro lugar e disse ser registrada como produtora rural na Secretaria Estadual da Fazenda (SEFAZ). Isso lhe permite vender com nota fiscal aos seus clientes, que vão desde o cidadão comum até grandes redes de supermercados e restaurantes de Boa Vista e de Manaus. Mesmo cuidando da comercialização em grande escala, ela afirma que continua envolvida diretamente na produção das bananas, por meio de parcerias com alguns agricultores da região de Sumaúma, município de Mucajaí.

Francisca recorda que, há até bem pouco tempo, ia semanalmente de moto para acompanhar a produção de banana em Sumaúma e levar os insumos necessários, entretanto, depois que foi assaltada, vai de caminhão todas as quartas-feiras. "Mesmo depois que eu optei por permanecer na Feira continuei o trabalho de produção, fiz algumas parcerias e participo de todo o processo de produção que culmina com a comercialização. Uma vez por semana vou ao interior levar o material necessário para a plantação, ver o que está faltando, definir em conjunto o local e a quantidade de linhas a serem plantadas e ajudar na colheita, além de transportar as bananas para a feira", esclareceu.

Francisca disse que trabalha com muito prazer, gosta do que faz e do contato direto e diário com o público em geral. Problemas surgem para serem resolvidos, é o que diz Francisca Fernandes. Ela lembra que, há cerca de dois anos, quando a produção de banana em Roraima foi quase nula – por conta da forte estiagem e das

queimadas que dizimaram as plantações – ela precisou importar banana de outros estados para suprir a demanda semanal de sua clientela, pois atende supermercados e restaurantes com produtos selecionados e, quando a produção local está normalizada, também é exportada para Manaus.

Uma mulher alegre, sorridente, falante, muito ativa, Francisca diz que praticamente criou seus filhos e os educou com a venda de banana e muitos dos conhecidos e amigos ficam admirados com a disposição dela em trabalhar e resolver problemas. “Quem me conhece sabe que para mim não tem tempo ruim, mas fico muito chateada quando alguns dizem que eu deveria ter nascido homem, pois sempre resolvo os problemas que vão surgindo. Mas eu tenho orgulho de ser mulher e digo que se fosse nascer de novo gostaria de nascer mulher”.

Falando sobre suas motivações diárias para ter uma vida tão dinâmica, Francisca disse que toda a força que tem vem de Deus e da mãe que sempre a apoiou e a incentivou em todos os momentos de sua vida, principalmente nos mais difíceis e ajudando na criação das duas primeiras filhas. “Mas minha motivação maior em tudo são meus filhos. Tudo o que fiz e o que faço é pensando neles e para eles, pois sou muito família e tenho muito orgulho de cada um deles”, fala com um brilho especial no olhar.

A produtora rural que decidiu sair do interior para investir nos estudos de seus filhos disse que, quando era mais nova, tinha o sonho de ser jornalista, mas sempre achou que não conseguiria falar em público. Ela recorda que só havia estudado até a quinta série e depois de seis anos sem estudo retornou à sala de aula, mas não deu para continuar e parou novamente. Depois voltou a estudar e, como não deu certo, decidiu que só retornaria aos estudos após os filhos estarem maiores. Depois de muita insistência da filha mais velha para que ela voltasse a estudar, Francisca diz que há nove anos surgiu a oportunidade de ingressar na Fundação Bradesco e, após concluir

o Ensino Médio, aproveitou o embalo dos estudos e decidiu fazer um curso superior.

Quando esse momento chegou, ela disse que ficou em dúvida entre os cursos de psicologia e serviço social, mas findou optando pelo primeiro. Durante a faculdade, conciliou trabalho, estudo e família. Segundo ela, essa foi uma experiência muito gratificante. No ano passado concluiu o curso de psicologia e já ingressou numa pós-graduação. Porém, decidiu dar um tempo este ano e só retornar aos estudos no ano vindouro quando pretende concluir tal curso, iniciar um mestrado e, quem sabe, fazer um doutorado.

Aos domingos, Francisca Fernandes ainda tira plantão no Feirão do Garimpeiro. Ela recorda que a filha mais velha sempre ajudou na venda: "Minha filha Joelma me ajudou muito. Trabalhava aqui com garra sempre que eu precisava, somente depois que passou no concurso para professora e, por conta dos estudos acadêmicos, deixou de vir", afirma com orgulho. "Eu tenho muito que agradecer a Deus todos os dias, pois sou uma pessoa realizada e feliz. Tenho meu trabalho, tenho meus filhos, que muito me orgulham". "Eu adoro cozinhar para meus filhos. Fico feliz quando estamos juntos. Fico feliz quando estamos juntos numa mesa, comendo, conversando discutindo sobre tudo", disse com alegria.

Como a senhora chegou a Roraima?

Francisca: Eu vim para Roraima com meu pai, porque meu irmão já tinha vindo e falou que aqui era um lugar muito bom de viver. Meu pai veio e segui com ele, meu pai e minha mãe vieram procurando melhorias, em 1983.

Qual foi o seu primeiro trabalho?

Francisca: Como babá. Comecei a trabalhar aos treze anos. Trabalhei lá na casa do Baiano cuidando dos meninozinhos dele.

O que a senhora mais gosta de fazer?

Francisca: O que mais gosto de fazer, além de trabalhar, é ficar com minha família e ir para a igreja.

Qual a sua ocupação atual?

Francisca: Na feira, porque foi no momento a melhor forma que encontrei para trabalhar, para ganhar dinheiro, para tirar o sustento dos meus filhos. Sempre gostei de trabalhar na feira, durante 22 anos, sempre gostei de trabalhar na feira, pois gosto de mexer com vendas e eu gosto de gente, gosto de conversar.

Por que a senhora quis fazer graduação?

Francisca: A escolha do curso é porque sempre quis fazer um curso superior e terminar meus estudos e, quando fui decidir realmente qual o curso eu faria, fiquei na dúvida entre Ciências Sociais e Psicologia. Optei por Psicologia por me sentir inspirada por uma amiga, a Bira, já que ela sempre ficava me pedindo ajuda, sempre queria conversar comigo, queria que eu a aconselhasse. Teve até um dia engraçado, ela me ligou para desabafar, para pedir conselho e eu disse a ela que ia começar a cobrar as sessões, já que todo dia eu te atendo alguém. Assim, quando fui fazer o vestibular, resolvi fazer psicologia porque é o que eu gosto e vou seguir. Sinto que tenho essa conexão com as pessoas.

A senhora tem metas ou há ainda algum sonho que queira realizar?

Francisca: Metas, tenho muitas, diariamente penso em minhas metas, coisas do cotidiano que eu me proponho a fazer. Quanto aos sonhos, meu sonho é ver minha última filha formada. Se você pensar, o sonho é uma meta também porque eu me sinto muito realizada tanto quanto profissional como pessoalmente quando com meus filhos estão bem e progredindo. Quero ver minha última filha formada assim como todos os outros já estão. Ela está no caminho, está traçando a sua jornada, sei que vai conseguir. Agora, pensando

bem, especificamente em algo que seja somente para mim, posso dizer que um sonho é viajar para Nova Jerusalém.

Qual o maior desafio já experimentado como mulher roraimense, imigrante?

Francisca: O maior desafio foi enfrentar a questão de gênero que existe no trabalho na feira. Como qualquer feira, a feira do produtor na qual eu trabalho é uma área em que a maioria dos trabalhadores é homem. Existe essa imagem de que feira é lugar de homem, então, muitas vezes, digo muitas vezes mesmo, eu já escutei isso frases como "ah, era para tu ter nascido um homem", "trabalhar assim como tu trabalhas é coisa de homem". Essas falas causam impacto, mas eu sempre respondo: "pois eu prefiro é mil vezes ter nascido mulher", sempre digo "imagina ter nascido homem e ser preguiçoso ainda". Essas falas diminuem a mulher. Eu não gosto, nem de brincadeira, mas escuto muito. Um dia um senhor falou para um dos meus funcionários que "com certeza existe algum homem por trás dessa mulher, porque essa mulher sozinha jamais ia dar conta de conduzir tudo isso, administrar tudo isso que ela faz sozinha". Essa fala reflete muito preconceito e discriminação, pois essa pessoa estava duvidando do meu potencial.

Cite algo que te orgulhe falar que já realizou em sua vida, seja pessoal ou profissional.

Francisca: Eu me orgulho de mim, modéstia à parte, eu me considero uma boa mãe, por ter conseguido criar meus filhos trabalhando aqui na feira como feirante e ter conseguido educar meus quatro filhos. Eu me sinto realizada e muito orgulhosa de ter conseguido formar meus filhos. Eles são pessoas do bem, de caráter, e podem ter também uma vida de oportunidades porque eles têm estudo.

PARTE 2

Mulheres na Política de Roraima

MULHERES NA POLÍTICA DE RORAIMA

A representação política de Roraima, seguindo um processo histórico em que as mulheres foram as últimas a conquistarem esse direito, também seguiu por longas datas sendo majoritariamente escrita por homens. No entanto, cabe destacar aqui que algumas mulheres, apesar das dificuldades para ingressarem, pleitearam uma vaga nesse espaço e assim têm contribuído para a construção da história política desse estado.

In memoriam, Eulina Gonçalvez Vieira é relembrada pela sua inserção como vereadora na Câmara Municipal de Boa Vista e como deputada estadual da Assembleia Legislativa, abrindo de modo pioneiro espaço para várias outras mulheres na política roraimense.

Dentre essas mulheres está Lenir Rodrigues Santos, roraimense, deputada estadual envolvida em projetos de combate à violência contra mulher, bem como de incentivo ao empreendedorismo feminino.

Ângela Portela exerceu mandato de deputada Federal e Senadora, representando Roraima. É autora de projetos que beneficiam diretamente a população, dentre eles a PEC que trata sobre os direitos de trabalhadoras (e) domésticas.

Ressaltamos a atuação dessas mulheres nesse campo. O destaque vale em razão de que ainda é um contexto pouco vivenciado pelo público feminino. As conquistas nesse âmbito, portanto, são muito significativas para nós mulheres brasileiras, ao recordarmos que por muitas décadas o direito ao voto foi motivo de muita luta; então, ocupar de forma efetiva esses espaços de decisões interfere – e muito – em nossas vidas, na quantidade e quantidade das ações propostas e em que tipo de políticas públicas são pensadas para nós.

É importante refletir também que um discurso arcaico que coloca a mulher em situação de desinteresse pela política, inclusive partidária, tem na verdade uma relação direta com outras questões sociais, ligadas ao domínio patriarcal em que as mulheres estão continuamente inseridas em jornadas extensas de trabalhos, somadas a atividades familiares, e que o tempo e apoio para dedicação em atividades com essas características seriam bastante escassos. Esse discurso não reflete a real situação da mulher, que pode ocupar diferentes frentes em sua vida, desempenhando todas com qualidade.

CAPÍTULO 3

Eulina Gonçalves Vieira

EULINA GONÇALVES VIEIRA

Primeira Deputada Constituinte de Roraima



In Memoriam

EULINA GONÇALVES VIEIRA

Eulina mulher determinada
E de grande coração
Que cuidou de 33 filhos
Sem nenhuma reclusão.

A ela devermos respeito
Pois é difícil a convivência de tantos
Em um só meio familiar, em que foi mulher guerreira
E não deixou nada faltar.

Por isso devemos levar
Sua história como exemplo
Para que não venhamos a desistir
Nem um se quer momento.

71 anos de experiência
Talvez por isso se tornou vereadora
Para lutar pelo direito
De uma nação trabalhadora.

Buscando um município melhor
E com mais oportunidade
Em que o trabalhador sofre
Com essa triste realidade.

Onde o cidadão não tem voz
E de respeito tem carência
Onde cada um sofre
Com pessoas de aparência.
Precisamos de pessoas como você
Que trabalham com a verdade
Uma pessoa que conheça
A nossa realidade.

Que já sentiu na pele
Tudo o que é sofrer
E que faça tudo
Que prometeu fazer.

Discente: *Adenailton Pereira da Silva*

EULINA GONÇALVES VIEIRA

Eulina Gonçalves Vieira, filha de Raimundo Vieira e Maria Gonçalves Vieira, nascida no dia 17 de abril de 1947 em Pedreiras no Estado do Maranhão. Teve 33 filhos, entre esses apenas uma é biológica e os demais adotivos, e 20 netos. Ainda criança, Eulina chegou com os pais e mais oito irmãos em Boa Vista em 13 de setembro de 1951 aos 4 anos de idade.

No coração daquela menina havia sonhos que não adormeceram, apesar da idade sempre teve o desejo em ajudar ao próximo. Queria ser missionária, pois ardia em seu coração à chama de levar a palavra de Deus e ajudar aos mais necessitados. Irmã Eulina como era chamada entrou na vida política por incentivos de irmãos da igreja a qual ela pertencia e foi também pelo convite inesperado feito pelo amigo José Fernandes ex-deputado federal de Manaus. De fortes convicções religiosas, desenvolveu trabalho de expressão social, dando assistência aos mais desassistidos, o que lhe granjeou prestígio nas eleições de 1988, para a Câmara Municipal de Boa Vista, e em 1990, para a Assembleia Legislativa Estadual onde exerceu a função de vice-presidente por certo tempo.

Foi Coordenadora da Região Norte da Confederação Evangélica de Trabalhos Sociais, presidente do Centro Social de Integração do Menor Carente Mãe Cota, presidiu várias comissões quando era deputada constituinte, dentre elas a de incêndio em 1998 e a de liberação dos garimpeiros presos na Venezuela em 1993.

Foi fundadora do Centro Social de Integração do Menor Carente Mãe Cota, criado em 01 de novembro de 1989, também designado pela sigla CSIM. Através do CSIM fechou grandes parcerias inclusive com a ADRA (Assistência Adventista de Desenvolvimento e Recursos Assistenciais), com a editora Cook Communications Ministries International, Correios e Embrapa.

Diversos projetos foram executados por meio dessa parceria, dentre eles: projeto Semear, projeto Roraima contra a fome, projeto de defesa do Pequeno Cidadão, projeto Amparo, projeto Esperança e Primeiro Emprego. Foi a criadora e mantenedora da creche Mãe Cota e da Casa de Adolescente Mãe Cota. Sempre empenhada em causas sociais, contribuiu muito com a vinda do medicamento AZT da Venezuela para Roraima para tratamento de AIDS na década de 80 e 90. Conhecida pelo trabalho nas causas sociais em especial a da criança e do adolescente vitimado. Irmã Eulina trouxe para Roraima livros de literatura cristã vindos dos EUA para serem entregues a cada criança e adolescente do estado de Roraima com intuito de despertar a bondade, a cortesia, a generosidade, o respeito ao próximo e a natureza, e ao amor Cristão. Em 17 de janeiro de 2020 na cidade de Boa Vista aos 72 anos irmã Eulina Vieira faleceu de complicações causadas pelo Alzheimer.

Versículos de Salmo 144 do livro de Salmos da Bíblia. Texto citado na íntegra por dona Eulina em visita ao *Campus* Amajari em Novembro de 2018, segundo ela era a reflexão que mais tinha significado em sua vida:

1 Bendito seja o Senhor, a minha Rocha,
que treina as minhas mãos para a guerra
e os meus dedos para a batalha.
2 Ele é o meu aliado fiel, a minha fortaleza,
a minha torre de proteção
e o meu libertador;
é o meu escudo, aquele em quem me refúgio.
Ele subjuga a mim os povos.
3 Senhor, que é o homem
para que te importes com ele,
ou o filho do homem
para que por ele te interesses?

4 O homem é como um sopro;
seus dias são como sombra passageira.
5 Estende, Senhor, os teus céus e desce;
toca os montes para que fumeguem.
6 Envia relâmpagos e dispersa os inimigos;
atira as tuas flechas e faze-os debandar.
7 Das alturas, estende a tua mão e liberta-me;
salva-me da imensidão das águas,
das mãos desses estrangeiros,
8 que têm lábios mentirosos
e que, com a mão direita erguida,
juram falsamente.
9 Cantarei uma nova canção a ti, ó Deus;
tocarei para ti a lira de dez cordas,
10 para aquele que dá vitória aos reis,
que livra o seu servo Davi
da espada mortal.
11 Dá-me libertação;
salva-me das mãos dos estrangeiros,
que têm lábios mentirosos
e que, com a mão direita erguida,
juram falsamente.
12 Então, na juventude,
os nossos filhos serão como plantas viçosas;
as nossas filhas, como colunas
esculpidas para ornar um palácio.
13 Os nossos celeiros estarão cheios
das mais variadas provisões.
Os nossos rebanhos se multiplicarão
aos milhares,
às dezenas de milhares em nossos campos;

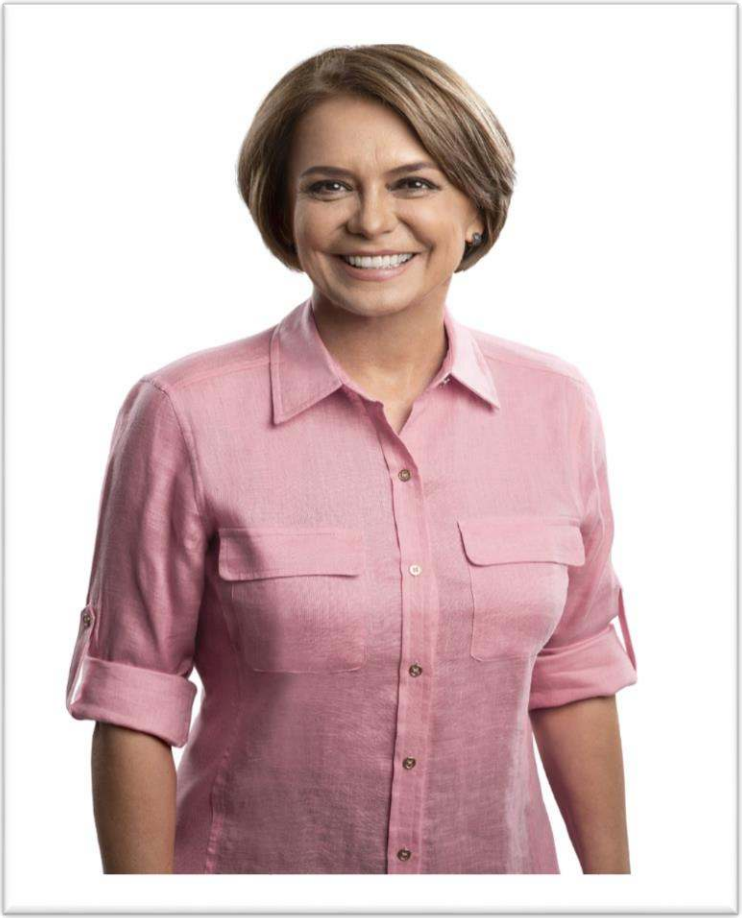
14 O nosso gado dará suas crias;
não haverá praga alguma nem aborto.
Não haverá gritos de aflição em nossas ruas.
15 Como é feliz o povo assim abençoado!
Como é feliz o povo cujo Deus é o Senhor!

CAPÍTULO 4

Ângela Maria Gomes Portela

ÂNGELA MARIA GOMES PORTELA

Senadora



"Eu sou aquela mulher que faz a escola da montanha na vida removendo pedras e plantando flores"

Cora Coralina

ÂNGELA MARIA GOMES PORTELA

No Ceará nasceu,
No Ceará foi criada,
Ótima história para
O estado de Roraima.

No Ceará cresceu,
No Ceará foi bem cuidada,
Se transformou na primeira
Dama do governo de Roraima.

Ângela Portela, senadora linda
e bela, amigável e sorridente,
responsável pela gente.

Professora, chegou ao estado
de Roraima abraçou, Ângela Portela
Sorridente, linda e bela.

Discentes: *Joenilce Barroso*
Luan Ribeiro

ÂNGELA MARIA GOMES PORTELA

Ângela Portela é natural de Coreaú – CE, filha de Francisco das Chagas Gomes e Maria do Socorro Araújo Gomes. Cursou Letras e trabalhou na Rede Estadual de Ensino e na Delegacia do MEC (DEMEC). Chegou em Roraima em 1985 casada com Flamarion Portela. Atualmente mora em Boa Vista.

Hoje ela se dedica mais à família, gosta de praticar exercício físico, ler muito e fazer pesquisas sobre Ciência Política. Também gosta de fortalecer seus laços de amizade com as pessoas que são próximas a ela.

Gosta de estar com a família, acompanhando o desenvolvimento de suas netinhas, Maria Alice e Marina. Para Ângela, a leitura tem sido uma constante nos dias atuais. No momento, está lendo *A cidade das feras*, de Isabel Allende, e *Cartas da prisão*, de Nelson Mandela.

Segundo ela: "Sou professora porque cresci admirando o trabalho de minha mãe e minhas tias lecionando na escola que funcionava pertinho da minha casa. Sou de uma família de professoras". Trabalhou em diversas instituições educacionais na minha cidade natal, Careaú.

Em Roraima, trabalhou na escola Escola Osvaldo Cruz, na Delegacia do MEC e Setrabes. "Nessa fase da minha vida profissional, considero marcante a execução do projeto *Vale Alimentação*, programa de combate à pobreza de forte impacto para as famílias de baixa renda de Roraima".

Ângela diz que ainda tem muitos sonhos para realizar na vida, um deles é poder ter a oportunidade de trabalhar para ter um estado com desenvolvimento econômico e justiça social. Para ela, o maior desafio vivido foi concorrer ao cargo de Deputada Federal e

Senadora e vencer as disputas eleitorais. Isso porque o mundo político é predominantemente masculino e altamente competitivo, dificultando a participação da mulher nos espaços de poder. No exercício das funções como parlamentar, o machismo e a discriminação ocorreram em diversos momentos, de forma sutil, velada, demostrando a faceta de uma sociedade patriarcal e conservadora.

Na vida pessoal ela diz ter muito orgulho de ter duas filhas que dão muito alegria. Elas são responsáveis, inteligentes e carinhosas. Na vida profissional, como Deputada Federal e Senadora, Ângela explica que realizou um trabalho sério, dedicado à Roraima, com resultados concretos em benefícios da população. Ela aponta: "Vários projetos meus se transformaram em leis". Criou, implantou e coordenou o *Vale Alimentação* – o maior programa de transferência de renda de Roraima – que, anterior ao Bolsa Família, do Governo Federal, já distribuía um vale de R$ 60 por mês, para cerca de 60 mil famílias carentes de Roraima. Também coordenou a construção, em regime de mutirão, de mil unidades habitacionais em Boa Vista. À frente da pasta, criou também o Pró-Custeio, que passou a auxiliar mais de 10 mil trabalhadores rurais com R$ 250, duas vezes por ano; o Meu Primeiro Emprego, que encaminhou mais de 2 mil jovens para o mercado de trabalho, e o Alô Mamãe, que fornecia enxoval e leite para milhares de mães e crianças.

Na política de modo geral, defendeu bandeiras sociais importantes. Uma delas foi ampliar a licença maternidade para seis meses, proposta defendida pelos movimentos sociais e de mulheres em todo o País. Ângela Portela transformou essa bandeira em Proposta de Emenda à Constituição, a de número 030/2007, que altera o artigo 34, para assegurar a todas as mulheres o direito à licença maternidade de 180 dias, sem prejuízo do salário e com garantia de estabilidade no emprego.

É também de sua autoria o Projeto de Lei - 1085/2007, que cria o regime especial de inclusão previdenciária, com foco na aposentadoria das donas de casa. Apresentou, ainda, Proposta de Emenda à Constituição (PEC) destinando 10% do PIB para a educação e, no meio do decênio, o que foi acolhido no Plano Nacional de Educação (PNE), em vigor.

Na Câmara dos Deputados, propôs emendas à Lei de Diretrizes Orçamentárias para garantir mais recursos voltados à atenção à saúde da mulher, ao combate à violência doméstica e em apoio aos idosos e pessoas com deficiência.

Trabalhou pela regularização fundiária de Roraima, por mais investimentos em educação, em projetos de desenvolvimento econômico do Estado, como a luta pela retomada do Linhão de Tucuruí, que vai ligar Roraima ao Sistema Interligado Nacional (SIN) e apresentou projeto de descentralização das ações da Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa).

Mantém uma luta constante em defesa dos pleitos dos servidores públicos do extinto território de Roraima, atendendo a todas as categorias, em reivindicações tais como a aprovação de propostas de enquadramento deles nos quadros da União, de reajustes salariais e incorporação de gratificações, do direito ao Reconhecimento de Saberes e Competências (RSC), já conquistado; do acesso à assistência médica (GEAP) e de outras demandas.

Para finalizar, Ângela deixa uma mensagem. “Quero compartilhar com vocês um pensamento/frase de que gosto: ´Eu sou aquela mulher que faz a escola da montanha na vida removendo pedras e plantando flores´” (Cora Coralina).

CAPÍTULO 5

Lenir Rodrigues Santos

LENIR RODRIGUES SANTOS

Deputada Estadual/Defensora Pública



LENIR RODRIGUES SANTOS

Lenir Rodrigues filha de Mucajaí
Pedagoga, Antropóloga, Defensora e Professora
Que estudou tudo isso por aqui.

Está no Segundo mandato como Deputada Estadual,
Viajando e buscando melhoria
Para a saúde e educação social.

Mulher guerreira que nunca abandonou seu lar,
Buscando sempre a verdade
Para o povo ajudar.

Os roraimenses aplaudiram dizendo
Nossa política, nossa educação,
Trabalhando com orgulho e com muita emoção.

Mulher de honra e paz
Que ajuda as pessoas roraimenses,
Que conseguiu no seu primeiro mandato
Ser eleita presidente.

Discentes: *Evair Ribeiro*
Heraclito Santana Martins
Odelino Souza Pimentel

LENIR RODRIGUES SANTOS

De início, é importante deixar claro algo sobre meu registro de nascimento: minha mãe só foi me ter em Boa Vista e voltou porque, em Mucajaí não tinha maternidade, mas eu me considero DE Mucajaí, em todo caso, nasci em Boa Vista.

A minha mãe veio do Maranhão, com 16 anos, não sabia ler nem escrever. Meu pai veio do Ceará, foi trabalhar no sítio do meu avô, que plantava arroz, meus avós eram agricultores pequenos do Maranhão, vieram de lá em 1951.

Antigamente existia aquela história das moças fugirem quando os pais proibiam o relacionamento. Assim foi com meus pais, minha mãe fugiu com meu pai até Tepequém. Meu avô soube que minha mãe foi com minha irmãzinha e minha irmã mais velha, Shirlei Rodrigues, foi de Boa Vista. Nessa situação, para piorar, meu avô soube que minha mãe estava grávida (de mim), então decidiu ir buscá-la a cavalo, de Mucajaí, quando não tinha a estrada. Ele conta que antes tinha uma serra bonita, redondinha. Realmente, quando a gente vai para Mucajaí a gente vê essa serra – não sei por que o pessoal chama essa serra de *Serra do João Carlos*.

Sobre a minha vida profissional, quero contar a vocês que fui Presidente do Conselho da Criança e do Adolescente e participei ativamente na implantação dos Conselhos Municipais e Conselhos Tutelares da maioria dos municípios de Roraima. Fui a Primeira Presidente da Associação dos Defensores Públicos, exerci a Presidência em outro período.

Fui Diretora do Centro Socioeducativo, Escrivã Judicial do Tribunal de Justiça do Estado de Roraima, Sócia Fundadora e Primeira Secretária da Associação dos Servidores do TJ/RR, Defensoria Pública Estadual, fui a Primeira Presidente da

Associação dos Defensores públicos, fui a primeira Defensora Geral do Estado do Primeiro Concurso público, exerci suas funções em Caracaraí; na Execução Penal, atendendo Boa Vista e São Luiz do Anauá, incluindo todos os assistidos do Sul do Estado.

Tenho como formação acadêmica: Pedagogia (UFPA), Letras (UFSM/RS) e Direito (UFRR). Especializações em Direito Civil e Processo Civil, Direito da Criança e do Adolescente, Política Pública de Trabalho e Renda, e PRADIME (Gestão de Secretarias Municipais de Educação). Mestrado em Direito Internacional e Mestrado em Antropologia. Doutorado em Direito Internacional.

Ao longo da vida, tive a honra de receber títulos e condecorações: Cidadã Uiramutaense, Medalha São Joaquim (maior condecoração do Estado de Roraima), Medalha Rio Branco (maior condecoração do Município de Boa Vista), Título "Orgulho de Roraima" (maior condecoração da Assembleia Legislativa de Roraima, "Um Dia com o Conselho" (maior homenagem do Conselho de Cultura), "Amiga da Equoterapia"; "Amiga do 7° BIS".

PARTE 3

Mulheres na Educação de Roraima

MULHERES NA EDUCAÇÃO DE RORAIMA

Pensar a educação de Roraima exige uma reflexão sobre o quanto as mulheres têm contribuído para que este estado se desenvolvesse, inclusive nesta área. Assim, contaremos a história de algumas dessas mulheres, tanto as do estado quanto as imigrantes, que partiram de suas terras natais para contribuir com a educação roraimense, que tinha dificuldade de avançar em projetos maiores por falta de profissionais com formação neste campo.

Joseane Cortez e Sandra Botelho são exemplos. Gaúchas, chegaram em Roraima quando muita coisa era escassa, aqui formaram famílias e contribuíram muito com a rede pública de ensino, Sandra foi a primeira Mulher eleita Reitora do Instituto Federal de Roraima.

Ana Célia e Maria Antonia também não poderiam deixar de ser citadas. Elas, em décadas diferentes, foram Secretárias de Educação do estado de Roraima, fortaleceram a rede pública de ensino, com uma história de muito empenho e acompanhamento ao trabalho de Gestão Participativa, dentre outras frentes de atuação.

Lindivalda Feitosa, nordestina, professora da rede Estadual e Municipal. Desde muito jovem atuou de forma direta em sala de aula na Educação Infantil, EJA e Formação de Professores, além de cargos de Gestão.

Gioconda Martinez, uma forte representatividade profissional feminina no campo das Ciências exatas, é professora do Curso de Engenharia Civil da UFRR. Até o momento foi a primeira e única mulher a ser Reitora geral da Universidade Federal de Roraima.

Pierlangela Cunha, indígena, roraimense, professora da Educação Básica e do Ensino Superior, sempre acreditou na

educação como direito de todos. Hoje é a primeira mulher indígena eleita a ser Gestora Geral de um *Campus* do IFRR, o *Campus* Amajari.

É importante destacar que, embora até o século XX, a função de magistério era uma prática exclusivamente masculina, essas mulheres de forma não simples, mas seguidas de muitos desafios, com suas ações, contribuíram para construção de uma história roraimense mais feminina e atuante, abrindo caminhos para outras percorrerem e construírem histórias de sucesso com mais inclusão, menos preconceito e sexismo. Seus exemplos mostram que as mulheres são capazes de ocupar espaços legítimos de atuação profissional, política de decisões sociais e coletivas.

CAPÍTULO 6

Pierlangela Nascimento da Cunha

PIERLANGELA NASCIMENTO DA CUNHA

Professora



Foto: R. C. Caleffi/UFRR

"Entre fugir da luta e lutar pelos seus direitos, é melhor morrer lutando, essa era minha concepção e sempre foi."

"Um repórter me perguntou no exterior uma vez "quantas Pierlangelas têm no Brasil para falar dessa forma?". Digo milhares, existem outras milhares precisando ser reconhecidas. E eu estou representando minha mãe, estou aqui por minha mãe, é uma homenagem a ela."

PIERLANGELA NASCIMENTO DA CUNHA

De origem Wapixana
Sem medo de falar,
Com o sorriso no rosto,
Ela vem alegrar.

Comunidade da Barata ela nasceu,
Sua história é brilhante
Tem um sorriso radiante,
E sua dificuldade venceu.

Muito nova começou a trabalhar
Viveu muitas coisas, tem experiência para contar.

Mesmo sendo ameaçada de morte
Ela nunca parou de lutar,
Mulher de pensamento forte
Sabia onde queria chegar.

Em meio a tantas dificuldades ela nunca desistiu,
Após chegar a Amajari assumiu o projeto *Mulheres Mil*.

Professora Pierlangela direção de ensino assumiu,
Pessoa guerreira, conhecida por todo o Brasil.

Discentes: *Gabriel Coelho Souza Barbosa*
Hellen Débora Carvalho da Silva

PROFESSORA PIERLANGELA NASCIMENTO DA CUNHA

Pierlangela Nascimento da Cunha, eu tenho quarenta e quatro anos, apesar de não parecer, mais é a genética de não se preocupar muito, fazer tudo que tem que fazer sem se estressar, isso é importante.

Vou começar falando da minha história até chegar aqui no Instituto Federal de Roraima *Campus* Amajari. No Instituto estou apenas há quatro anos, mas desses vinte e dois anos de carreira profissional eu já trabalhei em vários lugares.

Eu nasci na comunidade da Barata, eu sou do povo Wapixana, a maioria da Barata é Wapixana. Passei a minha infância na comunidade da Barata, sempre estudando muito, tinha fixação por leitura, eu gostava de estudar bastante. Lembro que tive um professor que fez a diferença na minha vida. Eu gostava muito de estudar, mas a minha mãe não gostava de me deixar ler, eu tinha que fazer as coisas de casa como mulher, desde cedo: cozinhar, cuidar dos irmãos, lavar roupa, cuidar de casa.

Então, toda minha vida a minha mãe exigia que eu fizesse isso antes de ir para a escola, só ia para escola depois que cumprisse todas as obrigações em casa. Assim, fui criada nesse ritmo, de fazer as coisas primeiro antes de ir para escola, não podia, por exemplo, ficar dormindo: eu acordava cedo, tinha que banhar as crianças, ajudar a mãe em tudo.

Chegou um professor com sua família. Eram novos na comunidade, tinham vindo de São Paulo. Um dos nossos professores gostava muito de livros de bolso de *faroeste (Texas)*, então o professor começou a me emprestar esses livros, eu como gostava de ler, lia escondido da minha mãe quando ela mandava fazer as coisas

logo corria, naquela época não tinha energia em casa, era a luz de vela, lamparina. Eu ficava à noite, ela deixava até certo minuto porque ia ter problema de visão, tudo isso tinha dificuldade, nisso ela estava certa.

Então eu gostava de ler *gibis*, na comunidade não tinha isso, não tinha pessoas que tinham esses livros. Eles me incentivaram, como eu gostava de ler, gostava muito, foi uma paixão da minha vida a leitura, até nos dias de hoje, é tanto que eu fui para a área de Ciências Sociais porque ler bastante e eu gosto muito de ler, é tanto que tenho mania de comprar livros que eu ainda não li na minha biblioteca, mas é um hábito que eu tenho desde lá. Na comunidade eu tive uma infância tranquila, porque sem violência, uma família bem estruturada, eu tenho cinco irmãos mais velhos e cinco mais novos, então sou a do meio fui a premiada.

Minha mãe e meu pai viveram até o fim da vida, não tenho mais pai, mas tenho minha mãe. Fomos criados muito unidos e uma coisa, a gente não pegava nada de ninguém, então os princípios morais da família sempre foram respeitar os mais velhos, não pegar nada de ninguém, não mentir… foram esses princípios. Quando um mais velho estava conversando ninguém nem passava na sala em lugar nenhum. Eu sou do tempo que alguém está falando eu ouço, porque foram princípios muito dentro de família, até hoje nós somos onze irmãos, nos falamos e nos ajudamos, é uma coisa que eu levo na minha vida o respeito às outras pessoas independentes se elas são mais velhas ou mais novas ou se são ricas e pobres, o que elas fazem foi um princípio básico que meus pais ensinaram dentro de casa, isso a gente leva para o resto da vida.

Saí da comunidade porque meu pai era servidor público, ele era vigia da escola era da *união.* A minha irmã foi para a sede do município de Alto Alegre, eu fui porque meu pai… eu saí e fui estudar na sétima série, passamos para a sede do município e lá eu fiz até o primeiro ano, sempre no primeiro bimestre eu já eliminava

todas as notas, gostava de estudar, terceiro bimestre, quarto bimestre era só para tirar nota, bagunçar com os outros, pessoal que gosta de estudar quarto bimestre é só para tirar onda com os outros colegas. Eu nunca fiquei de recuperação, talvez pelo fato de gostar de estudar, de ler então isso influenciou.

Em Alto Alegre, o professor Aldenor foi meu professor lá e hoje nós somos colegas de trabalho, ele justamente era nessa época que eu saí da comunidade porque meu pai era transferido para a sede municipal, então o professor Aldenor era exigente do jeito que ele é, ele dizia **estuda jovem** era o lema dele, era do mesmo jeito que é hoje. É tanto que me incentivou que depois eu ia para a área de matemática, fazer administração, área de exatas e até na minha graduação quase ia fazer matemática, mas de repente por uma mudança de pesquisa que eu fiz acabei indo para área de humanas. A gente pensa às vezes em ir por um caminho e segue por outro. Lá em Alto Alegre eu fiz o teste para a escola agrotécnica na época, que era um teste super difícil, passei e onde funciona o prédio hoje estudei lá quando mudou para ali, primeiro ano que funcionou aquele prédio que é o IFRR-CBV, eu estudei lá, ia fazer o curso de eletrotécnica, tinha outras opções, mas eu queria fazer esse curso, "cabeça de jovem". Lá foi engraçado porque foi uma experiência que eu vivi em cidade, as pessoas que moravam lá eram pessoas que estudavam na escola técnica eram pessoas que… os filhos do Abel Galinha é um empresário grande em Boa Vista. Os meus colegas eram dali da área nobre aonde é a praça das águas atrás, só quem veio do interior era eu e o meu colega que era de Mucajaí, ficou muito engraçado no primeiro dia de aula nós dois nos identificamos e sentamos no final da sala, os demais não tinha intimidade com a gente, eu e ele tiramos a melhor nota da sala e eles não, isso era muito impactante, por que a questão financeira deles era outra, a gente andava junto porque se identificava.

Nas primeiras provas a professora Sandra Mara era nossa professora de língua portuguesa, tínhamos bons professores, então a turma foi se aproximando por causa das notas altas, hoje nós temos um grupo dessa turma da escola técnica, temos um grupo de *WhatsApp* a maioria são engenheiros, professores e ocupam diversos cargos. Foi uma experiência que eu tive e naquela época eu perdi, tinha que renovar a matrícula e eu não tinha renovado a matrícula, então continuei estudando em Alto Alegre, depois eu voltei para Boa Vista novamente para terminar o terceiro ano.

Nesse processo quando eu tinha dezoito anos, quando eu estava estudando em Boa Vista, convite saiu, nós nunca tivemos condições financeiras meu pai era funcionário público e minha mãe cuidava de casa, aconteceu que teve um pessoal que morava em Alto Alegre e convidou a gente para eu ajudar eles num comércio que eles tinham, eu tomava conta do comércio durante o dia e a noite eu ia estudar no Camilo Dias, porém, antes lá em Alto Alegre eu já comecei a trabalhar, quando eu cheguei em Alto Alegre meu pai ele fazia quibe (salgado frito ou assado), pensei, então eu vou vender, nunca tive vergonha de trabalhar, independente de qualquer profissão, eu queria ganhar meu dinheiro e comprar umas coisinhas para mim.

Então ele fazia uma bacia de quibe, colocava ela sobre a cabeça e ia para a prefeitura, escola falando "olha o quibe, olha o quibe" vendia tudinho, quando chegava em casa meu pai me dava um trocado, era todos os dias até que o negócio cresceu que meu pai teve que comprar uma bacia maior tipo aqueles carrinhos de pipoca, ele comprou daquele e a gente já vendia outros tipos de salgado e suco, então o negócio prosperou e eu vendia, como eu não queria me desfocar do estudo, meus irmãos tomaram de conta e eu fui tomar conta de uma livraria, tinha quinze anos.

A honestidade foi uma das coisas que mais me abriu portas e oportunidades nessa vida, nunca peguei um centavo de ninguém.

Com 17 anos eu trabalhava na comissária da *Varig,* eu era gerente, em Boa Vista. Princípios levam a gente a muitos lugares, isso me deu oportunidade profissional. Quando eu saí de Alto Alegre para Boa Vista eu tomei conta desse comércio trabalhava o dia todinho e a noite eu estudava, terminei meu ensino médio, então eu quis mudar, trabalhava de segunda a sábado e domingo era o dia para lavar roupa.

Coloquei meu currículo em outra empresa, fui trabalhar em um hortifruti, trabalhava de segunda a sábado, mas tinha uma vantagem, sábado eu levava o almoço bem mais barato para casa, então eu já morava, pagava o aluguel e era louca por tênis, tinha uma ficção porque eu sempre gostei de esporte, eu corria e sempre fui muito atleta, corria três km, cinco km, jogava voleibol. Todo meu salário eu queria comprar um tênis legal da Nike, adidas… coisas de adolescente. Eu ficava fissurada, meu salário era bem pouquinho, não era muito grande só dava para pagar o aluguel e comprar tênis, comprar uma coisinha.

Nesse período eu completei dezoito anos, tive meu primeiro namorado e o que aconteceu? Eu não me cuidei e engravidei, mas já morava sozinha, trabalhava de comissária da Varig, eu tinha um bom salário com dezessete anos, eu tinha um bom salário bem alto mesmo porque eu trabalhava de seis a três horas da manhã, na comissária tinha dois voos, então era uma coisa fantástica eu tinha uma equipe que comandava, fazia comida. Essa empresa era grande e fazia um bife, fazia festas para a alta sociedade, era uma empresa que tanto fornecia alimentação para os aviões da Varig, quanto fazia festa. Eu era da comissária gerente dessa parte das alimentações. Nesse período eu engravidei e comecei a enjoar o cheiro da comida, porque eu tinha que verificar toda a comida que ia para o avião, tinha que verificar se toda alimentação estava boa porque os passageiros eram muito exigentes, pessoal que tinha dinheiro sempre exigia bastante. Nesse período eu estudava à tarde, saía da escola direto para o

trabalho e chegava em casa três horas da manhã, dormia até umas onze horas AM, fazia o almoço e ia para a escola.

Quando eu engravidei parei de estudar e trabalhar por causa de um problema na coluna, não conseguia ficar sentada, nos primeiros meses, mas depois a coluna voltou ao normal, a barriga cresceu demais, era magrinha... Quando eu retornei, retornei para uma empresa chamada Expansão, fui trabalhar como auxiliar.

Naquela época os computadores eram daqueles grandões, da época que eu comecei a trabalhar era da tipografia aquelas manuais que passava "tec tectec" catando feijão, o teste foi assim muito engraçado que tinha a máquina elétrica, eu nunca tinha pego na máquina elétrica só sabia aquela manual e a máquina elétrica era novidade nas empresas só grandes empresas tinham ela, era muito interessante eram duas disputando a vaga, eu falei eita eu não vou consegui a vaga, mas vamos tentar e fui lá concorrer, nós duas, tinha que ver quem digitava mais rápido era correndo contra o tempo, muito interessante por que eu não consegui a vaga e fiquei como auxiliar, ela ficou na loja, mas foi uma experiência incrível profissional foi aonde eu aprendi tudo sobre gestão que eu sei hoje, tudo o que eu aprendi com essa pessoa que era um profissional, Dr. Sérgio dono da empresa tinha paciência, paciência de ensinar muitas das coisas que eu levo do profissional hoje eu aprendi por que eu ficava prestando atenção.

Era assim, tinha um documento que ele dizia e anotava tudinho e dizia isso aqui à margem é tanto… ele nunca alterava a voz comigo ou com a gente ele era um professor e dono da empresa, ele dava a porcentagem da empresa, do lucro 5%, então já ganhava uma coisinha e tinha gosto de trabalhar, nessa empresa ele contratava muitas pessoas para trabalhar na empresa, tinha outra coisa que ele cobrava da gente, eu era responsável pelo office boy, eu tinha que abrir as cartas, é aquela pessoa que abre as cartas e paga as contas, ia fazer todo serviço de ir para a empresa. Um dia eu morrendo de

fome, tinha uma conta para pagar e no outro dia eu abri a conta, o banco já estava fechado, pagaria juros e os juros eram descontados do meu salário, nunca mais eu fiz isso, podia estar com fome, mas abria antes de comer. Então essa foi a minha experiência com ele.

O meu filho já estava com um ano e quatro meses, e aí um conhecido meu que trabalhava com minha irmã na secretaria disse:

- Você quer ser professora? Eu falei como assim? Só tinha o ensino médio e não tenho curso para ser professora. Ele falou:

- Não a gente tem vaga e depois fazemos a formação, faz o magistério.

Mas como assim? Vamos lá e me mostrou as comunidades indígenas, até então eu me considerava indígena, mas não frequentemente que isso era repetido com tanta frequência. Ele disse você escolhe uma comunidade para dar aulas, meu filho com um ano e quatro meses e falei eu vou. Eu tinha apenas o meu filho, uma cama, um fogão e minhas malas de roupas.

Morei em uma casa de adobo, as casas na comunidade eram feitas assim, sem piso. Morava com três professoras e começamos a trabalhar foi a minha paixão. Eu sempre dizia que eu nunca ia ser professora porque as minhas irmãs eram professoras e eu via o trabalho delas, então preferia a parte administrativa.

Me colocaram em uma de alfabetização, foi aonde eu aprendi o valor de ser professor e me apaixonei. Nessa comunidade foi onde eu entrei no movimento indígena que mudou a minha vida, a minha causa e o que eu sou hoje. Foi onde eu me declarei Wapixana, onde falei Wapixana pela primeira vez. Algumas mulheres não sabiam escrever o próprio nome, então resolvi fazer assim, eu as ensinava a escrever o nome e elas ensinavam a falar Wapixana, então pela primeira vez eu falei a minha língua.

Trabalhei na escola no município de Cantá Tuxaua Luiz Cadete onde eu fiz minha pesquisa de mestrado numa comunidade chamada Canãauni. É uma comunidade que faz o intercultural, todo ano tem esse evento que é muito bonito foi uma iniciativa que a gente ajudou a criar. De lá eu fui para a comunidade Boca da Mata em Pacaraima. Fui coordenadora dos professores indígenas em Roraima, que é a maior organização que tem e que trata sobre o direito dos professores indígenas em Roraima. Sempre quis o melhor para as escolas dos interiores, apesar de serem as mais esquecidas.

E essa foi a nossa luta para se reconhecer a língua, cultura indígena. Depois fui eleita mais dois anos pela organização. Depois fui escolhida a representante das organizações indígenas em 2007 (na Comissão Nacional de Política Indigenista- Ministério da Justiça) nessa comissão nos sentávamos com o Presidente na época o presidente Lula depois com a Dilma e com os ministros para discutirmos as políticas públicas, fui participante dessa Comissão por 7 anos, até vir para Amajari. Terminei minha graduação, ajudei a construir o Instituto Insikiran na UFRR e fui do conselho do instituto por 10 anos. Fui a primeira presidente do Centro Acadêmico da Licenciatura Intercultural. Participei de Comissões do MEC sobre produção de livros. Profissionalmente eu participei de todos os cargos que eu queria, representando sempre os Indígenas. E o maior desafio que tive nessa vida profissional foi a questão da Raposa-Serra-do-Sol. Fui à Europa fazer a campanha Internacional, fui em seis países, juntamente com o Seu Jaci, pois nunca fazemos esses trabalhos sozinhos. Fui ameaçada de morte, passando três meses sobre a escolta da Polícia Federal. Eu e meu filho estamos na "lista dos marcados para morrer".

Entre fugir da luta e lutar pelos seus direitos, é melhor morrer lutando, essa era minha concepção e sempre foi. Vi muita gente morrer pela causa, por isso nunca "voltei". Fui presidente da

operação que fez a Reocupação da RSDS. Episódio muito importante: na última reocupação na RSDS, em uma reunião em que havia vários "parentes" que não se falavam e havia muito receio de tumulto e confusão, portanto estavam presentes a FUNAI e a Polícia Federal, pedi que eles saíssem e conversei apenas com os indígenas e nós só saímos dali de mãos dadas. Esse foi um dos episódios que mais me marcou. Contribui para que houvesse a paz, depois de tantos anos de conflitos.

Hoje não me sinto uma pessoa velha, sei que possuo muita experiência. Já passei por muita coisa nessa vida e o mais importante é que lidei com pessoas. Lidar com pessoas faz me sentir humana e não me distanciar daquilo que eu sou. Fui fazer mestrado na UFAM, passei vários meses em um quartinho mofado. E sempre botei em minha cabeça que aquilo era um período e que mais tarde eu seria recompensada. Fiz o concurso para a FUNAI e não passei por causa de uma palavrinha que errei. Em 2013 fiz o concurso do IFRR passei e estou aqui. Me afastei dos movimentos. Cheguei aqui e assumi Mulheres Mil. Se eu puder levar a oportunidade a um lugar distante eu usarei a minha posição para isso. Não posso pensar só em mim.

Eu estou aqui, mas não perdi minha essência isso é o principal. Tudo o que fiz não foi pensando no que receberia em troca, mas sim pensando naquele que não teve a oportunidade que eu estava tendo. Um ato às vezes muda muitos. A pessoa que faz a limpeza daqui merece o mesmo tratamento que um professor recebe no dia a dia.

Um repórter me perguntou no exterior uma vez "quantas Pierlangelas têm no Brasil para falar dessa forma?". Digo milhares, existem outras milhares precisando ser reconhecidas. E eu estou representando minha mãe, estou aqui por minha mãe, é uma homenagem a ela.

Débora Carvalho: Tem alguma frase que lhe represente ou algo que goste de mentalizar em sua vida cotidiana?

Pierlangela: A minha frase preferida é aquela que devemos ter amor ao próximo. Devemos pensar nos outros.

Débora Carvalho: Diante de tantas coisas que você contribuiu, qual foi à experiência que mais se orgulha?

Pierlangela: O que mais me marcou foi essa questão das terras indígenas da Raposa Serra do Sol, no momento eu que vi os parentes e familiares se reconciliando depois de muitos anos de contra e a favor. Senti o abraço das pessoas e que aquele gesto era verdadeiro. Foi o que marcou minha vida profissional.

Débora Carvalho: Quantas metas e sonhos ainda pretende realizar em sua vida?

Pierlangela: Eu quero terminar meu Doutorado, viajar, conhecer pessoas e continuar sendo professora.

Débora Carvalho: Em algum momento você já sofreu algo relacionado ao machismo, preconceito no exercício das suas funções?

Pierlangela: Na cultura indígena é mais comum os líderes serem do sexo masculino com o tempo foi mudando isso. No mundo onde eu vivi fui o diferencial, era uma mulher representando os homens, mas sempre senti muito respeito em relação a isso.

Débora Carvalho: Qual foi seu maior desafio como mulher roraimense?

Pierlangela: Estar na frente da federação das organizações indígenas, foi meu maior desafio porque como mulher temos nossas fragilidades.

Débora Carvalho: Fale sobre alguma coisa que goste de fazer em momentos de lazer.

Pierlangela: Assistir TV e ir ao cinema.

Débora Carvalho: Qual foi o ano em que ingressou na universidade?

Pierlangela: Entrei na universidade no ano de 2002.

Débora Carvalho: Em que ano iniciou sua carreira como professora?

Pierlangela: Em 1996.

Débora Carvalho: Qual o dia do seu nascimento?

Pierlangela: Nasci no dia 15 de novembro de 1975.

Professora Jacinta Rodrigues: É um pouco difícil conciliar a tarefa de mãe e professora, então eu queria saber quem te ajudou nesse processo, quem ajudou a cuidar do seu filho enquanto você participava dos movimentos e projetos indígenas? E a outra pergunta, qual o seu é o seu maior objetivo enquanto diretora de ensino de uma das escolas mais renomadas de Roraima?

Pierlangela: Quem me ajudou foi a minha família, minha mãe e minhas irmãs e o pai do meu filho, foi um pai presente, cuidou dele, passou mais temo com ele do que comigo na comunidade. Enquanto professora e diretora, pretendo cumprir com minhas tarefas e funções e fazer meu Doutorado.

CAPÍTULO 7

Sandra Mara Dias Botelho

SANDRA MARA DIAS BOTELHO

Professora, ex-reitora do Instituto Federal de Roraima (IFRR)



"Família é tudo de bom não importa a família que você tem, se dedique a ela"

SANDRA MARA DE PAULA DIAS BOTELHO

Sandra Mara é uma mulher guerreira
Cheia de sabedoria e muito importante
Não só na reitoria
Mas também em todos os campi.

Mulher que luta pela educação
Não só no nosso estado
Mas também por toda nação
Reitora amada e querida
Que tem grade coração.
Para o instituto é uma alegria
Traz paz, amor e harmonia.

Exemplo de mulher no ramo da educação
Ajuda os alunos com alegria nas mãos
Sorriso no rosto significa emoção
Caráter de ser mulher e ter afeição.

De Novo Hamburgo paraRoraima
Sandra Mara teve que batalhar
Ao entrar no Instituto
Sandra sabe o que é amar.

Discentes: *Sérgio Medeiros*
João Alves

SANDRA MARA DE PAULA DIAS BOTELHO

Cheguei em 1980 em Roraima. Eu sou do Rio Grande do Sul, da cidade de Novo Hamburgo. É escrito com H, pois faz menção à cidade de Hamburgo, na Alemanha. Hamburgo é uma cidade de imigrantes alemães que saíram de lá, após a guerra na Alemanha, e vieram para o Brasil se instalar e formar essa nova cidade, que foi de onde eu vim. E vim para Roraima porque os meus pais haviam se separado e fui morar com um irmão meu, que era militar e estava aqui. Então, meu pai achou melhor que minha educação fosse cuidada por ele. Eu não era formada, só tinha, na época, o que hoje é o Ensino Médio de vocês.

Quando cheguei aqui, Roraima precisava muito de professores e eu tinha terminado o meu Ensino Médio, que inclusive foi em magistério, que era uma formação de professores. Comecei a dar aulas para alunos de terceira à quarta série, isso em 1980. Na época que terminei a escola não tinha faculdade, então fiquei estacionada quase um ano sem fazer vestibular e sem estudar. Ingressei em um curso superior no ano que eu estava falando, 1980.

Aqui ainda era território federal e tinha a escola técnica no território. Em 1988 foi aprovada a Constituição Federal e Roraima se torna estado e, por isso, a escola técnica teve que ser federalizada. Em 1983, ela passou a ser Federal de Roraima. A Lei de criação dela foi de 8.673/30, de junho de 93. Só tinham dois cursos: edificações e eletrotécnica. A escola técnica preparava e qualificava profissionais para trabalharem na área de engenharia ou na área de eletrônica. Só que veio um diretor de fora, primeiro diretor da escola técnica, professor Wagner José, que veio da escola de Goiás. Ele tinha uma visão futurista e como Roraima estava se tornando estado, iria precisar de mão de obra, não só de engenheiro e de edificações,

mas de professores, agrônomos, porque tinha muita terra e elas têm que ser medidas, topografadas, ou seja, precisaria abrir novos cursos.

A escola técnica Federal de Roraima foi um avanço e náufrago de cursos. Trazendo novos cursos, precisava de mais profissionais e professores, então veio muita gente de fora. O trabalho de vocês era fantástico, do ponto de vista dos imigrantes. Com isso, a Escola Técnica Federal de Roraima passou a ser assim, todo mundo queria fazer o teste para ingressar. A prova de seleção assustava a todos, pois era bem difícil de ser aprovado. Na época, todo mundo tinha essa ideia de que tudo era mais difícil.

Então, a concorrência foi aumentando na mesma proporção dos cursos. Novos foram sendo implantados e os candidatos aumentando. Eu lembro que trabalhei aqui, eu sou desse *campus*. Eu, professora desse *campus*. Sou professora de Português e Inglês e trabalhei em uma comissão de seleção, na época, de um curso muito famoso, o de secretariado. Mantinha o curso Informática e de Secretariado. Chegou até doze candidatos concorrendo a uma vaga, doze para uma, era muita procura e pouca oferta.

Já em 2002, a escola técnica se transforma em Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET). Antes do Instituto Federal foi CEFET. A diferença entre Escola Técnica e CEFET é que a primeira só oferta cursos técnicos, já a segunda podia ofertar cursos superiores. O primeiro curso superior foi aqui, o de Turismo. O segundo foi de Educação Física, depois vieram outros. Até que, em 2008, o CEFET foi transformado em Instituto Federal. E o que significou isso? O CEFET oferecia curso superior e o Instituto Federal, além de ofertar os cursos técnicos e superiores, também passou a oferecer os de pós-graduação em nível de especialização, mestrado e doutorado.

Além disso, os Institutos Federais trabalharam com a expansão. O *Campus* Novo Paraíso era uma UNED, depois é que ele

se tornou *campus*. No Amajari, foi fundado em 2008, tendo suas aulas na escola Ovídeo. O novo prédio foi instalado em 2010 e hoje nós temos uma boa extensão. O Instituto Federal de Roraima possui cinco campi, contando com o *Campus* Avançado Bonfim, que é de responsabilidade da Reitoria, que é quem oferece suporte ao *campus*. Ele não oferta os cursos técnicos, só tem cursos subsequentes. Só para quem já tem o Ensino Médio. Se quiserem depois me procurem para saber o que é a reitoria.

Então, quando você cumpre com sua responsabilidade, a comunidade vai vendo o seu desempenho como aluno, como profissional. E foi assim que acabei sendo convidada para trabalhar aqui. Foi para ser coordenadora de Comunicação Social. Na ocasião, o diretor me falou assim: "eu vejo que a senhora dá aula de português, de inglês e que antes de vir trabalhar na instituição, já trabalhava numa TV que se chamava Rede Manchete e que hoje é a TV Boa Vista". Eu trabalhava na correção dos textos dos jornalistas, porque eu era professora de português.

Ele continua: "eu quero que a senhora assuma o cargo de Coordenadora de Comunicação Social". Até então, eu nem sabia do que se tratava o assunto, foi aí que ele falou: "a senhora vai trabalhar com textos, divulgações dos eventos que tem". E aí eu comecei a trabalhar nisso. O ministro da educação na época, chamado Paulo Renato, expediu uma carta a qual dizia que as pessoas que trabalhavam na parte da Comunicação Social das Instituições Federais tinham que ter o curso de Jornalismo, então eu prestei vestibular de novo na UFRR.

Fiz a faculdade e fiquei com duas formações: Jornalismo e Letras Português. Trabalhei na TV Roraima, na folha de Boa Vista. Naquele tempo não era proibido trabalhar em uma instituição federal e mais em outro lugar. Hoje a lei não permite e, muitas vezes, as pessoas dizem: "professora, a senhora pode dar aula em cursinho tal... dar aula particular..." Não posso porque todos nós temos

dedicação exclusiva, principalmente tendo cargo de professor. E, às vezes, eu recebo denúncia de alguns professores que não respeitam essa regra. Então eu apuro e, quando necessário, aplico punições severas.

Algumas vezes, a vida pública se mistura com a vida profissional. Eu me casei em 1997. Tive a minha primeira filha no ano de 2000 e, muitas vezes, eu não tinha com quem deixar e acabava precisando levar comigo para dar aula. Levava colchonete, mamadeira, bolsa com fralda, com tudo. Deixava lá no cantinho e, quando era o intervalo, trocava fralda e dava mamadeira. Minha filha praticamente se criou aqui nesse ambiente, andava por aí brincando com outras crianças. Hoje, três delas estudam juntas na universidade.

O nome da minha filha é Morgana. Quando ela cresceu, um dia ela me surpreendeu dizendo assim: "Mãe, por que eu tenho que estudar em uma escola particular, se a senhora é professora na rede publica? Eu quero ir para uma escola pública". E ela foi. Lá que ela começou a se desenvolver, a participar de olimpíadas de Língua Portuguesa, olimpíadas de Matemática, História. Nas escolas particulares não é disponibilizada tanta facilidade como é no serviço público. Ela terminou o nono ano lá. No primeiro, no segundo e no terceiro ela ganhava uma bolsa de R$ 100,00 para estudar. Ela foi colocando esse dinheiro na poupança. Estudar em uma escola pública no Instituto Federal abre muitas oportunidades. Abracem essa causa! A escola pública tem muita dificuldade e o público é para o povo.

Semana passada estávamos em Brasília para aprovar o novo orçamento para 2019. A situação está caótica. Do ano de 2018 foram cortados 10% do orçamento normal. Mas, voltando para minha filha, ela falou: "Mãe, eu vou passar na prova do instituto". E passou para o curso de Informática. Hoje ela é Técnica em Informática e já trabalha. Não é só porque ela é filha de reitora que ela não pode. No turno da manhã ela trabalha e nos turnos da tarde e da noite faz

faculdade. Quando ela entrou no IFRR alguns colegas achavam que ela teria motorista particular, por ser filha da reitora. O motorista é da instituição nem eu uso motorista do IFRR particular.

Nas horas vagas eu sou escoteira. Minha filha, meu marido e eu costumamos acampar no final de semana. Vamos para o meio do mato e eu os ensino a fazer comida, armar barraca etc. Na minha vida profissional a coisa mais importante que me aconteceu foi vir trabalhar no Instituto Federal, a segunda foi eu me tornar reitora. Minha maior meta é ver minha filha feliz. É o que toda mãe e pai querem. Eu sempre ouvia as pessoas dizerem: por que vocês gaúchos vêm lá de longe tirar a vaga de quem é daqui? Eu não estou tirando a vaga, eu estou concorrendo de igual para a igual.

Minha maior dificuldade é na parte das obras, quando eu ponho um capacete e falo com um engenheiro e ele diz "quem é essa mulher?" Eu sou a reitora... Tenho que ver o que estou pagando, as obras da Zona Oeste demoraram muito para serem terminadas, eu tomei uma decisão de que, em fevereiro, os alunos entrariam naquela escola. E entraram! O prédio ainda não está totalmente pronto, mas os alunos estão lá.

Voltando para parte de mãe: eu estava fora e escrevi no aniversario da minha filha uma carta. Salvei em PDF e mandei para o *WhatsApp* dela. Eu estou aqui por livre e espontânea vontade, sou contra algumas questões do IFRR, isso é o meu desafio, mas o tempo é o melhor remédio para curar a dor de todos nós. Passamos por problemas e o meu maior problema foi quando meu marido foi diagnosticado com epilepsia congênita, eu não conseguia entender esse desafio... **Família é tudo de bom não importa a família que você tem, se dedique a ela.**

CAPÍTULO 8

Maria Antonia de Melo Cabral

MARIA ANTONIA DE MELO CABRAL

Secretária de Educação



MARIA ANTONIA DE MELO CABRAL

Ela é a melhor professora
Que muita gente viu,
Chama-se Maria Antonia
Conhecida por todo Brasil.

E hoje conta sua história
Com amor e emoção
Para mostrar que uma mulher
Tem força e determinação.

Também uma grande secretária
Aos olhos de quem vê
Tudo isso ela é
Porque foi a educação que ela escolheu
Como seu modo de viver.

Com sorriso no rosto
Felicidade no coração
Assim continua ensinando para o povo
Uma nova educação.

Com tudo conquistado
Roraima só tem a agradecer
Parabéns, Maria Antonia, você fez por merecer.

Discentes: *Ariel Araújo Cardoso*
Geiziane Ferreira da Silva

MARIA ANTONIA DE MELO CABRAL

Sou de Roraima. Meus pais já nasceram em Roraima. Veio da Paraíba a família da minha mãe, a família do meu pai veio do Rio Grande do Norte e quando meus pais se casaram, moraram no interior com todos os filhos. Eu tenho seis irmãos e todos nós nascemos/moramos no interior. Só viemos morar em Boa Vista já com idade escolar para frequentar a escola. Meu ensino primário foi na Escola São José, o ginásio foi na Escola Euclides da Cunha que era comandada pela Igreja Católica, pelos padres.

Ao terminar a Euclides da Cunha, ainda morava com minha mãe porque meus irmãos haviam saído de Roraima para fazer curso superior. Abriu, naquela época, o que eles chamavam de "Ensino Pedagógico", que fica no nível médio para formação de professores: o magistério. Então comecei a fazer o magistério em 1964, era a primeira turma dessa escola e, provisoriamente, nós ficamos na Escola Oswaldo Cruz e depois mudamos para a Escola Monteiro Lobato. Quando chegamos ao Monteiro Lobato, no segundo ano, já comecei a dar aula, pois como tinha facilidade de trabalhar com a matemática, o próprio professor da Monteiro Lobato quis que eu desse aula lá mesmo. Então eu estudava à noite, fazendo o magistério, e de dia eu lecionava para a quinta à oitava série. Logo, comecei a lecionar aos dezesseis anos, primeiro peguei uma turma de alfabetização e fiquei só esse primeiro ano e depois fui lecionar para a quinta à oitava série.

Em 1966 tive que ir para Minas Gerais porque minha mãe adoeceu e foi uma doença assim... que as freiras do hospital que ela foi atendida nos indicaram [não teve continuação!] continuação...: Minha mãe precisou viajar para Minas Gerais por motivos de doença e eu consegui, via Governo do Estado, de última hora. Em uma semana eu tranquei tudo aqui, peguei minha transferência e fui

embora com minha mãe sem saber se eu ia ou não continuar com o estudo. Lá, consegui ingressar na escola pública do Estado e finalizei. No ano seguinte, começou a funcionar a faculdade de Três Corações, então, quando foi fundada a faculdade, fiz parte das primeiras turmas e cursei Licenciatura em Matemática. Morei em Minas Gerais por seis anos.

Quando concluí o curso, em 1971, voltei para Roraima. E em janeiro de 1972, fui contratada para trabalhar na secretaria de educação, só que como no Estado havia falta de profissionais com nível superior, comecei a lecionar matemática à noite e de manhã trabalhava na secretaria de educação. Assim, lecionei do ano de 1972 até 1975. No ano de 1975, participei de uma seleção para fazer um curso que, na época, era para o mestrado, só que não concluí a defesa. Fiz toda essa parte em Campinas e fiquei um ano com bolsa da OEA, no Ensino de Ciências, que juntava profissionais de várias áreas e tinham não só brasileiros, sendo um de cada Estado, mas também do exterior. Depois desse curso voltei para Roraima e não fui mais para a sala de aula, fiquei apenas como técnica. Assumi chefias, então fiquei essa época na área de planejamento e instalei o setor de estatística, que até hoje funciona. Nesse setor de estatística que fiquei, isso foi em 1983, já na época do Ottomar, que implantou a Escola Agrícola, em 1982. Ao implantar a Escola Agrícola ele me chamou, mas isso foi após eu ser Secretária. Em 1981 eu fui Secretária e, em 1983, eu fui para a Escola Agrícola e deixei de ser Secretária. Trabalhei um ano e meio como Secretária de Educação.

Quando fundou a Escola Agrícola, ele me propôs dirigir a Escola. No primeiro momento era um prédio no lavrado, ali onde hoje é o Curso de Agronomia da Universidade, mas quando cheguei para dirigir, os professores selecionados e eu, é que equipamos, plantamos e trouxemos alunos. Selecionamos os estudantes que estavam há três anos repetindo o primeiro ano da Escola Gonçalves Dias. Sabe o que é selecionar cem pessoas, só repetentes? Foram

esses cem alunos que iniciaram a Escola Agrícola conosco. Hoje, quando me encontram, todos eles dizem "Nossa, dona Maria Antonia, a senhora era durona e foi ótima na minha vida porque me recuperou".

Fiquei na Escola Agrícola um ano e meio. Nesse um ano e meio, muda o governo, muda secretário. E quem assumiu a Secretaria da Educação foi o Coronel Astor, que era da Aeronáutica. E quando o Astor veio embora para Roraima, ele foi ao Ministério perguntar com quem ele podia contar aqui e, lá, disseram para ele procurar pela Professora Maria Antonia e o pelo Professor Adolfo, que também era gente fina dentro da educação. Ele disse "eu quero a senhora dentro da Secretaria de Educação", mas eu estava dirigindo a Escola Agrícola. Ele disse para eu não me preocupar que outra pessoa iria me substituir, mesmo se ele não achasse alguém em Roraima, ele traria outra pessoa de fora. Ele pediu que eu assumisse o Departamento de Cultura. Assumi e, ao mesmo tempo, trabalhava com ele e o Adolfo, tentando implantar um ensino superior porque, até então, os cursos que vinham para Roraima eram contratados das Universidades, algumas de Santa Maria e outras da Universidade do Pará. Na época trabalhamos mais com a universidade do Pará do que com a do Amazonas.

Quando saiu – ele ficou um ano e meio – pediu para me indicar ao Secretário de Educação, a fim de que eu ficasse só no ensino superior. E foi o que ocorreu. Em 1985, implantamos a parte do Centro de Ciências, pois tinha um projeto da CAPES voltado para essa área e, como eu tinha alguma experiência, apresentamos o projeto. Eles financiaram e começaram a acontecer as feiras de ciências. Fiquei implantando o Centro de Treinamento e o Magistério Indígena no Centro de Formação do Magistério, CEFAM já nesse período fiz parte de um grupo de trabalho para então instalar a Escola Técnica Estadual. Já instalada foi criada uma lei para torná-la Federal e veio um profissional de Brasília que foi o primeiro

diretor da escola já como Instituto Federal e ele se hospedou no CEFAM.

Na mudança de governo, a Tunica, que era Secretária quando o Neldo Campos assumiu, me chamou para a secretaria e fiquei com ela um bom período no Departamento de Ensino e, após três anos já sabia que tinha a possibilidade de me aposentar. Lancei a proposta de me redistribuir para o Instituto e eles me aceitaram, mas eu não cheguei a atuar dentro do Instituto porque, na época, existia uma parceria deles com o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI). E o diretor do SENAI quis que eu dirigisse a Escola de lá, no bairro Calungá. Fiquei com eles em torno de dois anos e meio, quando saiu a minha aposentadoria e eu já tinha decidido que ia ficar em casa e não ia mais trabalhar. Nisso, entra o Neudo, pela segunda vez, para o Governo e trabalhei na sua campanha, junto com a Consuelo. Depois da segunda entrada do Neldo, me chamam para dirigir um centro de treinamento do governo, da administração, mas não assumi.

Depois de aposentada, fiquei na Secretaria de Estado do Trabalho e Bem-estar Social (SETRABES) por dez anos, esse foi o período mais longo que fiquei a frente de uma coordenação. Já aposentada, houve um concurso em que houve a renovação de 90% do pessoal que se aposentou. Lá fiquei direcionando as pessoas e preparando a equipe. Em 2010 resolvi sair da SETRABES e ficar só em casa, mas sempre recusando convites e propostas de chefia de escolas etc. E eu disse que não queria morrer dentro de escola, por isso não ia mais aceitar direção de escola.

Em 2011, quando estava na direção de escola, ouvi um pessoal divulgando sobre um empreendimento de água alcalina surgindo em nível de Brasil, fui a uma palestra e isso me interessou de imediato. E quando saí da secretaria, em 2012, eu disse “pronto!”, acabou meu compromisso com a educação, dei minha contribuição ao Estado e vou agora para a área particular ter minha experiência.

Assim, instalei a empresa Água Life em Roraima, a primeira da Região Norte. Então, contribuí com as pessoas e continuo contribuindo, porque aqui a gente trabalha com a saúde. Eu não paro, tu sabes, não é?

Na realidade, ao chegar em Minas Gerais, não estava na minha cabeça que eu iria para o magistério, embora já ter tido experiência e gostado. Porque o professor de matemática tinha uma moral nessa época que tu tinhas que ver, tu não tinhas problema com aluno, mesmo tendo quase a mesma idade deles. Via-se que quem estudava no período noturno era porque queria mesmo estudar.

Quando abriu a faculdade, e eu fui fazer licenciatura em matemática, o meu primeiro interesse era fazer engenharia. Terminei a licenciatura e poderia ter permanecido, em dois anos teria terminado engenharia, mas nesse período minha mãe estava sozinha em Roraima e tive que voltar. Os seis anos que fiquei fora não vim a Roraima. As pessoas me perguntam o que eu faria se não tivesse em sala de aula, eu estaria na engenharia, mas eu me voltaria para a educação.

Não existe uma atividade que eu considere mais importante, porque naquele momento a necessidade era aquela e eu fazia parte, fiz parte do conselho de educação, fiz parte do conselho do SESI, então como eu trabalhei muito com equipes boas me satisfiz profissionalmente.

Eu acho que estou numa área que me agrada. Eu quero viver com bem-estar e saúde, porque todas as vezes que falei que ia me aposentar não era minha meta sair de Roraima, queria viver eternamente em Roraima, hoje já repenso isso por causa da segurança. Isso já me incomoda um pouco, a questão de segurança. Então, se eu tiver chance de sair eu saio. Minha família daqui é muito grande e isso faz com que a gente se prenda. Eu gosto de Roraima, é uma cidade tranquila, só que hoje já tem a insegurança.

Hoje eu não teria aceitado dividir a secretaria da educação. Nesse período eu batia muito de frente com o Governador (Ottomar), que toda vez que ele ia fazer algo novo ele pensava logo em mim. A Escola Agrícola foi um grande desafio também. Começar algo que tu nunca tinhas vivido, mas encontrei profissionais interessantes e muito eficientes, pude contar com assessoria de fora. Por Roraima ser território, na época, éramos muito apoiados. Então eu digo que se tua equipe não está crescendo igual, você não está fazendo um bom trabalho. Não considero que sofri machismo, em nenhum momento, inclusive nas viagens. Eu sempre enfrentei isso com muita naturalidade. Acredito que conviver com pessoas sempre me enriqueceu muito e, como eu acho que recebi muito da vida, sou obrigada a contribuir mais ainda. Não é fácil ser desbravador.

Eu me orgulho mais das coisas profissionais que já fiz. Não terminei o mestrado, pois não fiz a dissertação, mas não me arrependo, me dediquei muito mais à questão do trabalho. Quando se implantou a universidade eu pensei que poderia voltar a estudar, mas priorizei meu desempenho profissional. A gente vê o carinho das pessoas e isso é gratificante. Minha realização pessoal é isso. Meu hobbie continua sendo trabalho. Não deixo de frequentar a igreja também.

Gosto de agradecer por todo o meu caminhar nessa vida e eu mentalizo mudanças para mim, que seria me relacionar, conviver com pessoas que necessitam dessa ajuda, mas eu sempre fui limitada para essas coisas. Acho que a vida ensina a gente que você tem que buscar cada vez mais e mais no dia a dia. É isso que tenho em mente: não vim para acumular, nem levar, só vim para contribuir.

CAPÍTULO 9

Gioconda Santos e Souza Martínez

GIOCONDA SANTOS E SOUZA MARTÍNEZ

Professora, ex-reitora da Universidade Federal de Roraima (UFRR)



GIOCONDA SANTOS E SOUZA MARTÍNEZ

Uma mulher de luta e coragem
Nunca ligava para as dificuldades
E tudo que ela queria,
Sempre conseguia.

Gioconda Martinez
É uma mulher independente
Gioconda Martinez
Sempre está muito contente.

Estudou Engenharia Civil na UFPB
Mas tudo que passou teve que vencer
Agora ela tem capacidade
Para administrar e desenvolver.

O caminho não foi fácil
Com todos os obstáculos
Deu mais um passo

Primeira reitoria mulher
Com muito esforço, ela foi mais além
E ao final ela está de Parabéns.

Discente: *Sunamita Braga Leite*

GIOCONDA SANTOS E SOUZA MARTÍNEZ

"Não sou nem otimista, nem pessimista. Os otimistas são ingênuos, e os pessimistas amargos. Sou um realista esperançoso. Sou um homem da esperança. Sei que é para um futuro muito longínquo. Sonho com o dia em que o sol de Deus vai espalhar justiça pelo mundo todo."

Ariano Suassuna

Eu nasci em Campina Grande, na Paraíba, em 21 de maio de 1965. Cheguei em Roraima em 1993, a convite da professora Ofélia, do curso de Engenharia Civil, quando ele estava nascendo.

Lá em Campina Grande eu fiz a graduação e o mestrado na Universidade Federal da Paraíba. Naquela época precisava-se de docentes, aqui na UFRR, que tivessem mestrado, então recebi o convite para ser professora substituta e, no mesmo ano fiz concurso para efetiva.

Antes de vir para Roraima eu só havia trabalhado em obras de construção civil, a minha adolescência foi na Escola Técnica Redentorista, fazendo um curso de Técnico em Eletrônica. Depois que vim para cá, eu me casei com o Professor Alberto Martinez, cubano. Ele era professor visitante da Universidad de Matanzas, que estava aqui para ajudar na Fundação da Universidade Federal de Roraima.

Atualmente eu moro com minha família no bairro do Caçari. Tenho duas filhas, de 23 e 21 anos, e dou aula no curso de Engenharia Civil. O que eu mais gosto de fazer é ler, andar com meus cachorros e brincar com eles. Aliás, são duas cadelas e um cachorro e chamam-se Amy, Alicia e Omar.

Eu fiz Engenharia Civil sem pensar muito. Foi bem coisa de adolescente. Trabalhei na construção da Alpargatas, em Campina Grande, que fabrica as sandálias Havaianas. E, há 26 anos, estou na Universidade Federal de Roraima.

Uma atividade importante que marcou minha vida profissional diz respeito a 12 anos que passei na Reitoria e considero isso porque pudemos, com uma equipe bem competente, construir nos três *campi* da Universidade: Paricarana, Cauamé e Murupu, dotando a universidade de uma infraestrutura de prédios, equipamentos e ampliação dos quadros. Isso tudo foi muito significante. Nessa gestão, ainda, pudemos proporcionar a universidade um processo significativo de internacionalização, chegando a ter 65 alunos de outros países estudando na Universidade Federal de Roraima.

Como maior desafio eu considero viver longe da família, toda via, isso é bastante compensado com muitas amizades nessa terra abençoada.

Em relação a experimentar processo de machismo: realmente eu nunca passei por nenhuma situação desse tipo, nem mesmo na Associação de Reitores de Universidades Federais, onde 90% são homens.

CAPÍTULO 10

Ana Célia de Oliveira Paz

ANA CÉLIA DE OLIVEIRA PAZ

Professora



"O senhor é meu pastor e nada me faltará"

ANA CÉLIA DE OLIVEIRA PAZ

Ana Célia é de Roraima
Ana Célia é daqui
Filha da terra
de um povo Macuxi.

Filha de lavradores
Ninguém pode negar
Mas foi estudando e se dedicando
Que conseguiu se formar.

Aos 15 anos foi para outro estado
Tentar uma nova vida
Longe do amado cenário.

Construiu uma família
E hoje é muito feliz
Graças ao seu senhor
Que por ela tanto quis.

Dona de um lindo sorriso
E um grande coração,
Ana Célia é uma guerreira
Que luta pela educação.

Foi secretária do estado
Conselheira e muito mais
Atualmente é professora
Que luta por um espaço a mais.

E não para por aí
O curso de direito quer estudar,
Para que um dia
O seu dom possa expressar.

Essa mulher é pé no chão
Que mostrou como é trabalho e dedicação.

Ana Célia chegou
E a turma 130 conquistou
Essa mulher que tem valor
Dedico todo nosso amor.

Discentes: *Izabella Félix da Silva*
Luiz Fernando Moura Maranhão

ANA CÉLIA DE OLIVEIRA PAZ

Eu estou sendo Ana Célia, a partir do momento em que eu aceitei esse convite, eu estou sempre pronta a contribuir com o processo educacional do nosso estado, estou sempre predisposta. Eu sou natural de Boa Vista, nasci em 1971, filha de pais lavradores que sempre criaram galinha, bode, porco. Eu sou a terceira filha, de 5 irmãos, em que somos duas mulheres e três homens. Nasci nessa raiz de lavradores, mas meus pais entenderam que para que eu tivesse uma vida melhor que a deles, eles teriam que me dar condições de estudo. Então, eles continuaram trabalhando na roça e foram mandando os filhos para a cidade, morar com uma avó, mãe de mamãe, que lavava roupa para fora, a fim de ganhar o dinheiro para ajudar a sustentar os netos na escola.

Eu frequentando a escola, meus pais no interior mandando a carne, o milho, a mandioca e a farinha, para a gente se alimentar na cidade e continuar estudando. Pais lavradores que tinham cinco filhos para criar. Meus tios, irmãos de mamãe, viram a necessidade de ajudar a criar esses filhos e uma tia minha, irmã de mamãe, que mora em Belo Horizonte, a ajudou a nos criar. Com oito anos de idade fui morar em Belo Horizonte, porém, não me adaptava à cultura e nem a nova realidade. Me sentia muito sozinha com a minha tia. Um ano depois eu voltei e fiquei aqui, estudando no ginásio Euclides da Cunha. Então, eu estudava na cidade e passava as férias no interior, com meus pais.

Quando terminei o ginásio, eu queria ficar aqui e estudar no Gonçalves Dias. Foi então que meu pai disse: “não, você vai estudar fora daqui, lá você vai ter condições de uma formação; você vai ter condições de uma vida mais digna que a minha e de sua mãe”. Me lembro... Nesse dia, no aeroporto, eu chorava e dizia para meu pai “eu nunca mais volto, eu vou, mas nunca mais volto”. E ele disse:

“vá, nunca mais volte, mas pelo menos você terá uma vida melhor”. E eu fui muito abalada, meus pais me deram, não me quiseram. Eu fui com 15 anos de idade para Belo Horizonte. Aquela vida só com a minha tia não me supria, eu estudava no melhor colégio, mas me faltava uma coisa: o calor familiar. Fui acostumada com muita gente.

Minha irmã também tinha passado por Belo Horizonte, tinha feito os três anos de Ensino Médio e já estava em Sorocaba, São Paulo. Ela passou no vestibular e disse “vem morar comigo mana, eu estou me sentindo muito sozinha’’. Eu tinha 16 anos, estava no Ensino Médio em Belo Horizonte e fui morar em uma república com mais 13 moças. Eram muitos conflitos, mas isso vai nos construindo, pois eu aprendi a conviver com as pessoas e essa é a essência da pedagogia.

Eu fiz o Ensino Médio técnico na década de 90, em Processamento de Dados, mas o coração estava apertado, eu queria voltar. A mágoa do meu pai passou e eu comecei a entender o que ele queria. Então eu fiz o vestibular para um curso que não tinha nada a ver com Processamento de Dados. Como você foi parar em Sorocaba, professora? Eu tinha um tio, irmão de mamãe, muito bem abastado. Ele ajudava a gente a pagar esse apartamento, as nossas necessidades básicas, então a gente foi morar nessa cidade. Depois eu fiz o vestibular na mesma faculdade que minha irmã fez. Aí eu pensei: Senhor! Vou fazer o vestibular para quê? Chegando na faculdade, resolvi me matricular para fazer Pedagogia. Fiz o vestibular e passei em 9º lugar para pedagogia e em 13º para administração.

Pois bem, comecei a fazer meu curso de pedagogia no primeiro ano, perdi o emprego, passei um ano sem pagar a faculdade e, quando chegou no final do ano, eu fui lá e disse: “é o seguinte eu vim trancar a matrícula e vou voltar para Roraima” e o rapaz da papelaria disse: “não, Roraiminha!”, pois lá eles me chamavam de (...) Roraiminha, “você não vai voltar, eu vou dar um jeito para você

pagar sua faculdade". Então ele me arrumou um emprego no almoxarifado da faculdade. Eu ia de manhã trabalhar para pagar a faculdade atrasada do ano anterior e, de tarde, era para pagar o ano que estava cursando.

Tinha vezes que não havia dinheiro para o ônibus e eu ia a pé. Um dia eu ia passando em uma grande Avenida de Sorocaba e avistei uma construção, nessa construção tinha uma plaquinha onde estava escrito: aqui, futuras instalações do Banco de Crédito Real de Minas Gerais.

Fui ao escritório e perguntei se eles estavam recebendo currículo e entreguei o meu. Fiz a entrevista e, depois, o gerente me encaminhou ao superintendente do Banco Credireal", E eu fui selecionada para trabalhar no banco. No dia que fizemos um treinamento eu dizia: "eu quero trabalhar no balcão" O gerente olhou para mim e disse: "a sua mesa é aquela". Ali tinham 5 mesas da gerência e ele disse: "você vai ser secretária da gerência". Trabalhei Seis meses nessa agência, passou um ano e a agência mudou de gerente. O novo gerente era de São Paulo. Um dia ele chegou, falou para mim: "Ana, eu quero que você vá para São Paulo trabalhar junto comigo". E eu fui! Eu viajava todo dia de Sorocaba a São Paulo, pegava o ônibus e descia na frente da faculdade às 19:30. Já tinha perdido o primeiro tempo de aula. Então me formei, aconteceu a colação de grau e, em seguida, eu disse, "vou pedir demissão e voltar para Roraima". Todo mundo dizia que eu era louca! Mas eu sempre dizia que voltaria para Roraima, assim que me formasse, para trabalhar.

Eu cheguei em 1994, colei grau dia 28 de maio, dia 23 de junho desse mesmo ano eu já estava em Boa Vista. Cheguei, recebi meu certificado na Secretaria de Educação do Estado de Roraima. Logo depois, arrumei meu primeiro emprego, como professora de Língua Portuguesa, em 5 turmas de 6º série. Trabalhei seis meses e, no mesmo ano teve concurso. Eu fiz e passei. Fui lotada em uma

escola estadual, daí então a minha carreira da área da educação. Logo fui ser supervisora de uma escola. A minha primeira experiência como supervisora foi traumática. Eu era uma menina, tinha 23 anos de idade e sem experiência nenhuma. Eu não sabia atuar como supervisora. Perguntei na Secretaria de Educação: como é que faz para ser supervisora? E a pessoa que me atendeu disse: "tem uma sala, tem uma mesa, uma cadeira"? Respondi que sim e, então, ela disse, "pois então sente, espere e você vai descobrir". Muitos professores falavam "o que essa cunhantã veio fazer aqui, sabe de nada?" E eu com força de vontade e otimismo consegui conquistar todos os professores. Depois, com a ajuda da direção, conseguimos montar o Conselho Deliberativo, o Grêmio Estudantil e, depois, abrimos espaço para a APM (Associação de Pais e Mestres). O diretor foi convidado para assumir outra escola e colocou como condição, para aceitar o convite do governador da época, se pudesse levar a mim a vice-diretora. O governador aceitou. Eu praticamente morava na escola, não tinha um "pinto" para dar água. Era solteira, recém formada, não devia satisfação a ninguém e eu só vivia para trabalhar. Depois desse tempo comecei a fazer minha pós-graduação em Belo Horizonte, ia em junho e janeiro. Acho que estou começando a viver junho e janeiro agora, pois faz muito tempo que não sabia o que é férias.

Fiz minha pós-graduação, estava na Escola Jesus de Nazareno, depois fui para a Escola Ayrton Senna e, em seguida, fui descoberta pelos donos da escola Objetivo, que me convidaram para dirigir a escola. Dirigi por 3 anos e lá eu conheci o meu marido, pai das minhas filhas. Eu tenho duas filhas, uma de 13 e outra de 17. Em 2010, uma das minhas filhas tinha 2 anos de idade quando eu atravessei o Atlântico e fui para a Espanha passar 20 dias fazendo uma disciplina e a defesa do meu mestrado. Recentemente terminei meu doutorado, Eu tive um casamento que durou 17 anos, onde dividia a minha vida em profissional, de esposa e de mãe.

De 2000 para cá, depois da Escola Objetivo, ela me trouxe ao Departamento de Secretária de Educação. Assumi o departamento, fui reitora da Univir e o meu último desafio foi como Secretária do Estado no governo de transição, em 2014, e conselheira do Conselho do Estado. Estando no conselho eu assumi a Câmara de Educação Básica, pois sempre atuei com a Educação Básica, não parei de estudar, não posso parar de estudar. Já estou querendo começar o meu curso de Direito! Eu vivo estudando! Estou aberta a perguntas.

Murilo: Qual é o nome de seus pais?

Ana Célia: O nome dos meus pais são: Sebastião Ribeiro da Paz e Isalmira Socorro de Oliveira da Paz.

Professora Joelma: A Izabella vai ser a responsável pela transcrição de sua entrevista e tem alguns questionamentos a fazer para você.

Izabella: Quais os níveis de profissão que a senhora já atuou?

Ana Célia: Bom, já fui professora de Língua Portuguesa, da 6º série, depois fui supervisora, professora de graduação, professora de pós-graduação, mas especificamente eu tenho focado na minha especialização e no meu doutorado.

Izabella: E qual o seu endereço atualmente?

Ana Célia: Eu moro aqui no Pricumã.

Izabella: Qual sua profissão atual?

Ana Célia: Nossa, atualmente é tanta coisa, como: professora do estado, eu estou prestando uma consultoria técnica e também dou palestras e aulas.

Izabella: Com que ano se iniciou a sua carreira e com que idade?

Ana Célia: Eu iniciei minha carreira no ano de 1994 e eu tinha 22 anos.

Izabella: Qual o maior desafio já enfrentado como mulher roraimense?

Ana Célia: Atuar no contexto histórico da região norte. A gente encontra muitas dificuldades.

Izabella: Que atividade você já realizou que considera importante em sua vida profissional?

Ana Célia: Eu cheguei ao auge da minha carreira profissional eu cheguei a ser secretária na Secretaria de Educação do Estado. E o que mais a senhora pode querer? Cheguei a ser conselheira do Conselho Estadual com 40 anos de idade, o que eu posso querer mais? Para mim essa foi a parte mais importante de minha carreira.

Izabella: Em algum momento você já viveu algo relacionado ao machismo durante o exercício de sua função?

Ana Célia: Eu acho que o pior desafio é manter o casamento.

Izabella: O que a levou escolher essa profissão?

Ana Célia: Lidar com as pessoas, o diálogo, essa troca de ideias.

Izabella: Quais as metas e os sonhos você ainda pretende realizar?

Ana Célia: Muitos... eu penso logo na minha vida profissional. Quero formar minhas filhas, ver meus netos e fazer o meu phd.

Izabella: Cite algo que te orgulha falar que aconteceu em sua vida seja ele material ou pessoal?

Ana Célia: Ah, eu acho que o que mais me orgulhou foi o momento em que eu nunca desisti.

Izabella: O que você, mas gosta de fazer?

AnaCélia: Estudar! Eu amo estudar

Professora Luciana Barros: Tem alguma mulher que te inspirou a ser quem você é hoje?

Ana Célia: Sim! Minha mãe. Ela queria ser muito mais do que é hoje. Ela me inspira até hoje!

Izabella: Tem alguma frase que lhe represente que mentalize para sua vida cotidiana?

Ana Célia: Sim! “O senhor é meu pastor e nada me faltará”.

CAPÍTULO 11

Joseane de Souza Cortez

JOSEANE DE SOUZA CORTEZ

Professora



JOSEANE DE SOUZA CORTEZ

Uma mulher guerreira
E cheia de dedicação
Com bondade no rosto
E amor no coração.

Teve que vencer o medo
Teve que superar a dor
Para então poder sorrir
Com alegria e esplendor.

Nela não dava o desejo de parar,
Por que o seu foco
Um dia haveria de chegar!
Lutou bravamente e conseguiu.

Para isso nas dificuldades
Nunca desistiu,
Falo de Joseane Leal
Diretora do Instituto Federal.

Veio de longe em busca da realização
Em busca de melhorias
Em busca de formação.

Muitas metas ainda têm,
Sonhos a realizar
Em pedagogia na Espanha
Deseja se formar!

Uma ONG quer abrir,
Aos pequenos ajudar,
A palavra que a define
Seria o verbo amar.

Discentes: *Thais Carvalho*
Leonardo Fadlo Santos Gentil

JOSEANE DE SOUZA CORTEZ

Eu nasci no Rio Grande do Sul. Cheguei aqui em 1994, sou de uma cidade do interior chamada Caçapava do Sul, próxima a Santa Maria, que é uma cidade bem conhecida porque tem um polo de universidade. Talvez, naquela época, a universidade de ponta do país fosse lá! A Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Acho que até por lá, pelo Amajari, já passaram professores da UFSM, várias pessoas aqui, como o professor Edivaldo, se formaram lá. Eu vim para cá em 1984, quando isso tudo ainda era território federal de Roraima.

Para vocês terem uma ideia, não era estado ainda. Vocês nem eram nascidos. E essa minha vinda foi muito em busca de oportunidade. Naquele tempo, quando o território aqui era celeiro de necessidade profissional, não tinha universidade, quase não tinha Ensino Médio, era muito pouco, a maioria dos professores não tinham formação. Quando cheguei, a primeira escola que trabalhei foi a Escola Estadual 31 de Março, localizada no Oeste da cidade. Trabalhei na Comunicação Educacional, como sou formada em Pedagogia, na época que eu cheguei aqui, eu tinha a habilitação em Orientação Educacional, pelo Ministério de Coordenação Pedagógica.

Depois, ocupei alguns cargos na Secretaria de Educação, onde a gente trabalhou, principalmente, com professores de Educação Básica, que é da primeira à quarta série – agora é do primeiro ao quarto ano – e depois fui para a Escola de Formação de Professores, onde eu fui diretora por 6 anos. Essa escola era onde hoje é o Colégio Militar. Ali perto do Gonçalves Dias. Lá, fui diretora por seis anos, então muitas das pessoas que cursaram Magistério lá, e são professores por aí, foram nossos alunos. A gente também trabalhou com educação indígena e com um grupo de

professores chamado “LOGOS”. Fiz parte do primeiro quadro do curso superior desse estado.

Quando começou a Universidade, surgiram dois cursos: o de História e de Matemática, eu cursei História. Logo, fui a primeira coordenadora. Inclusive tem uma história bem legal sobre isso: quando cheguei na Universidade nem tinha ideia do que seria hoje a Universidade Federal de Roraima, então vários colegas daqui, como a professora Creise, foram meus alunos naquela época e muitos não tinham formação. E, depois, em 1992-1993, eu fui redistribuída e fui para a Escola Técnica Federal de Roraima.

Eu estava saindo da escola estadual e iniciando o caminho na Escola Federal, que depois virou CEFET e hoje é Instituto Federal, como vocês sabem. Naquele tempo, tudo se referia a essa instituição, todo caminho iniciado, para vários tipos de curso, começou aqui. Era bem pequenininho, não tinha nem esses prédios todos e nem esses cursos todos. Aqui, eu trabalhei em várias ações, desde o departamento pedagógico, em que trabalhei na formação de professores, acho que lá no Amajari, é COPED, que na época era, se não me engano, SOPE, Serviço de Orientação Pedagógica.

A minha história caminha por muitas ações em gestão, mas também como professora em sala de aula. Eu sou formada em Pedagogia, como falei para vocês, então ministrei matérias pedagógicas, para formar professores como, por exemplo, Didática de Livros, Derivação com Gestão de Prática Pedagógica etc. São as disciplinas de apoio para se tornar professor, então tudo que é curso de licenciatura tem essas disciplinas.

A minha história, eu acho que ela se confunde muito com a daqui. Eu sou uma gaúcha, mas só fiz nascer lá porque eu sou roraimense de coração. Aqui eu me casei, meu esposo é daqui, roraimense, professor em Biologia, pedagogo, doutor em Educação do Meio Ambiente e é professor do IFRR também. Também tive um

filho, que depois de amanhã faz vinte e um anos. Meu filho único, que faz Arquitetura. Eu brinco que tenho um bocado de filho pedagógico. Já tive alunos que moraram comigo em uma fase temporária, a Marliude começou na Educação Física, terminou com vinte e quatro. Hoje ela está voando! Outra papai do céu levou... E assim a gente vai levando.

O que é o mais legal disso tudo é que eu tenho muito orgulho de pertencer ao Instituto Federal, aqui foi o lugar que me deu muitas oportunidades. Além de trabalhar muito, porque tem todo esse lado, que é o do compromisso de educação, foi aqui que eu fiz formação, terceirização, mestrado! E tudo isso, graças a minha trajetória até aqui. Fora participar de ações de implantações das legislações, que eu acho que vocês já sabem um pouquinho. Tiveram várias mudanças em nomes de cursos, dei aulas políticas por aí. Quem já ouviu falar da reforma do Ensino Médio? Já viram passar na televisão? Como vai ficar a escola na reforma do Ensino Médio. Isso tudo mostra que surgiu uma nova forma de ensino e, como gestora, a gente participa muito.

Quando tiveram as eleições, em 2016, eu fui eleita para ser a diretora do *campus* Boa Vista. Já vai fazer dois anos. E todos os desafios que são construir um prédio, um *campus* que tem mais de trinta cursos, quase 5 mil alunos, entre o ensino a distância e o presencial. O presencial tem 2940 alunos, entre Ensino Técnico Integrado ao Médio. Nós temos, hoje, sete cursos subsequentes: graduação, que era a licenciatura e a tecnologia, a pós-graduação e começamos o mestrado. Na EJA a gente desenvolve uns 8 a 9 polos. É um desafio, mas é um desafio muito bonito, instigante e muito sofrido também, porque a gente tem todos os problemas de morar em uma região difícil, onde faltam professores, onde tem dificuldade de um monte de coisas.

No entanto, foi por acreditar nisso, na educação, que acho se eu tivesse que voltar de novo, voltaria professora, porque é uma coisa

que eu careço comigo, que o papel que a gente tem é orientá-los, não é dizer a verdade, dizer que a gente sabe e pronto. É para estar aqui construindo esse caminho para que vocês possam fazer escolhas responsáveis pelo caminho que vocês optarem, profissional e pessoalmente. Para que a gente seja sempre lembrados como aqueles professores que um dia fizeram algo que mudou a vida de vocês. E isso eu tenho o privilégio de sentir, a cada vez que um aluno ou ex-aluno me diz: "Professora, a senhora me ajudou nisso!". E esse ajudar é ajudar de compromisso que a gente, como profissional, sente. Em um futuro próximo, vocês como Técnicos em Agropecuária, ou como outros, também vão sentir a responsabilidade pela parte da gente.

A minha história flui nesse desenvolvimento do estado. Para vocês terem uma ideia, quando cheguei aqui a gente não tinha praça, o aeroporto tinha aviões duas vezes por semana, não tinha quase supermercados, shopping, então, nem pensar. Vocês imaginem como é que era a cidade! E eu vim de um centro grande. Quando cheguei aqui, disse: "Meu Deus!". Então vi dessa forma: como eu poderia ajudar? Porque muitas das pessoas que vêm, só passam uma chuva!

E não é fácil você ter uma história, ter um conforto. No início não tinha. Na feira, as verduras demoravam a chegar, porque não se plantava quase nada e hoje a gente já vive com tudo diferente. Então é esse olhar, o da importância dessa terra para a gente. Muitos dos pais de vocês não nasceram aqui, vieram de outros lugares e, certamente, contam isso, como têm outros que são de comunidades indígenas, que são de famílias que são tradicionais da época das fazendas daqui e a gente sabe o quanto isso aqui significa para cada um.

Agora eu fico à disposição para perguntas. Quem quiser fazer mais, eu vou falar menos! (risos)

Joelma: Professora, tem algumas alunas responsáveis em sistematizar a conversa, então os meninos têm algumas coisas para lhe perguntar!

Josiane: Ah! Pois é! Eu falei tão rápido, mas se gravaram vão conseguir escutar!

Thaís: Me fale um pouco de sua adolescência!

Josiane: Ah, minha adolescência... Bem, eu fui uma criança extremamente tímida. Eu perdi minha mãe com seis anos de idade e só tenho uma irmã que também mora aqui. Ela, atualmente, é a presidente do Conselho de Contabilidade daqui. E ela tem uma história muito bonita, de muita persistência. Eu fui criada pelo meu pai e uma senhora que cozinhava, que era até analfabeta. O meu pai era agricultor no Rio Grande do Sul. Tem agricultores do Rio Grande do Sul que têm fazendas e muito dinheiro. O meu pai não, meu pai era aquele agricultor que tinha só o lote! Um pedacinho de terra. Como se fosse em uma vicinal, era um pedacinho na vicinal e arrendado, isto é, alugado de alguém. E ali ele plantava, colhia para a própria subsistência.

A gente morava em uma cidade bem pequenininha, mas quando a minha mãe morreu a gente foi morar no interior. Eu estudei em escola do campo, escola rural, onde havia uma professora que dava aula para várias séries! Dava aula para o primeiro, para o segundo e pro terceiro ano. Junto, às vezes, tem professor para quatro anos, mas aí é mais difícil. Eu estudei nessa linha e morria de medo de ir para a cidade, porque, para mim, eu era um bichinho do mato. Ir para a cidade significava conviver com pessoas que sabiam muito mais que eu, que tinham televisão muitas outras coisas que eu não tinha! Foi muito sofrido fazer essa mudança. Hoje, o que a gente chama de Ensino Fundamental 2, que é sexto, sétimo, oitavo ano e nono ano, naquele tempo se chamava Ginásio, que era a primeira,

segunda e terceira série. Já era algo diferente para mim. E lá estava a "bichinha do mato", do interior.

No entanto, nada disso foi motivo para eu reproar, por exemplo. Eu era uma aluna certinha, bem-comportada, tinha o peso de não ter mãe, então fui criada com aquela história de que precisava ser exemplo, ainda mais por ser a mais velha. Minha irmã é um ano e dois meses mais nova. Eu não era muito de festa, de bagunça, nada disso, até porque tenho esse compromisso pessoal. Fiz o Ensino Médio já na reforma, então frequentei dois cursos ao mesmo tempo: formação geral e Magistério. Sendo assim, tinham pessoas com 12 matérias, enquanto a gente tinha 18. Foi um projeto pioneiro, que hoje é parecido com o de vocês: integral. Vamos comparar assim.

Na época dos anos 70, na época da Ditadura Militar, tinha muita censura. Eu não sabia muita coisa. A gente vai crescendo e vai vendo o que era proibido, pela Ditadura Militar, de leitura, notícias. Nos anos 80, eu terminei o Ensino Médio em Santa Maria que é uma cidade com polos de universidade extremamente conhecida, inclusive fora do Brasil. Era o maior polo de estudantes estrangeiros da América. Lá eu tinha colegas de quase todos os países. Lá, eu fui para a cidade paratrabalhar em um comércio.

Meu primeiro emprego foi como vendedora. Fui trabalhar em uma loja muito chique, de departamento. Não shopping, era uma loja em cima da outra. Tinha primeiro, segundo e terceiro andar. Vendia cristais, louças e roupas infantis. Trabalhei só seis meses. Foi o tempo em que eu me preparei para o vestibular, sem fazer cursinho. Fiz o primeiro teste psicológico de educação e acabei não passando inclusive, mas aí passei em pedagogia, mas me deixa contar um detalhe: quando eu fazia o Ensino Médio, eu dizia: "Eu não quero ser professora! Eu não quero ser professora!" Por quê? Porque na lógica daquele tempo, toda mulher tinha que ser professora. E isso foi algo muito plantado. Toda mulher, por ser mãe, precisava ser professora! Que era "paralelo" a ser mãe. Isso sempre existiu no

ideário, se vocês virem os professores de primeira à quarta série, pouquíssimos são homens. Quem é que já teve professor homem nas séries iniciais? Poucos, né? A maioria é mulher.

Eu, quando cheguei em Boa Vista, até estranhei homens fazendo magistério, porque lá na minha cidade nenhum homem fazia. Então fiz magistério e sabe quando eu disse "Agora quero ser professora!"? No estágio! O que é o estágio? Foi o momento em que eu passei para a sala de aula e eu trabalhei com meninos repetentes da primeira série. Eu tinha 16 anos e, na mesma época, tinha um menino reprovado com 17 anos. Foi horrível, com um desafio atrás do outro. Eu não estava preparada para quele momento.

Primeira série era menino de 7 anos, naquele tempo era 7 por causa da legislação, hoje 6 anos, então você me imagina lidar com um menino repetente três anos por causa de problemas sociais. Mesmo em uma cidade pequena ele odiava aquilo ali, tinha coisa que ele sabia, tinha coisa que ele não sabia. Quem é que já foi repetente aqui? Espero que ninguém! Mas sabe que quando a gente vai repetir tem coisas que a gente aprendeu e outras que ficamos com dificuldades. E isso é chato. E eu, muito ingênua, sofri demais. Havia, até meninos brigando.

Então percebi a realidade, mas foi aí que eu descobri que queria ser professora. Por isso, o meu curso superior, já com 17 anos, foi na área de educação pedagógica. Terminei em três anos. No quarto ano eu fiz uma habilitação e depois, com 23 anos, eu vim para o Norte. Nunca tinha andado de avião, não sabia nem onde ficava a região Norte. Passei um ano no Amazonas trabalhando em Física e depois vim para Roraima e estou até hoje aqui. Resumindo, foi uma adolescência sem vício, sem festa, sem bebida. E não era uma coisa que foi proibida, era uma decisão pessoal mesmo. Eu frequentava a igreja, eu sou católica, então tinha toda essa relação.

Leonardo: Qual a data do seu nascimento?

Josiane: Eu nasci em 1960. Vou fazer 58 anos, já estou quase uma anciã.

Thaís: Quais instituições trabalhou? Quais atividades já realizou que considera mais importantes e marcantes para sua vida profissional? E por que considera?

Josiane: Eu comecei na 31 de março. Era uma escola pública daqui, né? Antiga escola daqui, hoje eu acho que ela nem está funcionando, parece! É uma pena. Foi uma das primeiras escolas daqui, e lá tinha a quarta, a quinta série, que é o ensino fundamental. Depois eu fui para a Monteiro Lobato.

Em seguida, para a Secretaria de Educação, onde fiquei dois anos e lá realizei várias funções: coordenei os estudos, fui coordenadora dos orientadores educacionais do Estado e depois eu fui para essa escola de formação, que todo mundo conhece como Magistério. Na verdade, hoje é a Escola de Formação de Professores de Boa Vista. Lá, tínhamos desde a criança de três anos, na quinta série infantil, até o Ensino Médio, que é a formatura. A Joelma passou por lá. E hoje temos vários professores aqui que passaram por lá! De lá eu vim para cá. Eu passei, acho, que por cinco instituições.

Paralelamente, trabalhei na Fundação Bradesco. Eu ajudei a montar a primeira gestão da fundação Bradesco. Foi o período que eu fiquei de licença por dois anos daqui e fui classificada pelo seletivo, que passou de oitenta candidatos, só ficaram duas para orientador pedagógico. No início da Fundação Bradesco eram alunos novos, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Foram todos selecionados e eu ajudei nessa seleção, tenho muito orgulho de ter passado por lá! E depois voltei para cá!

O que me marca é eu perceber a importância que tem a gente se enxergar como educador. Saber o nosso papel, o do professor, é ser aquele profissional. Em outras palavras, o que mais marca é o sentido do que a gente faz. Eu dou aulas de conteúdos, mas só isso

não basta, o que é mais importante? É o que a gente faz de transformação na vida das pessoas, que você sabe que pode fazer, se a gente quiser fazer. Então, a partir da aula que você vê um menino que tinha uma letra feia e começa a escrever melhor, uma menina que está em situação de profunda decepção com a vida, com problemas, ou entrando no mundo das drogas, quando você consegue fazer que esse estudante confie em você para, quem sabe, ajudá-lo. Não a curá-lo, não a dar jeito, mas a enxergar outra perspectiva fazendo com que alguns superem isso. Para mim, essa é a verdadeira função do conhecimento. Ou o aluno chegar aqui e dizer: "As suas aulas até hoje me ajudam". E eu tinha tantos exemplos disso, até já pediram para eu escrever um livro dessas histórias.

Um dia desses, uma menina que é médica hoje, ela estudou aqui, veio fazer uma formação no ramo da medicina, Ana Kaliny. Ela me viu, chorou, me abraçou e disse: "Professora, as suas aulas de filosofia no Ensino Médio, aquelas coisas da dinâmica, gincanas que a gente fazia, eu lembro e até hoje são minhas referências". Então vocês imaginem como isso toca o coração da gente. Ter o conteúdo, mas ter, também, algo que tenha essa importância. Aqueles eram os momentos que todo mundo falava dos problemas que tinham em casa. Com a luz apagada, todos nós tivemos coragem de dizer as coisas. Então, a cada relato que alguém vem e te diz que um dia te marcou em alguma coisa, até mesmo em dizer "professora, a senhora se lembra que eu não tinha dinheiro para almoçar e a senhora me ajudou em tal coisa?"

Mas aquela tal coisa marca a vida da gente! Vocês também devem ter pessoas que marcaram! Eu acho que é esse o sentido da educação, para que a gente possa estar colaborando com os colegas. Por exemplo, uma aluna que está fazendo doutorado, inclusive morou na minha casa, essa menina tava no segundo semestre de educação física de Caracaraí e chega comigo: "Diretora, eu preciso

trancar, não tenho mais dinheiro para ficar aqui, o dinheiro que eu tinha não vai dar de chegar até o final e eu preciso trancar, eu não tenho como pagar, estou morando com umas amigas e não tem como pagar". Aí a gente conseguiu que ela fosse bolsista. Naquele tempo bolsista trabalhava, agora é só alimentação, transporte. Resumo da ópera, eu acabei levando-a para minha casa, onde ela passou quatro anos. Ela namorou, ela noivou, ela casou e aí o que ela fez? Especialização. Ela fez mestrado e hoje ela é doutoranda. Aí tu olhas para ela, é aquela menina que se achava feia, que se achava incapaz porque era filha bastarda, se achava uma pessoa que não ia passar daquilo de nada, que ela não era ninguém, não tinha nem referência.

E, hoje, tu vês ela falando em teorias, com conhecimento, e que nos dá um orgulho danado porque foi uma história de superação. E hoje ela acredita nela. Foi eu que fiz o milagre? Não! Mas, talvez, a oportunidade que a gente deu de dizer "Você é capaz!" ajudou. E esse é o conteúdo do professor, eu acho, de todos nós, seres humanos. Às vezes, a gente não compreende o colega. Olha, não é bem assim, você também tem direito, você também é capaz! E não é fácil, o mundo é muito ruim, principalmente com quem já se acha menos, né? O mundo só quer colocar a gente para baixo.

Leonardo: Quais metas e sonhos ainda pretende realizar na sua vida?

Joseane: Ah! Eu ainda tenho tantos sonhos. Estou para me aposentar, e um sonho que eu tenho é de fazer uma ONG na linha da reciclagem de móveis. Eu queria ensinar essas pessoas que eu posso pegar uma cadeira velha e forrar, eu posso dar vida, dar brilho às coisas. Ensinar a fazer crochê e poder trabalhar com isso. Outra coisa que eu adoro é culinária. Então fazer cursos de culinária de alta cozinha, que amo, pratos gostosos, enfeitados, diferentes dos convencionais, Esses são alguns dos sonhos. Também ajudar idosos, me envolver em alguma outra ONG, porque eu já me envolvo em muita coisa. Hoje eu caminho muito nisso de ajudar os imigrantes.

A gente tem, aqui, um programa de português para imigrante. Nós temos mais de 600 alunos venezuelanos em espera. Em agosto, agora, abre outra turma. Também sonho em viajar. Viagens mais focadas na parte cultural, visitar países novos, fazer um curso em Santiago ou na Espanha de Pedagogia Social, que eu ainda quero trabalhar justamente com isso. Que eu quero com pessoas que precisam de revitalização na vida, que não é dar o peixe, mas ensinar a pescar um pouquinho! E tudo é educação, não há como a gente fugir da sementinha que a gente tem.

Thaís: Qual o maior desafio no qual já passou como mulher roraimense imigrante?

Joseane: Meu primeiro desafio foi a aceitação naquele momento que eu vim. Eu vim para cá em 1984, 1985. A história da imigração de Roraima, eu não sei se vocês sabem, é bem parecida com a dos gaúchos e com um jeito muito negativo, pois o gaúcho veio e explorou Roraima, explorou Boa Vista. Aqui existia um projeto chamado Antonio Rodolfo, que foi o primeiro que trouxe os profissionais com formação superior. Tinham estagiários da área de ensino de educação e de saúde. Eles vinham para exercer e outros ficavam como profissionais. Vieram muitos e ainda vêm. O meu primo, ele é advogado, está aqui há mais de quarenta anos, foi um dos primeiros advogados.

Só que o que aconteceu aqui? Havia muita exploração, então eles vinham, engravidavam as menininhas e iam embora. Por isso que muita gente não conhece seus pais. Tinha muita corrupção, desonestidade e ainda há! Mas havia muito mais, porque não tinha cobrança. A ideia era a de povoamento, era chamar as pessoas para povoar, principalmente profissionais formados, pois não tinham. Para poder ter os primeiros professores, advogados, então, quando eu cheguei já tinha um pouco mais. Só que havia, eu me lembro assim, quando eu tive que provar que, apesar de gaúcha, eu também posso ter formado a primeira diretora de escola pública de educação.

Ela era, em um primeiro momento, minha amiga, me respeitava, mas no fundo ela me odiava e eu não entendia o porquê. Depois é que eu fui fazendo a leitura da situação e entendi que havia muita dor, muita perda, muitas mães solteiras, enfim, muita coisa errada. E a gente sentiu muito isso! E eu vim com uma formação que, naquele tempo, ter uma especialização era bastante demorado. Quase não existiam pessoas no curso superior. Era considerada, digamos, uma formação poderosa. Que hoje, ter só o superior não basta.

Então, precisei provar que, além de gaúcha, eu era profissional. E isso só se conquista trabalhando. Até a maneira de falar, a linguagem, o sotaque era julgado. Além da dificuldade em entender os termos daqui e me fazer entender também. Quando eu cheguei foi terrível, hoje já estou um pouco mais adaptada. Só que eu tenho uma coisa, talvez contraditória, eu nunca vi isso como uma coisa ruim e nem julguei, pelo contrário. Comecei a fazer ginásio, teatro, fui me envolvendo. Eu não tinha um "pinto para dar água", era sozinha, podia quase dormir na escola. Mas hoje vejo tudo isso como pequenas conquistas que, aos poucos, marcam as nossas vidas.

No primeiro ano que eu estava aqui, teve o caso de um aluno que o pai matou a mãe. Foi a primeira vez que eu lidei com essas coisas de violência. Era um menino da quarta série. Quando eu cheguei lá para dar esse apoio, ele gritava, chorava e dizia que eu era a segunda mãe dele. Então, foi vivendo essas coisas que eu tive que enfrentar as dores que não eram minhas e, consequentemente, aprendi a lidar. Então, fui superando cada obstáculo diário, desde sair da minha terra natal, até tudo o mais que contei para vocês assim. Foi difícil, mas eu não podia jogar pedras nas pessoas. Se eu não quisesse ficar, era "tchau e bênção", né? E eu acabei ficando, construí uma família e hoje eu não me imagino morando com outra pessoa ou em outro lugar.

Joseane: Nunca! Não consigo, né? Mas discriminação até por ser mulher. Isso é muito forte até nas Redes Federais! Vocês ainda não assistiram, mas existem reuniões dos reitores, dos diretores da Rede Federal, vocês vão ver, em que maioria são homens! Agora mesmo, teve uma reunião com os diretores da Região Norte, que são os estados do Norte, são 16 *campus*, só tem uma diretora mulher. Amazonas parece que são duas, mas aqui é meio que exceção porque tem três mulheres, porém, o ensino profissional pela história, foi sendo criado pelos homens. Eu fui estagiária em colégio da aviação e essas escolas formavam só meninos para serem técnicos em eletricidade, então eu os ajudava na ferroviagem, que é para funcionar os trens.

Lá, tinha a professora de português e nós duas estagiárias de Pedagogia. Não havia meninas trabalhando. A rede tecnológica ainda é muito masculina. Hoje nós temos mais, imagina há tempo? Um técnico em agropecuária mulher lidando com animais de grande porte, como bois. Certamente havia muito preconceito e vocês vão encontrar ainda porque é uma profissão masculina historicamente. Sabe qual era o meu sonho de seguir? Eu queria ser arquiteta, hoje é meu filho que está fazendo arquitetura, mas não fui eu quem pediu, foi ele mesmo quem quis. Passou em primeiro lugar! Eu me vejo nele. Então, isso é muito forte ainda. Tem mulher caminhoneira, mulher que é dona de fazenda, que toma frente e tal, mas ainda tem certo preconceito. Tem mais alguma coisa?

Thaís: O que a senhora mais gosta de fazer? Um hobby?

Josiane: (risos) Fazer crochê, ler e assistir TV, de tudo, tá? De programa de música até jornal. Filmes, mas não gosto de filme de terror, eu gosto de filmes que me relaxem, como documentários, entrevistas. E, sem preconceito com novelas, essas coisas! Igual leitura: Ah, que tal leitura não é boa e não sei o quê! Mas não quer dizer que eu não achei importante! Eu preciso entender o que ela quer dizer com isso, o que eles querem passar. Tipo as novelas à

noite, que vem cada vez mais com temas tipo os de violência. Eu vou fechar os olhos para isso? Não! Não podemos achar que as coisas são tão simples como nas novelas. No final todo mundo é feliz, quem era viciado não é mais, quem era ruim ficou bonzinho. Ainda não é tão assim, não é? Mas tem que ver qual o sentido dela. Tem tanta gente que diz que vai salvar o Brasil, mas não é bem assim, não basta só uma fala.

Leonardo: Tem alguma frase que lhe represente, que mentalize no seu dia a dia?

Josiane: Tem! Uma que eu gosto muito, que diz mais ou menos assim: "Ao mesmo tempo em que eu educo, eu sou educada! Ao mesmo tempo em que eu ensino, eu aprendo!". Ou seja, não tem ninguém que não tenha nada para ensinar todo mundo tem, ninguém aprende sozinho. Então, eu acho que, ao mesmo tempo em que eu ensino, eu aprendo. Eu acho essa frase forte!

Thaís: A senhora teve alguma inspiração, especificamente mulher?

Joseane: Mulher! Sim, tive sim! A minha mãe foi uma mulher que ajudou muito! Eu, como falei para vocês, tinha dois anos quando ela morreu. A história dela, que é uma história de muita luta, me emociona até hoje. A minha mãe perdeu o pai de suicídio. Acho que com oito anos, depois que ele descobriu que era epilético. Naquela época, epilepsia era uma coisa negativa. Acreditava-se que uma pessoa epilética "recebia demônios". Ele era um homem lindo, de olhos azuis! Imaginem o que ele sofreu? E isso provavelmente o levou ao suicídio. E a minha avó ficou com minha mãe, os irmãos dela e foram morar em uma fazenda. E minha mãe, com 10 anos, teve que aprender a costurar, a cuidar dos irmãos, alfabetizar os primos. Então, tem uma foto que ela está de vestido com características até medievais, ela sentada e um monte de meninos ao redor dela, ouvindo ela ler. Eu imagino que, pela sabedoria que ela tinha, não foi uma educação de BA, BE, BI BO, BU! Foi leitura

mesmo! A inspiração dela foi forte. Depois, teve a diretora de uma escola que estudei, professora Celina, que morreu com 105 anos, lá na minha cidade e ela era um exemplo para mim, ela sempre foi aquela professora bonitinha, arrumadinha, que tinha aquela audição, sabe? Uma boa fala. E olha o que o que eu aprendi com ela: na minha casa não tinha televisão e eu ia assistir novela na casa dela, isso na faixa de 12 a 13 anos. Lá tinha um jornal que hoje é pequenininho, mas naquela época se chamava "Correio do Povo", já ouviu falar né, Joelma?

Joelma: Sim!

Josiane: Ela sabe! E na última página tinha palavras cruzadas, pequenas não, eram palavras cruzadas enormes e ela tinha o hábito de completar. Toda vez que acabava a novela ela ia fazer as palavras cruzadas e eu a ajudava, então, a minha perspectiva de aprendizagem, de riqueza de vocabulário tinha muito a ver com a história que eu vivi. Eu, já aqui morando, casada há uns oito anos, a visitei. Ela já estava com 100 anos, não me reconheceu. Eu a abracei, ela sorriu, aí eu disse: "Nossa! A senhora ainda continua muito bonita!" Ela já estava andando de andajá e, quando eu saí de lá, ela pediu para filha: "Passa batom em mim!". Essas duas mulheres, assim, reais!

Agora, da literatura eu gosto muito de uma querela, é uma antropóloga. Um dia desses, ela deu uma entrevista, já está bem velhinha, a Marília Polossante. E tem outra também, mas não estou me lembrando o nome! Daqui a pouco eu lembro. Qual a outra pergunta?

Leonardo: Por qual motivo você escolheu essa profissão?

Joseane: Eu acho tem um pouco a ver por causa disso também. Tem a ver com a família. Porém, em um primeiro momento eu rejeitei, não queria ser professora e todo mundo queria que eu fosse. Depois que eu fui para o estágio dar aulas que, de fato, fui ver que era isso

que eu queria e se eu tiver que nascer de novo, eu juro para vocês, mesmo com as mazelas de salário e de valorização que a gente ainda vive, eu seria professora mesmo, ta?

Eu sou da época que o professor tem que se doar, não com esse sentido, precisamos ganhar melhores condições de trabalho, mais saúde, sim! Porém, não basta só isso, eu preciso ter clareza do compromisso que eu tenho, que não é para ser engraçadinha, bonitinha só, não! Tenho que ler, me profissionalizar, estudar, não dá para ficar achando que o que eu sei é o suficiente. Nem se falava em informática, hoje o professor não pode viver sem informática tem que estar atualizado! Amanhã, como Técnico em Agropecuária, por exemplo, pode surgir um novo maquinário. Então, na hora de tirar a casquinha do arroz, é preciso saber que, se passar demais vai moer o arroz, se passar de menos vai ficar casquinha. O professor precisar entender que arroz vai ter que ser assim, vai ter que ser assado! Cada vez mais nós somos interdisciplinados!

Joelma: A senhora trabalhou na Fundação Bradesco, né? O primeiro grupo de professores, me fala como foi essa experiência.

Josiane: A fundação Bradesco ela é um projeto do Banco Bradesco, tem uma história muito bonita, tem um lado que não é tão bonito que vocês sabem que todas as empresas pagam impostos, né? Elas pagam muitas coisas. O Banco do Bradesco é um dos maiores bancos populares da América. E o Amador Agiar, que é o grande idealizador do Banco Bradesco, era um funcionário da construção civil. Ele era trabalhador, era pedreiro, então, ele começou a criar uma poupança, lá em São Paulo, e foi depositando. E, paralelo a isso, o banco do Bradesco queria construir uma escola do menino pobre, do menino com condições econômicas não tão boas, para que pudesse ter acesso a uma educação de qualidade.

Quando ele idealizou o projeto da Fundação Bradesco, com uma política de interesse ao menino carente de São Paulo e também

os filhos dos funcionários, ele começou com os funcionários que, assim como ele, eram da construção civil. Roraima foi o último estado a ter uma escola Bradesco, mas agora já tem em torno de três unidades. Quando começou a se criar a fundação, não tinha nem escola, era um lixão, quem conheceu o Caranã sabe, não tinha nada ali.

As pessoas duvidavam que viria, assim como quando falaram do Shopping: vem? Não vem? Então, foi feita uma grande seleção para os mais diversos cargos: coordenador, zelador. O processo seletivo teve cinco etapas. Eu me inscrevi para a função de Coordenador Pedagógico, eram 80 candidatos. Veio uma equipe do Rio Grande do Sul e de São Paulo, que eram do Bradesco, para fazer a seleção da prova escrita. Dessa etapa saíram 20 pessoas, que passaram por um teste de relações interpessoais, que eram dinâmicas. Em seguida, teve o teste psicológico, que fazia uma análise, provavelmente, em cima do objetivo que eles queriam e, depois, a entrevista com a psicóloga. Ainda teve um teste psicotécnico e, por último, a entrevista com os gestores.

Por fim, só ficou uma menina, chamada Fernanda, e eu. Praticamente iniciamos no dia em que a gente chegou para se apresentar, era o dia para fazer uma pré-inscrição. Era uma escola que tinha como perfil a questão do ensino econômico. O papel dela é do uniforme, a comida é de alta qualidade, então imagina para um pai com 3 a 4 filhos, que não tem condições de manter na escola, e você ter a oportunidade de colocar seus filhos em uma que proprociona tudo, do livro ao uniforme, da comida ao professor de qualidade.

Nessa primeira leva foram mil e poucos alunos, desde a Educação Infantil até o primeiro ano do Ensino Médio. Foi uma experiência fantástica porque, depois dessa inscrição, nós tivemos que visitar casa por casa, porque tinha que analisar o poder socioeconômico de cada família, pois se priorizavam os menos

favorecidos economicamente. Cada menino que estudava lá, a gente sabia a história de vida. O pai tem estudo? E a mãe? Não sabe escrever nem ler? Então, a gente tem histórias lindas aqui, algumas de que toda a família estudou lá!

Eu vivi muitas convicções, porque eram muitas regras, muito duro para oferecer um ensino de qualidade. Tinham situações muito frias, situações em que eu tive que expulsar alunos, então eu ia lá defender. Parte dos professores ia lá comigo. Fico pensando, se tivesse expulsado esse menino, eles não seriam, talvez, o que são hoje. É complicado, mas foi uma experiência positiva que eu aprendi a lidar com burocráticos, burocráticos tipo de análise. E meu filho estudou lá da segunda série até a oitava série, na linguagem antiga. Mais alguém?

Jacinta: Eu queria saber sobre esse anjo que se foi, como a senhora falou, o que mais ele marcou em sua vida?

Joseane: É uma história bem interessante, vou contar para vocês. Essa menina, ela já estava estudando aqui há três anos e se formou. Ela parecia com a outra que não tinha onde morar. Veio para cá do interior do Pará, em Itaituba, e ficou em uma casa onde viveu situações muito desagradáveis. Então saiu de lá e ficou morando sozinha. Essa outra minha menina, a Brenda, se formou, se casou e ela foi morar lá em casa, um ano e um pouquinho, já tinha terminado o curso de biologia, tinha passado no mestrado e aí ela se suicidou, na minha casa. Vocês imaginem!

Não pensem que eu fiquei com medo de casa, porque ela deixou uma carta muito linda, falando de coisas que talvez eu nunca tenha enxergado. Por exemplo, que ela era uma pessoa muito sofrida, que tudo que ela tinha conquistado nesse mundo não era suficiente e ela sofria. Ela deixou muito claro que a família do coração que ela teve foi meu filho, meu esposo e eu! E ela sempre nos chamava de professor e professora. Minha casa foi o lugar que ela se sentiu feliz,

mas era muita dor. Por que eu não vi? Por que eu não entendo? Depois da morte dela, foi uma comoção. Foi bem difícil! Mas eu guardo que ela está feliz e eu sei que ela teve que passar por um ambiente que para ela foi uma coisa positiva, mais amor, uma família que ela não teve.

O pai dela só a viu com dois anos e só foi rever quando ela já estava aqui, já no finalzinho, no caixão mesmo. Então vejo que, como professora, a gente passa por coisas que nunca imaginou, essa foi uma delas. Daí eu vou sentar e esperar a morte chegar e enxergar isso como "Ah, aprendizagem!" Entendeu? Pelo contrário, isso me fortalece. Não é fácil chegar em casa todo dia e lembrar da vida que ela abandonou, das plantas que ela plantou, porque ela plantava. Aqui está cheio de plantas que ela deixou, ela era a faz tudo aqui.

Ela deixou muitas marcas e, de alguma forma, vocês devem estar assustados, tristes, né? Quem é que quer que uma menina de 21 anos aconteça isso? Linda de viver, que chegou lá com aqueles cabelos crespos lindos, quando ela ia na rua, todo mundo queria tirar foto com ela, porque chamava atenção, né? Então, são processos que a gente passa. A gente vive perdas, ganhos, alegrias, tristezas. E isso tudo, por algum motivo, não me faz desistir. Eu, certamente, vou ter outro filho do coração. Alguns vão passar pelas nossas vidas e ficar por pouco tempo, outros vão permanecer um tempão. Assim como minha outra filha que está fazendo doutorado e o meu sonho é ver que ela passe num concurso aqui no Instituto porque ela é a minha herança, eu sempre me vejo nela, ela fala igual a mim, deve ser aquela coisa do ambiente, né?

CAPÍTULO 12

Lindivalda Sales de Souza Feitosa

LINDIVALDA SALES DE SOUZA FEITOSA

Professora alfabetizadora



"Não dá tempo ao tempo porque o tempo só dá tempo a quem não tem tempo, por isso não percamos tempo, pois nós somos temporários"

LINDIVALDA SALES DE SOUZA FEITOSA

Nascida no litoral paraibano
Sua carreira foi logo se inovando,
Com 8 anos de idade já dominava a leitura,
A verdade não nua e crua.

Dentro da sociedade, com muito esforço
Cursou a Universidade Federal
Dentro de sua casa
Quase dentro do quintal.

Com muita curiosidade
Professora meio que turista
Comprou um passaporte
Veio bater em Roraima, Boa Vista.

Em Roraima fez seu legado
Conheceu pessoas de todo lado,
Em todo esse tempo, sempre teve convicção
Mostrou que a arma mais poderosa do aluno
É a educação.

Discente: *Daniel Vitor Peixoto Muniz*

LINDIVALDA SALES DE SOUZA FEITOSA

Nasci em 1970, no nordeste paraibano, sou filha de dois caiçarenses, do interior de Belém de Caiçara/PB, ambos não sabiam ler nem escrever, mas meu pai era servidor público do Departamento de Estrada e Rodagem da Paraíba. Fazia uso de bebida alcoólica com frequência, gostava de jogar apostado, altamente conservador a ponto da não permissão de minha mãe ir à esquina comprar pão. Faleceu em 1970, num acidente de trânsito, quando voltava para casa de bicicleta e deu de encontro com um ônibus. Foi morte instantânea. Não conheci meu pai, pois tinha apenas seis meses quando aconteceu a tragédia de sua morte, o que sei sobre ele é o que me contam e que se chamava Jose Sales de Souza.

Minha mãe, de nome Maria da Penha dos Santos Souza, ficou viúva aos 33 anos. Teve que enfrentar e sustentar uma família sozinha, tão perdida ficou, pois, sequer conhecia um local que vendesse pão naquele bairro onde marávamos. Falar de minha mãe é não cessar seus adjetivos e feitos para nos criar, é uma mulher que nunca desistiu dos filhos ou que, no primeiro desafio, tenha estremecido para dar um de nós para alguém criar. E foram inúmeros, os convites. Chegou a trabalhar numa fábrica de tecido e não pode continuar por muito tempo, devido ficarmos muito tempo sozinhos em casa. Resolveu, então, trabalhar em casa como lavadeira de roupas e, paralelamente, foi ser cozinheira de um externato de freiras, as quais adoravam minha mãe e sua comida. Sou a filha mais beneficiada, pois contei com apoio incondicional de mãe para criar meus três filhos.

Durante meu divórcio, sozinha e perdida, contei com minha mãe para vir morar em Roraima, que pediu demissão do externato para vir cuidar de mim e meus filhos ainda bebês, jamais esquecerei da importância que ela teve na minha vida e na de meus filhos. É

uma mulher de uma sapiência extraordinária, de caráter ético invejável, apesar da vida lhe "pregar peças", como se diz, e nunca ter vivido outra experiência sentimental, além de meu pai. Não traz amarguras e nem negatividade aos filhos e sempre usa a frase: "Deus escreve certo por linhas tortas, então, entrega a Deus que ele proverá". É brava como um touro e nem sei explicar o proquê, talvez por ser nordestina...

Éramos oito irmãos, um casal faleceu quando eram crianças, então ficamos em seis, de nomes não tão comuns: Lenice, Lenaldo, Lindinalda, José Filho, Lenivalda, e Lindivalda, em ordem cronológica, em que a primeira tinha 10 anos e eu acabara de nascer, tínhamos uma distância de dois anos entre um e outro. Sou a última da linhagem, única a nascer na capital paraibana, João Pessoa, num bairro aconchegante, que até hoje alguns dos meus irmãos e minha mãe, com 81 anos, residem. Nesse bairro, de nome Castelo Branco, está situado a primeira Universidade Pública Federal, a qual nos oportunizou praticar vários esportes, marcando nossa infância de forma inesquecível e intensamente qualitativa. Se naquela época existiam drogas, violência ou ociosidade, não conhecíamos, nosso tempo era destinado ao esporte, lazer e atividades domésticas.

Apesar das dificuldades enfrentadas e oportunidades igualitárias, fui a única a concluir e seguir os estudos com êxito e a ter um emprego fixo, os demais irmãos não seguiram em frente. Um diferencial entre eu e eles, foi a ousadia em sair da Paraíba e vir morar em Roraima, lugar este que devo o que sou e o que tenho.

Trajetória acadêmica:

Lindivalda: Tive acesso à escola primária em 1978, que era o tempo certo, aos oito anos de idade. Quando ingressei, já dominava a leitura e a escrita, pois, naquela época, brincávamos de estudar, então, foi brincando que aprendi a ler e escrever. Logo fui promovida, levando-me a concluir o Ensino Fundamental com sucesso e na "idade certa".

Fiz magistério em 1984 e, a partir de 1985, comecei a carreira de professora em Estágio Remunerado no Programa do MEC, apesar de receber a cada seis meses, mas o que valia era a experiência de ser professora, o que facilitou ser contratada para ministrar aula em escolas privadas, considerando a escassez de professor no sistema. Conclui o magistério em 1988, casei-me em 1991, em seguida vim morar em Roraima, lugar abençoado o qual me fiz profissional de grande porte, com acessão a ocupar cargos importantes como: coordenadora, assessora e gestora escolar.

Em 1993, depois de duas filhas, consegui passar no vestibular, para curso de Química, na Universidade Federal de Roraima. Cursei um semestre e logo migrei para curso de Pedagogia, o qual só consegui concluir em 1999, devido os três filhos que tive neste percurso.

Inexoravelmente, a universidade foi um passo importante para que entendesse melhor o meu papel enquanto professora de EJA. Foi a partir dessa formação que minha acepção, enquanto políticas públicas, avançava neste segmento.

Meados de 2002 fiz minha primeira especialização em Interdisciplinaridade no Instituto Cuiabano de Educação, foi o pontapé inicial para ampliar meus estudos e assim alcançar meu objetivo. Segui em cursos *latu sensu*, sempre com foco na EJA, para que me tornasse cada vez mais curiosa na área. Logo fiz outra Especialização em alfabetização, o que ampliou meus conhecimentos específicos. Em 2007 conclui outra Especialização em Educação de Jovens e Adultos da UFRR.

Em 2010 conclui Mestrado em Educação pela Universidade de Alcalá de Henares, juntamente com Especialização em Gestão Escolar Nacional e Internacional pela Universidade Gama Filho. Em 2013, iniciei o curso de doutorado em educação pela Universidade Autônoma de Asunción – UAA, o qual ainda estou cursando.

Experiência profissional:

Lindivalda: Indiscutivelmente, tudo começou pela motivação na profissão de SER PROFESSOR como um ato de ensinar e aprender. Ainda na minha infância, ao entrar para escola, fui surpreendida pela professora que me elogiava, ao fato de ler e escrever com fluência e dedicação, tal ato me incentivou a ser professora, pois, fui promovida de série e passei a ajudar os outros que não sabiam ler e escrever. Tal prática aguçou a vontade de profissionalizar-me naquela função, que até hoje desenvolvo. Sempre lembro os comandos da professora do primário: atenção, dedicação, respeito e muito diálogo, bem como a frase "... não quero ser a professora boazinha e sim, a professora que o aluno aprende". Tais elementos estão presentes até os dias atuais.

Vale ressaltar que a primeira experiência que tive foi a que me marcou significativamente, pois determinou minha formação específica, na qual defendo e desenvolvo pesquisas e trabalhos voluntários, com Educação de Jovens, Adultos e Idosos, e evidentemente tinha um incentivo maior, ajudar minha mãe a aprender ler e escrever. Assim, deu-se início ao meu primeiro desafio: atuar no maior programa que visava alfabetizar a população considerada "analfabeta" e minha mãe fazia parte desse público.

O Mobral: minha primeira experiência com o analfabetismo na Paraíba:

Lindivalda: Em 1982, minha mãe conseguiu fazer parte de uma das turmas a qual eu, com apenas 12 anos de idade, fui convidada pela comunidade para ser voluntária: aulas para o público maiores de 40 anos. Foi ali que começou minha experiência na educação de adultos, mas, para minha tristeza e sem nada entender, em 1985 foi extinto o programa Mobral e criou-se outro chamado Educar, que não teve êxito. Neste interim, minha mãe parou de acreditar nas políticas para adultos e nunca mais conseguiu voltar a estudar, mas

teve quatro anos de aula que, para ela, foram suficientes para ler, escrever, calcular e compreender a importância de o governo dar essa oportunidade ao público, que por diversos motivos, parou de estudar, ou nunca estudou.

Trabalhando e aprendendo: programa de analfabetismo em Boa Vista/Roraima:

Lindivalda: Em 1991, vim para Roraima e tive a oportunidade de ser capacitada para atuar na ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS, no programa municipal chamado "Trabalhando e Aprendendo". Programa criado pelo prefeito Barac da Silva Bento, em 1991. O projeto objetivava alfabetizar 100% dos servidores municipais de Boa Vista, o foco maior era levar os servidores a assinarem seus nomes, saindo da condição de assinar com o polegar. Indiscutivelmente, o projeto oportunizou e incentivou os funcionários da prefeitura a aprender a ler e a escrever, pois, seu horário de trabalho iria ser dividido para estudo. Esse foi um dos programas mais sérios, motivadores e de grande importância que participei, enquanto professora. O grande diferencial deste projeto de alfabetização foi a CAPACITAÇÃO para 100% dos professores selecionados para atuarem no programa, que durou apenas nove meses.

Alfabetização de adultos na rede de ensino municipal:

Lindivalda: A experiência em trabalhar com Mobral e alfabetizar servidores municipais, ampliou meu currículo dando-me prioridade para atuar nas escolas municipais, pois, naquela época, em 2002, só atuavam no sistema os profissionais que tinham experiência em trabalhar com adultos, o que certamente enriquecia o trabalho na EJA e, consequentemente, os alunos seriam beneficiados com profissionais experientes.

Docência no ensino superior:

Lindivalda: Diante o sucesso na prática de alfabetizar adultos, surge a oportunidade de atuar no ensino superior com a disciplina de EJA. Em 2003, fui selecionada para trabalhar no Instituto Superior de Educação – ISE, onde se inicia a experiência com docência na Formação de Professor no ISE que, com o passar dos anos, passou a se chamar Fundação de Educação Superior de Roraima – FESUR e que mais tarde foi extinto, passando a ser Universidade Estadual de Roraima – UERR, na qual atuei com a disciplina de EJA, no curso Normal Superior e Pedagogia, de 2003 até 2016. Vale ressaltar que tais cursos aconteciam em todo o estado de Roraima, inclusive nas comunidades indígenas.

Foi a partir da atuação no ensino superior que percebi quão fragmentada é a formação de professores para atuar na EJA e que precisávamos de políticas públicas condizentes à modalidade de EJA, bem como ampliação de oferta e discussão acerca do acesso e permanência dos educandos da EJA nas redes de ensino, tanto estadual como municipal.

Coordenação do Projovem:

Lindivalda: Em 2013, fui convidada para coordenar o programa Projovem Urbano, na rede municipal de Boa Vista. O Programa Nacional de Inclusão de Jovens – PROJOVEM - surgiu em 30 de junho de 2005, através da Lei nº 11.129/05, sob a coordenação da Secretaria-Geral da Presidência da República, em parceria com os Ministérios da Educação, do Trabalho e Emprego e o do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, com o objetivo de atender os jovens pouco escolarizados, fora do mercado de trabalho, em situação de vulnerabilidade e risco social.

Fórum estadual de educação de jovens e adultos de Roraima:

Lindivalda: Durante o trabalho no ensino superior, em 2005 formou-se um grupo de estudo, no qual fundamos o Fórum de Debate Permanente da Educação de Jovens e Adultos de Roraima – FDPEJA/RR, que existe na luta até os dias atuais. Esse espaço foi o ápice para darmos início a história de Luta da EJA em Roraima, por uma política de garantias de direitos aos jovens, adultos e idosos, pois nacionalmente os fóruns cresciam e articulação entre estados e municípios foi se estreitando e edificando nos Encontros Nacionais de Educação de Jovens e Adultos – ENEJA, para manter as políticas existentes, ampliar ações para EJA, discutir os problemas pontuais e fortalecer sempre a modalidade. A partir daí começou minha luta oficial em favor da Educação de Jovens, Adultos e Idosos.

O que gosta de fazer:

Lindivalda: Gosto muito de assistir filmes, gosto de ir ao teatro, de passear. Gosto muito de conversar com as crianças. Gosto de dar aula. Adoro contar histórias, enfim, tudo isso para mim, esses momentos diferentes, viram hobby.

Como começou a carreira:

Lindivalda: Comecei minha carreira de professora já como estagiária, remunerada, aos 16 anos, na Paraíba- João Pessoa.

Qual a sua profissão:

Lindivalda: Minha profissão é professora desde pequena. O que me motivou a ser professora foi a minha convivência com os meus colegas na escola e com minha professora que sempre me pedia para ajudar os colegas que estavam mais atrasados. E foi ali que fui tomando gosto de como ensinar, de como motivar, de como fazer as pessoas aprenderem. Eu já me sentia professora desde criança.

Experiência profissional:

Lindivalda: Já trabalhei em várias instituições, a saber, governo do estado, prefeitura e instituições privadas, inclusive aqui em Boa Vista. Dentro da minha profissão, sempre gostei de trabalhar com projetos, mas desses projetos todos que já trabalhei o que mais me deixou gratificada foi alfabetizar jovens e adultos com artigos de lei, porque eles tinham necessidade de lutar pelos direitos deles. Mas as pessoas sempre pareciam ter medo da lei, por desconhecimento que gerava dúvidas, então foi a forma que achei para trabalhar essa questão como, por exemplo, alguns artigos mais relevantes do Código Civil e da Constituição Federal. Esse trabalho me proporcionou prêmio nacional. Foi, para mim, o mais relevante.

O que marcou ou proporcionou crescimento na sua vida:

Lindivalda: Uma das coisas que mais me proporcionou crescimento foi o choque de cultura quando cheguei a Roraima. Depois que me formei, que passei a fazer parte dessa comunidade, dessa população, o que mais me emocionou foi a experiência de conhecer as comunidades indígenas, onde pude conversar com idosos, jovens e adolescentes indígenas. Enfim, isso marcou demais, me proporcionou crescimento, principalmente, na questão do respeito à cultura indígena.

Realização profissional:

Lindivalda: Hoje eu já fiz doutorado, tenho várias especializações, alfabetização, educação de jovens e adultos, educação nacional, gestão nacional e internacional. Mas ainda tenho algo para concluir, um curso de direito porque quero atuar na área do direito educacional.

Orgulho para vida:

Lindivalda: O que me orgulha, e digo que valeu a pena, foi ter criado meus filhos sozinha, claro, com a ajuda da minha mãe, mas

me refiro sem uma presença masculina e que deu certo, pois os meus filhos tiveram um destino bacana. Isso, para mim, foi muito relevante, foi muito importante, pois dei conta. Com três filhos, fazendo faculdade, com dois empregos, Isso, para mim, representa um prêmio Nobel que ganhei.

Experiência com atitude machista:

Lindivalda: Machismo, talvez não, porém sofri discriminação da minha função como Pedagoga, por exemplo, que não poderia lecionar para o Ensino Médio, só para crianças. Sofri discriminação com o curso de Pedagogia, com a formação de pedagogo, por assim dizer. Esse foi o único momento que senti discriminação na educação.

Uma frase significativa:

Lindivalda: Uma frase que eu uso muito é: Não dá tempo ao tempo porque o tempo só dá tempo a quem não tem tempo, por isso não percamos tempo, pois nós somos temporários. Essa frase diz para mim: olha, não para porque a vida não para, para que a gente se recupere. Se cair, levanta, vai para cima de novo e deixar a vida lhe levar, curtindo cada momento que ela lhe propõe espaço de tempo, de vida.

PARTE 4

Mulheres na Saúde de Roraima

MULHERES NA SAÚDE DE RORAIMA

Seguindo uma linha mais abrangente, a Organização Mundial da Saúde (OMS), definiu saúde como um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas como a ausência de doença ou enfermidade. Essa é uma perspectiva interessante porque observa o ser humano integralmente e pelo viés da possibilidade do cuidado, e não da urgência de uma condição de mal-estar. A partir dessa compreensão, vamos colocar em pauta a história três mulheres que contribuíram e ainda contribuem com a saúde e qualidade de vida de quem vive em Roraima.

Rosalina Richil desde muito jovem era referência em cuidar da vida das pessoas de diversas comunidades indígenas, viajava horas para fazer o bem ao próximo. Quando ter atendimento especializado para maternidade era algo desconhecido para o povo roraimense, ela fazia partos, ajudando a dar vida a muitos seres humanos.

Outra mulher que representa a saúde no estado é Magnólia Souza, médica, ginecologista, precursora na criação da Liga de Câncer em Roraima. Em sua vida, ocupou muitas frentes disseminando informações sobre saúde à comunidade, especialmente se preocupando com o cuidado e bem-estar das mulheres.

Outra protagonista nesse campo é Tayane Sabino, uma mulher jovem, que, em face dos seus 30 anos, estuda e trabalha com questões relacionadas à saúde mental da coletividade. Preocupada com seu próximo, faz trabalho voluntário, bem como atua no serviço público de Roraima como terapeuta ocupacional.

Essas são algumas das diversas mulheres que contribuem com Roraima de forma direta, disseminando conhecimentos

relacionados à saúde. São mulheres que se destacam pela empatia, exercendo o cuidado e responsabilidade coletiva.

CAPÍTULO 13

Tayana Sabino de Oliveira

TAYANA SABINO DE OLIVEIRA

Terapeuta Ocupacional



"Tudo passa"

TAYANA SABINO DE OLIVEIRA

Nascida em Belém do Pará
Só pelo nome já está dizendo
Nunca pare de lutar.
Comunicativa e curiosa
Bonita como uma rosa.

Todos a chamam de Tay
Orgulho de seus pais
Mulher guerreira que luta e vai atrás
No sorriso carrega a paz
Uma mulher dessas no mundo
O país está bom demais.

Mulher linda humildemente
Que inspira muita gente
Terapêutica disciplinada
Conseguiu ser o é em sua jornada.

Alcançou seus objetivos
Com muito entendimento
Pros seus colegas se for preciso
Repassa o conhecimento.

Discentes: *Jasmine Souza*
Lucas Silva

TAYANA SABINO DE OLIVEIRA

Nasci em 1989 e cresci em Belém do Pará, mas meus pais são goianos. Estudei a vida toda em escolas particulares, cursei 1 ano de Psicologia na Universidade Federal do Pará e me graduei em Terapia Ocupacional na Universidade do Estado do Pará, onde me formei em 2012.

Sou filha única e, por 9 anos, fui a única criança na família. Até os 4 anos, praticamente, só convivi com adultos.

Fui uma adolescente com muita dificuldade de comunicação com meus pais. Tive crises depressivas intensas no início e no final da adolescência. Sempre fui namoradeira, mesmo que meus pais fossem absolutamente contrários a isso. Mas em momento algum me impediu de ser também uma das melhores alunas da minha série e de ser aprovada em todas as provas de vestibular que fiz, ficando sempre bem classificada. Por isso cursei, simultaneamente por um ano, dois cursos em universidades públicas.

Me formei com 22 anos, já saí da universidade aprovada em concurso para fazer Residência Multiprofissional em Saúde do Idoso. Aos 23 anos fiquei noiva. Aos 24 fui aprovada em dois concursos públicos em Roraima, larguei toda a vida em Belém e vim para cá. Meses depois, casei-me e, anos depois, me divorciei.

Moro em Boa Vista, onde sou servidora pública efetiva da Prefeitura Municipal de Boa Vista e do Governo do Estado de Roraima, ambos no cargo de Terapeuta Ocupacional.

Meus maiores prazeres na vida são viajar, dançar, comer, beber. E o que me mantém motivada é estudar. Estou sempre fazendo cursos novos em todas as áreas possíveis

Decidi ser psicóloga na sexta série, fiz vestibular para a Psicologia nas duas universidades onde tinham o curso. Na Universidade Pública Estadual não tinha o curso, então busquei um em área afim, só para fazer a prova e ter mais uma opção. Fui aprovada em todos e as aulas começaram, em Terapia Ocupacional, quase 2 meses antes e uma das primeiras matérias nos levou a conhecer a atuação dos terapeutas ocupacionais nas mais diversas áreas. Foi amor à primeira vista. Ainda tentei levar os dois cursos, mas sou muito exigente comigo mesma, então, ao final do primeiro ano eu tranquei o curso de Psicologia e segui com a Terapia Ocupacional: melhor decisão da vida. 😍

Quais instituições trabalhou? Quais atividades já realizou que considera mais importante e marcante para sua vida profissional? E por que considera?

Tayana: Como Terapeuta Ocupacional residente, trabalhei em Hospital e centros de referência. Como concursada, trabalhei no CAPS AD, CAPS II, Centro de Referência para pessoas com necessidades especiais e Centro de Referência do Idoso. Atualmente estou no CAPS II e no Centro de Referência do Idoso.

Já fui voluntária na ONG Lar Fabiano de Cristo e, atualmente, sou voluntária na ONG Fraternidade sem Fronteira, onde desenvolvo um grupo terapêutico com idosos imigrantes.

Para mim, o mais marcante da minha vida profissional foi ser convidada para ser palestrante, em um congresso de relevância nacional da minha área, para falar sobre a interface da Terapia Ocupacional com a crise imigratória no estado de Roraima.

Não sou professora, mas este ano iniciei um projeto autônomo de ensinar pessoas a cuidarem de sua saúde mental, através de workshops sobre temas que afetam a saúde mental nos dias atuais.

Pretendo abrir meu consultório e, talvez, ir embora do Brasil, trabalhar na Europa, possivelmente como acompanhante terapêutica de idosos. Enquanto estiver aqui, meu sonho é conseguir ajudar o máximo de pessoas possível a manter sua independência e autonomia. Também quero aprender mais uns dois idiomas, no mínimo. Falo só Inglês e Espanhol.

Morar sozinha já é um desafio cotidiano. Viajar sozinha é um desafio encarado a cada 4 meses. Ser imigrante brasileira nunca foi um problema em Roraima, mas para viagens no exterior é triste ver como a mulher brasileira é vulgarizada. Ser mulher vai continuar sendo difícil, enquanto existir machismo no mundo.

Como Terapeuta Ocupacional, já lidei com pacientes que tentaram me assediar, entendo que não estavam lúcidos o suficiente para se controlar, mas é triste ver que no inconsciente ou subconsciente masculino está tatuado o comportamento agressivo e animalesco contra a mulher. Nunca me senti discriminada por ser mulher, provavelmente por minha profissão ser comumente exercida por mulheres.

Meu orgulho é de nunca ter deixado o medo me paralisar. Em diversos momentos eu achei que não ia dar certo, que não conseguiria, pois seria difícil demais, mas, mesmo assim, sempre arrisquei. Sempre tentei e quase sempre consegui realizar meus sonhos e planos. O impossível é só uma questão de fé e disciplina.

"Tudo passa". Tento viver momentos felizes de modo intenso porque sei que são raros e passageiros e, nos momentos de desespero, também penso que é necessário apenas ter calma porque mesmo a pior situação do mundo também vai passar.

CAPÍTULO 14

Magnólia de Souza Monteiro Rocha

MAGNÓLIA DE SOUZA MONTEIRO ROCHA

Médica



MAGNÓLIA DE SOUZA MONTEIRO ROCHA

Magnólia Rocha sempre linda e formosa
Quanto mais sorrir, mais fica bondosa
É ginecologista com muita experiência
Porque na sua carreira sempre teve resiliência.

Sempre foi responsável pela sua gentileza
Com muito esforço consegue vencer sua fraqueza
Ótima guerreira
Dispõem do sistema a sua fortaleza.

Diretora, tesoureira presidiu na sua carreira
Mostra ser uma mulher comprometida
Mas também consegue ser guerreira

Ganhou destaque na sociedade
Tendo o objetivo de garantir cumplicidade
É de Belém e consegue vencer como ninguém.

Discentes: *Alexssandro Alexandre Silva*
Genessi Wanderley Laranjeira

MAGNÓLIA DE SOUZA MONTEIRO ROCHA

Nasceu em Belém do Pará, é médica especialista em ginecologia, citopatologia, medicina do trabalho e administração hospitalar. Morou muitos anos no Rio de Janeiro e, em visita ao Território Federal de Roraima, (1983), foi convidada para trabalhar no Programa de Atenção a Saúde da Mulher e Prevenção do Câncer. Labutou no Hospital Materno Infantil Nossa Senhora de Nazaré, no Centro de Saúde I, e em vários outros Centros de Saúde da Atenção Básica. Implementou o Serviço de Citopatologia (funcionava/HCM) aumentando o número de exames preventivos do colo uterino na capital e interior. Na SEMSA/BV presidiu a Junta Médica, dirigiu a Divisão Médica e Implantou o Serviço de Prevenção do Câncer Ginecológico, nos anos (1986 a 1989), e foi Secretária Municipal de Saúde Interina, algumas vezes. Coordenou o Programa Estadual de Combate ao Câncer (1988/1998), Implantou e dirigiu o Centro de Prevenção do Câncer Geral (1989/1998) e foi responsável Técnica do Laboratório de Citopatologia da SESAU/RR (1984/1998). Em 1987, implantou em RR o primeiro Serviço de Mamografia, na Clinica São Luiz, de sua propriedade, juntamente com seu esposo Dr. Adonis Rocha, médico oncologista e mastologista.

No CRM/RR foi conselheira federal suplente, diretora tesoureira, presidiu a Comissão de Especialidade Médica e de Implantação da CBHPM, membro da Comissão de Fiscalização e de Assuntos Políticos. O ativismo de luta contra o câncer a levou a realizar ações preventivas e de diagnóstico precoce do câncer ginecológico em todos os municípios de RR, viabilizando o aumento do número de mulheres diagnosticadas com câncer do colo uterino. Sensível a problemática social, fundou a Liga Roraimense de Combate ao Câncer (1992) com objetivo de garantir o tratamento aos pacientes carentes no Centro de Oncologia de Manaus e poder prestar apoio aos familiares.

Sempre envolvida nas causas sociais, até hoje, ocupa assento nos Conselhos de Controle Social, Municipal e Estadual de Saúde, e Municipal dos Direitos das Pessoas Idosas. Também foi membro dos Conselhos Municipal e Estadual de Assistência Social. Ganhou destaque na sociedade pelos relevantes serviços prestados, recebendo muitas honrarias no âmbito municipal, estadual e nacional, neste último, foi reconhecida como uma das 5 cinco mulheres do Brasil a receber o título denominado Diploma Mulher-Cidadã Bertha Lutz, em reconhecimento à relevante contribuição à defesa dos direitos da mulher no ano 2014, emitido pelo Presidente do Senado Federal em 25 de março de 2014.

Hoje, é vereadora em Boa Vista, sendo a quinta vereadora mais votada no pleito. Na vereança, preside a Comissão de Saúde, Assistência Social e Meio Ambiente, representa a Câmara Municipal no Conselho Municipal da Cidade/BV, participa de todas as sessões ordinárias e itinerantes, audiências públicas e tem se mostrado comprometida em garantir ótimas condições de saúde, educação, segurança, mobilidade urbana, etc, para os munícipes.

Autora do PL Nº016/2017, aprovado na CMSB, que dispõe sobre o Sistema de agendamento (por telefone ou internet) de consultas, procedimentos e exames laboratoriais nas unidades de saúde do município de BV e garante a preferência do atendimento as pessoas idosas, gestantes, portadoras de deficiências e acometidas por doenças crônicas não transmissíveis e AIDS.

MAGNÓLIA DE SOUZA MONTEIRO ROCHA

Nasci no ano de 1954, em Belém do Pará, e saí de lá com quatro anos, porque meu pai é militar. Morei em Parnaíba, Piauí, São Paulo, Rio de Janeiro e Manaus também.

Minha irmã veio para cá, ela é advogada e assumiu a junta comercial, ela veio pelo intermédio da Edneuma Resca. Eu vim para participar do aniversário dela, nessa época eu estava fazendo residência médica, e aí eu conheci a Drª Marta, que era chefe da divisão médica, que me convidou para trabalhar com ela. Aceitei. Cheguei no fim do ano e já tinha mudado de governo, mas mesmo assim me contrataram. Fui contratada em janeiro, de 1984.

Ingressei na universidade em 1974. Eu, na verdade, morava no Rio nessa época, terminei o terceiro ano, fiz vestibular e não passei para medicina, passava para tudo, menos para medicina. Vim para Belém do Pará e lá fiz o cursinho e passei no vestibular. Terminaram os cinco anos e fui fazer o internato no Hospital da Aeronáutica no Rio de Janeiro. Estudei também na Gama Filho, onde fiz Medicina no Trabalho e Administração Hospitalar.

Na minha adolescência, passei muito flutuante, morei em Manaus e os meus quinze anos eu fiz lá, por volta dos meus onze anos estava em Santarém, no Pará. Aos dezesseis fui para o Rio e ficamos lá esse período todo.

Adoro filme, gosto de cinema, Trabalho o dia todo e quando chego em casa, por exemplo, me sento em uma poltrona bem confortável que tenho e, haja filme, porque gosto muito!

Tenho duas filhas lindas, uma é médica e a outra é advogada, mas que está fazendo medicina agora. Não tenho netos, mas tenho três netos cachorrinhos: a Sofia, o Hércules e o (inaudível).

Acho que já nasci querendo ser médica, na época do vestibular tínhamos três opções, pus medicina nas três. Quando saiu o resultado, passava para tudo, menos medicina. Fui para Belém, fiz e passei na Universidade Federal do Pará.

Acredito que esse meu trabalho na Prevenção do câncer foi de relevância, até porque, faz parte da história da minha vida. Quando fundei a Liga do Câncer, com esses técnicos que continuam até hoje, foi justamente para ajudar as pessoas. Estou na política hoje com o mesmo objetivo, minha bandeira sempre foi em defesa da mulher, da saúde. Então, hoje eu digo que de relevância na minha vida é tudo isso que fiz aqui. Outra coisa que fiz, paralelamente, mas que não deixa de ajudar a mulher, é estar na política.

O que vejo que hoje estamos todos precisando, não só as pessoas mais vulneráveis, não só os menos instruídos: precisamos esclarecer para todos como elas são importantes, eu vejo hoje é que a falta de compromisso do cidadão com seu Estado, com seu País é que tem causado toda essa desestruturação, porque os políticos quem escolhe somos nós, então enquanto não aprendermos a escolher, as coisas continuarão do mesmo jeito.

Como mulher, o desafio é em todos os lugares, pois, lamentavelmente, a gente sabe que o machismo impera. A nossa sociedade, literalmente, é machista e a gente sente essa dificuldade sim. Em todos os setores da minha vida enfrentei essa dificuldade para conseguir almejar alguma coisa, a gente consegue, mas com muitos obstáculos. A mulher, para poder se destacar profissionalmente, padece muito, infelizmente, porque ela tem que administrar a casa, tem o marido, tem os filhos. Tudo isso é cobrado. E ela cobra de si mesma. Jamais a mulher vai abandonar a família para fazer alguma coisa. Quando eu estava na Câmara, por exemplo, eu recentemente fui quase humilhada, fiquei na berlinda. Houve um projeto de um seletivo, que está sendo bem-vindo, porém, você

também tem que ser discernida para entender que estamos vivenciando essa invasão toda, com essa imigração.

Enquanto as mulheres não se convencerem de que elas precisam ocupar o espaço dentro da política, se elas não se unirem para escolher mulheres para defender elas lá, quem é que vai fazer? Porque homem não pensa em políticas para as mulheres.

Profissionalmente, me sinto muito feliz em saber que todo o trabalho que fiz mudou o perfil epidemiológico do câncer na mulher do Estado de Roraima, me sinto gratificada e muito preocupada quando vejo que isso está querendo retroagir. Como mulher, me sinto feliz pelas minhas filhas, o meu marido. Amo a minha família, tudo que eu sou devo a meu marido. Tenho duas filhas maravilhosas. Se eu morresse hoje morreria feliz. Tenho um marido e duas filhas incríveis. Meus pais acompanham tudo isso e moram aqui em Boa Vista. Profissionalmente, acho que já fiz muita coisa como ser humano. Me sinto realizada com tudo que eu já fiz.

Tenho uma coisa assim comigo que eu digo que é Deus. Vejo que quem não tem amor ao próximo, quem não procura viver a vida do outro, se não consegue visualizar isso, fica complicado. E só quem consegue visualizar isso é quem tem Deus no coração. Tudo na minha vida é Deus, é Jesus. É Maria, nossa mãe, seja evangélico ou não, todos nós somos filhos de Deus e Maria é mãe de todos nós. A melhor coisa do mundo é conseguir perdoar. Amar, conseguir olhar o outro com olhar de igualdade, isso é fundamental!

CAPÍTULO 15

Zilma de Fátima Richil Bezerra

ZILMA DE FÁTIMA RICHIL BEZERRA

Parteira



ZILMA DE FÁTIMA RICHIL BEZERRA

Zilma é da tribo Wapixana
Não sabia seu sonho quando criança,
Se divertia muito na sua infância
Brincava muitas brincadeiras com outras crianças.

Nem chegou aos 18 e já teve que fazer esforço
Como professora aos 17 deu aulas de reforço
Para aquelas crianças existia muita esperança
Com aquela professora que parecia uma criança.

Seguiu os passos da sua mãe e se tornou uma parteira
Mas dali em frente seria uma grande enfermeira
Trabalhou em diversas áreas indígenas
Buscando mais conhecimento do jeito indígena

Guerreira não comparada com as demais
Lutou muito para cumprir a exigência dos seus pais
Essa mulher não desiste daquilo que vai atrás
Sempre foi fã de Elvis Presley e ninguém mais.

Discente: *Jorge Pedro da Costa*

ZILMA DE FÁTIMA RICHIL BEZERRA

Da tribo Wapixana, parteira, mas, sua primeira profissão, aos 17 anos, foi dar aulas de reforço, de Inglês e Língua Portuguesa, para crianças. Seguiu os passos da mãe, tornou-se uma grande parteira e ajudou muitas pessoas. Teve 7 filhos. Passou a trabalhar como enfermeira e permaneceu nesta profissão por muito tempo. Trabalhou em diversas áreas indígenas - como Papiu, Paramiu, Deminin, Catrimani, entre outras - se dedicando aos índios por muitos anos. Passava de 2 a 3 meses na área indígena e 15 dias na cidade. Durante seu contato com os índios, aprendeu a falar vários dialetos, tais como, Wapixana, Macuxi, Taurepang, Ingaricó, Yanomami, Xirixana, Sanumã e Patamona. Trabalhou também na CASAI e na Coordenação Indígena do HGR até se aposentar, aos 76 anos. Sempre amou pescar e é fã do Elvis Presley!

Primeira voz: Morei e trabalhei muito tempo no Surucucu.

Joelma: Nossa, é longe! O Surucucu, para ir, só de avião, né?

Terceira Voz: Só de avião, Surucucu, Demimi, Serra do Sol, aquilo tudo ela já andou.

Terceira voz: A gente foi criada pelo nosso pai, que tinha asma, então, ele não fazia muita coisa. Pescava um peixinho ali no meio do rio e era por aí. Quando ela voltava, pegava o dinheiro dela todinho e dava na mão dele.

Primeira voz: Ele enchia o bolso, não botava no banco não.

Joelma: Pagava as conta.

Terceira voz: Tudo que ela ganhava ela deixava para nós. Comprava o rancho dela e voltava. Assim que era.

Primeira voz: E era assim.

Joelma: Dava conta de tudo?

Primeira voz: Dava.

Terceira voz: Tem dia que eu vejo que ela fica triste porque eu não me aquieto, eu não me deito, ela tem a caminha dela num canto e eu tenho a minha assim.

Joelma: Hum, hum.

Terceira voz: Eu fico de frente, ela fica de frente para televisão e, se eu quiser, eu também posso virá, né? Tem dia que eu sinto que ela está chateada porque ela quer fazer e participar das coisas comigo, e não pode.

Primeira voz: Quero fazer as coisas também. Trabalhar, mas não posso por causa do meu joelho que dói.

Joelma: Aí não anda e fica braba, a senhora já trabalhou muito mulher!

Terceira voz: Eu digo para ela isso.

Joelma: Agora tem que descansar.

Primeira voz: Ah, não gosto.

Terceira voz: E esses dias eu fui pescar e convidei-a para ir também. É só ela melhorar que eu levo para pescar, só que eu falei que eu ia numa segunda- feira (riso). Toda a segunda. Uma hora a gente vai.

Joelma: Hum, hum, mas a senhora lê e escreve né? Foi estudar no MOBRAL, lê em outras línguas, sim?

Terceira voz: Lê e escreve.

Primeira voz: Aí depois que eu aprendi a ler e escrever, eu estudei enfermagem, (?) parto, eu gostava de fazer parto.

Joelma: E a senhora se aposentou como enfermeira?

Primeira voz: Não.

Terceira voz: Isso é uma tristeza, ela se aposentou como auxiliar administrativo. Trabalhou a vida toda com esses médicos, todos tinham um grande conhecimento e deixaram-na se aposentar como auxiliar administrativo.

Joelma: Por que não tinha o documento para provar?

Terceira voz: Isso.

Joelma: Não tinha o diploma.

Terceira voz: Não, naquela época não tinha, não tinha enfermagem em Boa Vista, era só técnico de enfermagem.

Joelma: Por isso que ela merecia ter sido reconhecida, por possuir um saber notório!

Terceira voz: E ela fez vários exames. Um tempo atrás me aconselharam a correr atrás para tentar mudar isso, mas não vou mexer não, ela está conseguindo viver com o que ganha.

Primeira voz: Temos pouco dinheiro, mas é de Deus!

Terceira voz: Ela é muito tranquila, se deu, deu; se não deu, tá bom, minha filha.

Joelma: É porque tem coisa que estressa muito, né?

Terceira voz: Só tem uma coisa que ela gosta: comer bem. Acho que ela passou fome.

Joelma: A senhora gosta de comer bem?

Primeira voz: Gosto.

Terceira voz: Eu acho que ela passou fome na outra vida porque ela exige o que quer comer!

Joelma: Claro! E o que a senhora gosta de comer?

Primeira voz: Porquinho assado na brasa.

Joelma: Eitaaa, mas é gostoso!

Terceira voz: Ela gosta de camarão, de caranguejo...

Primeira voz: Gosto de caranguejo, gosto de camarão.

PARTE 5

Mulheres Trabalhadoras do Campo em Roraima

A IMPORTÂNCIA DAS MULHERES RURAIS

A trajetória das mulheres do meio rural é fortemente marcada pelas lutas. No trabalho cotidiano pela sobrevivência, é comum que não sejam reconhecidas, nem valorizadas. Mais que em qualquer outro lugar, a desigualdade de gênero, no campo, está enraizada e, em certa medida, naturalizada, fruto de uma sociedade machista e patriarcal que invisibiliza e menospreza o trabalho da mulher na roça. O reconhecimento tardio das mulheres rurais como trabalhadoras produtivas, como citado por Pulga e Mezadri (2018), excluídas dos direitos previdenciários, confundidas como domésticas, exclusivamente do lar, sem direito de propriedade a terra, são alguns dos exemplos desta desigualdade.

Neste cenário histórico de discriminação, mas também de luta, é que mulheres como Rosângela Piovizani são fundamentais e representam um farol para outras mulheres. Na relação familiar, com o meio em que vivem, com a terra, com a natureza, expõem sua força e sua determinação na luta e organização em favor dos direitos das mulheres do campo e toda a classe camponesa. Como produtora, mulher engajada no movimento agroecológico, desde o final dos anos de 1980, contribui até os dias de hoje para o fortalecimento do movimento de mulheres camponesas, dando ouvidos e voz aos clamores das agricultoras, indígenas, negras, ribeirinhas, excluídas. Sua trajetória, de mais de 30 anos de trabalho em Roraima, é carregada de amor às pessoas desta terra e de amor à terra. Esta mulher, cheia de simplicidade, com profunda sensibilidade e sabedoria continua nos ensinando.

As mulheres do campo, como Rosângela Piovizani, nos inspiram, nos revelam a força que todas nós possuímos. Seu poder está na suavidade de suas palavras e na força dos seus pés e mãos

que transformam tudo ao seu redor. E em homenagem a ela e a tantas, que me aproprio das palavras de Zuleica Alambert:

> *"Sempre que penso nas mulheres, me vem à imagem de um rio enorme e caudaloso que temos que atravessar. Umas apenas molham os pés e desistem, outras nadam até a metade e voltam, temendo que lhe faltem forças. Mas há aquelas que resolvem alcançar a outra margem custe o que custar. Da travessia, vão largando pedaços da carne, pedaços delas mesmas. E pode parecer aos outros que do lado de lá vai chegar um trapo humano, uma mulher estraçalhada. Mas o que ficou pelo caminho é tão somente a pele velha. Na outra margem chega uma nova mulher..."*
>
> (Zuleica Alambert. *In*: Mulheres Camponesas: semeando agroecologia colhendo saúde e autonomia, 2018, p. 18).

CAPÍTULO 16

Rosangela Piovizani

ROSANGELA PIOVIZANI

Agricultora/Estudante de Direito



ROSÂNGELA PIOVIZANI

56 anos de uma carreira
4 filhas para alimentar
E um povo para ajudar
Sua terra natal, Califórnia - Paraná
Ao lado dos agricultores lutando
Nas reuniões participando
E novos direitos conquistando.

Defende tão ferozmente
Que até um leão a teme
Mulher inteligente e seu
povo muito defende
Sempre no futuro pensando
E os outros ajudando.

Pela aparência não possa julgar
Mais na vida devemos nos espelhar
E quando pensar em parar
Devemos nos lembrar
Se ela conseguiu
Eu também consigo chegar

Discentes: *João Carlos Carvalho da Silva*
Deydiane Nascimento

ROSANGELA PIOVIZANI

Nasci na Califórnia, Paraná. Há 11 anos migrei com minha família para uma comunidade rural no Paraguai, na região do Alto Paraná, província de Los Cedrales. Casei-me em 1979 e, em 1980, nasce nossa filha. Voltamos para o Brasil, em direção ao estado de Rondônia, tentando garantir uma terra para sobreviver. Ficamos por 6 meses e, em janeiro de 1981 nos direcionamos a Roraima em busca de terra, onde fomos assentados pelo INCRA no projeto Jauaperi, em São Joao da Baliza. Em Roraima nasceram mais 3 filhas. Começo minha militância pelas comunidades eclesiais de base, contribui com a fundação do STTR, associação de pequenos produtores, e fundação do PT. Fui candidata à deputada federal em 1986, participei da construção da Comissão Pastoral da Terra (CPT), criando o Regional Roraima, em 1995. Fui indicada pela CPT para participar de um Encontro Nacional de Mulheres Rurais, em São Paulo, em 1996. Voltando do encontro, dedico minha militancia para construção do MMC Roraima. Fui convidada para vir a Brasília, em 2003, para coordenar o escritorio nacional a fim de dar condições ao lançamento do MMC Brasil, que ocorreu de 04 a 08 de março, de 2004.

Dedico minha vida pela luta das mulheres do campo, à roça e aos estudos. Hoje, como estudante de Direito na cidade de Goiás pelo PRONERA, estou cursando o sexto periodo do curso. Tenho 56 anos completos, sou casada há 39 anos e mãe de 4 mulheres (Jaqueline, Cintia, Márcia e Jacimar) e avó de 4 meninos (Vinícius, Geovani, Enzo e Eros) e de uma menina (Daniela). Moro metade do ano na Chácara da família, em Samambaia Norte - DF e a outra metade na cidade de Goiás, conhecida como Goiás Velho, no estado de Goiás.

PARTE 6

Mulheres nos Movimentos Sociais de Roraima

MULHERES NOS MOVIMENTOS SOCIAIS DE RORAIMA

A atuação das mulheres em prol dos direitos sociais existe há muito tempo. Sabemos que o exercício do voto político, de escolhas matrimoniais e o próprio direito de reprodução são vitórias decorrentes de ações de muitas outras mulheres. *O protagonismo das mulheres pelos direitos sociais* tem possibilitado muitas conquistas, dentre elas, a própria Lei Maria da Penha, que foi aprovada e sancionada em 2006. Existiu uma luta dura dos movimentos feministas, em prol dos direitos das mulheres.

Em Roraima, temos mulheres que protagonizam e atuam fortemente em diversos movimentos, no intuito de conquistar direitos das minorias, indígenas, mulheres, idosos e negros. Uma luta árdua, sem muito apoio político, enfrentando críticas de uma maioria que ignora essas desigualdades que foram construídas socialmente.

Neste cenário, destacamos Andrea Vasconcelos, mulher persistente, antropóloga, mãe de dois filhos, que luta e sonha por uma sociedade com mais equidade e menos violenta para as mulheres. É uma das precussoras da luta pela vida das mulheres em Roraima, participante ativa do NUMUR-AMB, Núcleo de Mulheres de Roraima, há 23 anos, inclusive já coordenou o núcleo por alguns anos. Lidera passeatas, organiza cursos, faz palestras e rodas de conversas. Articulada com outros movimentos, tudo de forma voluntária e coerente com o que idealiza para esta e outras gerações, um mundo em que a Mulher não sinta medo de sair às ruas sozinha, ou que tenha que se acostumar numa relação abusiva, por medo de perder seu direito de viver livre. Andrea sonha e pratica ações para que a liberdade seja um direito da humanidade, independente de gênero.

Em Roraima, os movimentos sociais são fortalecidos pelas presenças de muitas mulheres, mas, nesta obra optamos em destacar algumas, como Antonia Pedrosa. Ela é sindicalista e também de movimento social, atua no movimento sindical há, aproximadamente, 5 anos. É secretária da CUT.

CAPÍTULO 17

Margarete Maria Barreto de Araújo

MARGARETE MARIA BARRETO DE ARAÚJO

Missionária



MARGARETE MARIA BARRETO DE ARAÚJO

Sou Margarete
Não tenho medo de assumir a minha religião
Pois sou católica de coração
Sou primogênita de cinco irmãos
Nascida e criada no sertão.

Fui professora formada em teologia
Dando sempre aula com muita alegria.
Minhas causas sociais mais marcantes
Foi meu trabalho duro com
Ribeirinhos, indígenas e imigrantes.

Por mais que pareça difícil toda essa colocação
Faço o que faço com muita convicção
Pois não tenho medo da sociedade
Temo só a Deus que é a minha verdade.

Discentes: *Flávio Ângelo*
Leonel Silva do Carmo

MARGARETE MARIA BARRETO DE ARAÚJO

Estou em Amajari há oito anos, conheço alguns que passaram pela Catequese. E é uma alegria partilhar minha vida e experiências com vocês.

Eu sou muito feliz como mulher. Acho que se Deus não tivesse criado a mulher, o mundo seria incompleto, não desprezando os homens. Sou missionária, sou nordestina, sou cearense, nasci em uma cidade que fica a três horas da capital Fortaleza. Sou de uma família de seis filhos, sou a primeira filha, minha mãe é professora e meu pai é pintor. As primeiras escritas... Foi minha mãe que me alfabetizou. Sou católica desde criança, nasci em uma família católica, minha avó e meus pais frequentavam a igreja e a missa toda semana, participava da comunidade cristã, então tenho isso muito forte: a fé. Três coisas que me sustentam: a fé, partilhar minha vida e ser solidária com as pessoas.

Desde a adolescência carregava dentro de mim muitos sonhos. Quando somos jovens e adolescentes temos que carregar dentro de nós muitos sonhos. Se a gente não cultiva os sonhos, a gente não consegue contribuir para que o mundo seja diferente.

Entrei na Universidade e me tornei bacharel em Teologia. Fiz esse curso para ajudar mais ainda na minha missão. Fui enviada para o Estado do Pará, lá foi minha primeira missão, onde passei cinco anos. Depois fui para o Estado do Amapá e fiquei seis anos, logo após, fui para o Amazonas e voltei para o Piauí, onde fiquei por sete anos. Em 2008 eu vim para Roraima, morei três anos na cidade de Boa Vista, no Pintolândia – Conjunto Cidadão, depois fui enviada para Amajari com outras irmãs da minha congregação. E estou aqui há oito anos. Nosso trabalho aqui tem sido com as comunidades não indígenas e indígenas. Fazemos um acompanhamento na linha religiosa e na linha das políticas públicas, temos acompanhado a luta

pelo direito da terra. Tem dois anos que estamos acompanhando a questão imigratória.

Sempre que passávamos pelo Parque de Exposição víamos tantas redes armadas, tantas crianças... E aquela situação nos sensibilizou muito. Precisamos ter sensibilidade com os outros. Essa coisa que faz com que eu saia de mim e olhe para o outro. E, como mulher, posso dizer: não é que os homens não tenham, mas a sensibilidade é mais afinada em nós. Nós de Amajari temos que trabalhar muito...

Gosto de escutar as pessoas, de visitá-las, das aulas, de música - de uma boa música -, gosto muito de dormir, mas o que me faz muito feliz é dedicar o meu tempo para ajudar as pessoas, isso me dá muita energia e saúde também.

A escolha que fiz por ser missionária foi um chamado de Deus. O sentido da nossa vida está em Deus, mesmo que a gente não queira admitir. Ele é o autor da vida de cada um. E, entre os meus sonhos, tenho o de fazer missão na África.

Faço parte do Conselho Municipal de Saúde e do Conselho de Assistência Social. O Conselho é aquele que fiscaliza. E são várias situações que a gente percebe que por sermos mulheres não somos respeitadas e, às vezes, temos que falar alto. Quando cheguei aqui em Amajari, há oito anos, passei por alguns inconvenientes em relação a isso. Existem vários tipos de abusos nesse sentido.

No momento tem algo que me causa bastante alegria. Vocês sabem que quando os venezuelanos chegam aqui eles não têm casa, então, uma senhora com quatro crianças chegou e eu comecei a fazer uma campanha para ajudar essa família. E eu consegui mais de sete mil reais para ajudá-los. A casa já estava sendo construída. Isso me deixou realizada.

Como sou missionária e religiosa, acabo lendo muito a bíblia. E tem um pensamento sábio que gosto: “eu vou te conduzir e não vou te perder de vista”. E, até hoje, posso dizer a vocês: nunca me senti perdida. Eu acredito que as sementes boas que foram sendo plantadas estão sendo multiplicadas.

CAPÍTULO 18

Andréa Freitas de Vasconcelos

ANDRÉA FREITAS DE VASCONCELOS

Antropóloga-feminista



"Eu me orgulho muito de ter feito mestrado e me orgulho mais ainda de ser feminista e fazer parte de uma ação de mulheres" - Julho de 2018

"Seja você a transformação que você quer para o mundo"

ANDRÉA FREITAS DE VASCONCELOS

Sou Andréa sou a favor da igualdade social
Não quero ser superior,
Defendo direitos ao nosso favor
Machismo aqui não, e sim nossa união.

Sou mulher não como aquelas
dos contos de fadas
Carrego no meu peito a desigualdade
E a diferença de cor.

A diferença não está em um de nós
Mas sim na sociedade
Não sou contra homem
E sim a favor da igualdade.

Discentes: *Letícia de Souza Silva*
Murilo Peixoto Galvão

ANDRÉA FREITAS DE VASCONCELOS

Eu tive a chance de viver em uma família de classe humilde e estudar numa escola pública. Meu pai saía para trabalhar e minha mãe ficava em casa cuidando dos filhos, isso tudo durante a década de 70. Eu nasci em 1974. Então, já tem certo período em que minha mãe cuidava dos meus irmãos. Foi há uns 20 anos que o trabalho dela era cuidar da casa e dos filhos.

Hoje isso já mudou. As mulheres saem para trabalhar fora para ajudar na renda da família. Nos anos 90 entrei em uma universidade e comecei a estudar química, mas não me identifiquei com esse curso, quando comecei a fazer o estágio percebi que isso realmente não era o que eu queria. Éramos todos da mesma faixa etária, tínhamos entre 22 e 23 anos, os alunos não me respeitavam e não aceitavam minha opinião. Então comecei a fazer ciências sociais. Sociólogo... Olha que palavra bonita! Fiz o curso na Federal, me formei, em seguida fiz o mestrado e pretendo agora fazer o doutorado. Comecei a trabalhar aos 19 anos no banco, onde hoje é o banco do Bradesco que antigamente não se chamava assim.

Eu sempre fui bastante questionadora com as coisas em minha volta, então me chamaram para participar de um sindicato em 2003 onde, depois que entrei, não saí mais e estou até hoje nele. Fui para a federação e depois confederação. Isso me possibilitou uma experiência bem bacana, tive a oportunidade de morar em São Paulo durante três anos, minha atividade na federação era participar da mesa de negociações, em que estavam os trabalhadores e os banqueiros. Tínhamos que convencer os banqueiros da importância dos benefícios e do aumento do salário.

No entanto, minha militância e meu trabalho sempre foram lutar em prol das mulheres. Em 1998 entrei para um movimento de mulheres, hoje faz vinte anos que estou nele e nessa causa

relacionado às mulheres. Comecei a estudar e a participar de vários movimentos, palestras voltadas para mulheres e eles, de certa forma, mudaram minha vida e para melhor. Os homens não tinham que provar toda hora que eram capazes de fazer qualquer coisa e com o movimento passei a compreender melhor essa diferença que há entre homens e mulheres.

Eu pensava que isso de **feminista** era coisa de mulher "safada", mas quando entrei, percebi que não era! Era uma ação de mulheres que lutavam, constantemente, por direitos iguais. Quando comecei a fazer o mestrado, os horizontes se abriram, fiz um trabalho sobre abuso sexual na fronteira da Venezuela e Pacaraima. Por que as mulheres precisam usar o corpo para sua subsistência e os homens não? Então, com isso surgiram vários pontos de interrogação na minha cabeça e, com o tempo, foram aparecendo algumas respostas.

Outro fator que marcou bastante minha vida foi ver tanta desigualdade social entre homens e mulheres. E vamos percebendo isso em casa, trabalho e vários outros lugares. Isso passou a me incomodar... Chegar a um restaurante e ver uma mulher na cozinha ou chegar a um hospital e ver uma mulher negra limpando o chão. Por que no lugar dessa mulher não está um homem de olhos azuis? Por quê? Tudo isso vai trazendo mais e mais perguntas para minha cabeça.

Com tudo isso, pude perceber que o mundo está dividido em dois: homens para um lado e mulheres para o outro, então, durante esses vintes anos como comunista aprendemos várias coisas e continuamos aprendendo até hoje. A partir do momento em que falei que **sou feminista** passei a sofrer preconceito, as pessoas em minha volta me olhavam com um olhar diferente. Sofri machismo por querer igualdade para nós mulheres. As pessoas me viam como se eu não tivesse capacidade para fazer nada, só porque sou mulher! Chamaram-me para administrar um curso chamado **ONU Mulheres**,

em que avaliaram qual foi a melhor mesa de debate e fiquei muito feliz quando escolheram a que eu coordenava.

Eu me orgulho muito de ter feito mestrado e me orgulho mais ainda de ser feminista e fazer parte de uma ação de mulheres.

Eu tenho um pensamento que gosto muito que diz assim "seja você a transformação que você quer para o mundo", meu desafio desde agora é construir uma relação de afeto. O fato de nascer homem já dá o privilegio e nós mulheres temos que dizer toda hora que queremos igualdade entre todos, ou seja, entre homens e mulheres. É isso que o feminismo defende e luta por. O feminismo não é uma briga entre homens e mulheres. O feminismo só quer que homens e mulheres sejam respeitados, tenham diretos iguais, recebam o mesmo salário e tenham as mesmas chances e oportunidades.

Teve alguém ou alguma mulher que inspirou você?

Andréia: Sim! Minha mãe!

Tem alguma forma de proteger uma menina desses tipos de atos feitos por homens?

Andréia: Não! Mas tem como ensinar um menino a não fazer esses tipos de atos.

CAPÍTULO 19

Telma Marques Taurepang

TELMA MARQUES TAUREPANG

Professsora



"A mão que Semeia o alimento é a mesma que busca a paz"

TELMA MARQUES TAUREPANNG

Mulher guerreira sempre lutadora
Deixando suas dificuldades se tornando vencedora.
Mostrando integridade pelo seu povo
Batalhando mudando o velho pelo novo.

Quarenta e um anos de pé na estrada
Mãe de três filhos e casada
Mostrando que mesmo tendo um mundo lá fora
Consegue se dá bem com sua família e isso é o que importa.

Uma mulher que seus ancestrais
São forte como a batalha dela
E seus caminhos se cruzaram
Formando uma história tão bela.

Uma pessoa que pela eternidade
Deveria ser lembrada pelas nossas
Gerações suas lutas reforçadas.

Discente: *John Kennedy dos Santos da Silva*

TELMA MARQUES TAUREPANG

Chamo-me Telma Marques Taurepang, sou da etnia Taurepang. Minha infância foi de muita liberdade dentro da comunidade indígena Araçá, no Município de Amajari. Nasci em 5 de Outubro de 1972. Meu pai se chama Augusto Gomes, da etnia Wapixana, e minha mãe se chama Zenilda Marques, da etnia Taurepang. Sou formada como professora e ingressei na Universidade Federal de Roraima faz pouco tempo, esse ano, no Curso de Antropologia.

A minha adolescência foi um pouco na aldeia, na comunidade do Araçá, quase na minha. Chegando na minha adolescência, aos 16-17 anos, a minha família conheceu uma mulher branca que me levou para a cidade com a conversa de que seria para eu estudar, mas, na verdade eu fui ser ama das crianças dela. Após isso, na minha fase adulta já, terminei meu Ensino Médio e fiz, na época, um curso que formava professores, o Magistério. Depois eu casei e não concluí. Só fiz esse curso, mas que deu subsídio para eu entrar em uma sala de aula. No entanto, continuei tentando... Tentei fazer história, mas não consegui, depois Ciências Sociais, também não e, agora, eu chego à UFRR para fazer Antropologia e, já no primeiro semestre, precisei trancar o curso por conta das minhas atividades dentro da Organização UMIABE, mas estou sempre caminhando no movimento indígena. Fui coordenadora da Secretaria do Movimento de Mulheres Indígenas do CI. Sempre participei do Conselho Indígena de Roraima como membro e como conselheira. Em 2011 a gente foi fazer parte da Coordenação, hoje ocupo a Coordenação Geral da UMIABE, que é a União das Mulheres Indígenas da Amazônia Brasileira, uma Organização que atua em nove Estados da bacia amazônica. Vai de Roraima até Mato Grosso.

O que mais gosto de fazer é estar atuando dentro do movimento indígena. Sentir-me presente na luta dos povos indígenas. Hoje, também lutando não só na questão dos povos indígenas, mas também, especificamente, na das mulheres indígenas. A potencialidade da mulher indígena, dando visibilidade à mulher indígena. Em todo contexto de luta da mulher indígena.

O que me motivou à minha profissão específica, mas que depois do magistério eu ainda não tenho, porém tenho a vivência, é a gente ter momentos mãe, advogada, juíza, médica, psicóloga, pedagoga, enfim, é como se excercêssemos um pouco de cada coisa. Nós, mulheres indígenas, temos essa gama de conhecimento na vivência, na presença de um olhar para a o bem viver de nossas comunidades indígenas. Então, a minha profissão, mesmo hoje, é estar dentro do movimento indígena e lutar por esses povos. Como já falei, estive no Conselho Indígena de Roraima, faço parte como conselheira da OMIR e já fiz parte, também, como conselheira da UMIAB. Hoje, estou na coordenação da UMIAB, mas como somos base da COIAB a gente, em vários momentos e em várias instâncias, participa como membro da COIAB e da própria PIB. A COIAB é a Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira e a PIB é a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil. São estâncias gerenciadas por mulheres indígenas, na COIAB está a Nara Baré e na PIB está a Sônia Guajajara.

Já participamos de várias ações dentro do Conselho Indígena de Roraima, não só dentro do Conselho Indígena de Roraima, mas dentro da COIAB, dentro da própria UMIAB, dentro da própria PIB e dentro da COICA que é nossa instância internacional. Sempre participamos de atividades, de conferências nacionais e internacionais, como a minha participação na França e em Marraquexe, no Marrocos, sobre as condições climáticas que afetam, diretamente, as mulheres indígenas na colheita do seu fruto, na

plantação do seu alimento e, também, na própria economia das mulheres indígenas.

Sonho é para ser sonhado e que possa ser realizado ainda em vida. Que possamos realizar essa grande batalha de conquistas junto com as mulheres indígenas.

Trabalhei no Conselho Indígena de Roraima, foi uma vida dentro do Conselho Indígena de Roraima. O que conseguimos fazer dentro do Conselho foi dar mais visibilidade à luta das mulheres indígenas. Foi por lá que fiz parte da nossa Organização Internacional, a COICA, Coordenação das Organizações Indígenas da América Latina, da Bacia Amazônica e, após sair de lá, fui para UMIABE fortalecer mais o Movimento de Mulheres Indígenas da Amazônia, onde também conseguimos dar visibilidade a questão das mudanças climáticas, criando um comitê onde a mulher indígena tem participação como protagonista da luta, interferindo positivamente para as mudanças climáticas, como fazer com que se tenha uma percepção maior dos impactos dessa mudança. Também exercendo um espaço dentro do projeto da ONU Mulheres, que deu nome à voz das mulheres indígenas. Quando foi criado o projeto com a ONU Mulheres, nós demos seguimentos a primeira marcha das mulheres indígenas. Isso tem uma relevância muito grande para mim. Meu trabalho tem se dado, exclusivamente, nessa questão dos direitos dos povos indígenas do Brasil, na luta pela terra, na luta pela demarcação. Então, a minha atuação tem sido diretamente com as organizações de base, organizações nossas com representatividade como a COIAB, PIB, COICA e a UMIAB.

Até os meus 33 anos estive apenas como mãe, cuidando dos filhos e da família. Em 2008, meu esposo muito sábio, Cândido Sanches, me chamou e disse que eu estava no momento de ajudar não somente minha casa, mas também meu próprio povo. Em 2005, fui a primeira secretária do Departamento de Apoio às Comunidades Indígenas, sigla DACI, no município de Amajari. Fiquei de 2005 a

2007 nesse departamento. Em 2008, recebi o convite para ir dar aula na minha comunidade Araçá, na Escola Vovô Mariano, onde fiquei dois anos. Em 2010 saí candidata - a convite das minhas lideranças, do município de Amajari - para concorrer a uma vaga dentro do Conselho Indígena de Roraima. Então, aos meus 36 anos fui para sala de aula, saí da sala de aula e fui para essa atuação em nível estadual, regional e internacional.

A minha meta hoje é terminar uma graduação. Eu comecei esse ano achando que ia conciliar, mas não consegui. Então, vai reverberar por mais não sei quantos anos. Já pensei em entregar a Organização, mas eu só tenho cobranças em me dizer que não posso largar o movimento indígena, ainda mais agora que a Organização de Mulheres Indígenas começou a chegar e estamos dando visibilidade a ela. No entanto, meu sonho é fazer a graduação em Antropologia e o meu grande sonho é que a UMIABE esteja em destaque, em nível nacional e internacional, pela luta das mulheres indígenas, pela resistência das mulheres indígenas porque se elas não resistirem, elas jamais irão existir.

O meu maior desafio como mulher indígena do Estado de Roraima foi chegar até esse lugar onde estou ocupando vários espaços. E minha maior experiência foi quando eu perdi um voo em Dubai, sem saber falar inglês ou espanhol, sabendo falar, apenas, o meu português. Quando eu cheguei naquele lugar, eu me senti perdida e, ao mesmo tempo, olhei para dentro de mim e vi que eu era capaz. Por que eu era capaz? Porque, se cheguei até ali e perdi uma conexão, não era por um acaso que eu estava ali. No final eu consegui sair de lá. Eu consegui observar como as pessoas circulavam. Foi a partir desse momento que eu aprendi a lidar com minhas viagens internacionais, a prestar atenção. Essa foi uma das maiores experiências para mim. Quando cheguei à França, a jornalista me perguntou como eu tinha chegado lá, porque ela havia notado que eu não sabia falar inglês, francês ou espanhol. E eu lhe

disse que cheguei até aquele momento porque eu tinha algo, eu tinha uma missão e o meu coração, a minha alma tinham me levado até ali onde eu estava. Então, essas experiências resultaram em um valioso aprendizado: que há um grande espírito e esse grande espírito se comunica com a gente no momento certo. Essa foi uma das minhas maiores experiências com o sobrenatural.

O machismo está em todo lugar e existe dentro das nossas próprias Organizações, quando são sempre compostas por homens. E quando há uma mulher, ela começa sempre quebrando paradigmas. A mulher, a atuação da mulher. Eu não digo que é sofrer o machismo dentro dessa organização, mas que nós, aos poucos, estamos avançando. E eles, os homens de nossa organização, estão entendendo que a mulher precisa estar lado a lado no gerenciar de uma Organização. Ela tem a capacidade de administrar tanto quanto um homem. Se ela tem a capacidade de administrar uma família, também tem a de administrar uma Organização. Assim, paulatinamente, estamos avançando e quebramos o paradigma do machismo dentro de nossas Organizações quando eles entendem que a mulher precisa ocupar seus espaços. Seja o espaço que ela escolher, ela tem o direito!

O meu orgulho maior é fazer parte da UMIABE. Ela foi constituída em 2009, pelas mulheres, por acreditar que a mulher precisava ocupar esse espaço. E a UMIABE foi criada para isso, para dar sustentabilidade, para dar ainda mais voz às mulheres, pois as mulheres indígenas já têm a sua voz. No entanto, a UMIABE é uma instância surgida para nos dar outro olhar ao que precisa ser olhado, o de que as mulheres indígenas estão aí, elas existem, estão para contribuir e fazer a diferença. Então, maior orgulho é ocupar a primeira cadeira na representação das Mulheres Indígenas da Amazônia Brasileira.

Entre os meus maiores sonhos está o de ver meus filhos formados. Eu tenho uma filha de 24 anos que ocupa um espaço

dentro da Universidade Federal, tenho dois filhos maravilhosos que Deus me deu. Um que se chama Augusto Sanches, que com toda dificuldade que a gente vem vivenciando, a dificuldade de eu está perto dele e, muita vezes, não compreender a forma que ele quer viver, mas sou essa fortaleza, também, de entender que sou mãe. Tenho outro filho, o Junior, que está fazendo uma graduação no IFRR. Então, esse é um dos meus maiores sonhos, ver eles formados. E também que não se esqueçam de onde vieram, nunca deixem sua humildade e possam vivenciar a luta dos povos indígenas.

Frase preferida: "A mão que semeia o alimento é a mesma que busca a paz."

Secretária do Movimento de Mulheres Indígenas de Roraima Telma Marques Taurepang, da comunidade indígena Mangueira, 41 anos, casada, mãe de três filhos. Desde a infância já acompanhava a luta dos familiares e, principalmente, do seu povo Taurenpag e de outros povos do estado de Roraima. O anseio de uma luta sempre foi pelo bem viver das comunidades indígenas. Na vida profissional, dedicou-se a formação como professora do Ensino Infantil e, como complemento, aceitou o desafio de buscar a formação superior no curso de História. Um sonho que ainda perpetua.

Sempre atuante nas questões indígenas e buscando melhorias para o seu povo, em 2005 aceitou o desafio de atuar como Diretora do Departamento Municipal Indígena, no município de origem, chamado de Amajari. Amajari, na língua materna Taurepang, significa "revoada de padapá", um passarinho do lavrado local. Não contente com as conquistas e diante da motivação, incentivo das lideranças indígenas de Amajari, após três anos atuando no corpo docente da região, além de exercer a função de Tuxaua em sua comunidade indígena Mangueira, a partir da indicação das lideranças indígenas, aceitou mais um desafio para sua vida, o de concorrer ao cargo de Secretaria do Movimento de Mulheres

Indígenas de Roraima, instância da Coordenação Geral do Conselho Indígena de Roraima (CIR).

Um pleito que foi realizado durante a 40ª Assembleia Geral dos Povos Indígenas de Roraima, ocorrida em março de 2010, na comunidade indígena Araçá, região de Amajari. Ato histórico para as lideranças indígenas e para a mais nova Secretaria, onde assumiu para dois anos de mandato, que atualmente soma três anos, sendo reeleita na última Assembleia Eletiva de 2013. Após passar pelo crivo dos povos indígenas do estado de Roraima, assumiu a Secretaria desde o dia 15 de março e permanece até hoje. Assume, conscientemente, de acordo com a vontade e aprovação dos povos e das mulheres indígenas que as indicou e elegeu. Partindo para o histórico específico do movimento de mulheres indígenas, tem nos registros que surgiu no ano de 1986, na antiga missão Surumu, atualmente, Centro Indígena de Formação e Cultura Raposa Serra do Sol (CIFRSS).

O movimento começou a partir da demanda do Projeto de Corte e Costura, destinado às comunidades indígenas e, assim, iniciou o movimento com a atuação de algumas mulheres, que foram apoiadas pelas lideranças indígenas. Desde então, as mulheres indígenas começaram a atuar participando de reuniões, encontros e assembleias. No auge do movimento, as mulheres trocavam experiências, discutiam demandas específicas das mulheres, buscando uma participação mais direta no movimento, conquistando seu espaço.

Até conquistar o espaço, a vontade e o anseio de assumir o compromisso junto ao povo movia-se na mente e no coração das mulheres. Até então, a participação das mulheres era bastante tímida, devido à falta de apoio, confiança, discriminação e desvalorização por parte de seus companheiros. Mesmo assim, não desistiram e continuaram a luta ao lado dos seus esposos.

O período de 29 de janeiro a 2 de fevereiro, de 1996, foi um período marcante para o movimento, pois nesses dias as lideranças indígenas discutiram e esclareceram a importância do movimento indígena, que também nascerá nesse período, com a realização do primeiro Encontro dos Coordenadores dos Conselhos Regionais. Já no período de 9 a 12 de dezembro de 1996, aconteceu na comunidade indígena Bismark, o Congresso dos Catequistas Indígenas.

Um evento que foi significativo para o movimento de mulheres indígenas, pois foi nesse momento que elas tiveram o apoio masculino, presente na atividade realizada, onde o tema era "A Mulher na Luta Indígena". No dia 2 de janeiro de 1996, elas apresentaram a seguinte proposta: "Nós mulheres, que vivemos na base e que acompanhamos as lutas do nosso povo e vivemos os sofrimentos e muitos problemas que atrapalham nossa caminhada, sentimos a necessidade de formarmos um pequeno grupo de mulheres conscientizadas e comprometidas com nossa organização, decidimos começar este movimento com um pequeno número de mulheres de cada região. Juntas com as lideranças levamos em frente os projetos existentes nas comunidades, especialmente o Projeto de Corte e Costura." Um outro ponto importante e histórico para o movimento de mulheres, em 1998, foi quando o então Advogado do Conselho Indígena de Roraima, Paulo Pankararu, apresentou a primeira estrutura do estatuto da organização e deu início a primeira Assembleia Geral do Movimento de Mulheres Indígenas do Estado de Roraima, assumindo como primeira secretária do movimento de mulheres, Lavina Salomão, da etnia Macuxi, da comunidade indígena Maturuca, região das Serras, Terra Indígena Raposa Serra do Sol.

A partir daí, na estrutura organizacional do CIR, concretizou-se a Secretaria do Movimento de Mulheres Indígenas, tendo como atribuição a articulação com os parceiros e suporte às atividades realizadas nas regiões de atuação do CIR, onde atua em 223

comunidades indígenas, nove povos indígenas e dez regiões do Estado. "O que você, como liderança, considera importante reforçar sobre a luta do seu povo e sobre você?" Diante da conjuntura política e social em que nós povos indígenas passamos hoje, de ameaça aos nossos direitos indígenas, perseguição e pressão política por parte dos poderes que compõe o nosso Estado brasileiro, legislativo, executivo e judiciário, questões essas que, infelizmente, vêm causando instabilidade, insegurança aos povos indígenas de todo o Brasil, acredito que o importante, assim como em todas as lutas, é continuar com o fortalecimento, união e resistência, da mesma forma como está sendo feita nesses 514 anos de conquista. São instrumentos de defesa que adotamos, não só através das grandes mobilizações, mas de ações concretas junto às comunidades indígenas.

A organização social das comunidades indígenas, o ingresso de indígenas no ensino superior, formação de professores e agentes indígenas de saúde, projetos de sustentabilidade, ações de vigilância e monitoramento das terras indígenas e articulações regionais, nacionais e internacionais, então, são alternativas desenvolvidas nas comunidades e juntos com os povos, que a partir de um processo de conquista de direitos indígenas, nós fomos enfrentando e, com esforço, conquistamos resultados positivos, resultados, esses, das nossas lutas. Enquanto representante das mulheres indígenas, como defensora da causa indígena, não só das mulheres, mas defensora de um direito coletivo, dos povos indígenas reforço que, o papel da mulher em todo processo de luta, seja indígena ou não, o importante é garantir essa participação de gênero nas instâncias sociais, porque também somos frutos de uma história de luta e resistência, principalmente, pela conquista de participação democrática e que, hoje, também faz parte do protagonismo social no Brasil.

Meu nome é Telma Taurepang, da etnia taurepang. Tive uma infância com liberdade dentro da comunidade indígena Araçá-

Amajari. Nasci em 5 de outubro de 1972. Sou filha de Augusto Gomes da etnia wapixana e Zenilda Marques da etnia taurepang. Sou acadêmica do curso de Antropologia da Universidade Federal de Roraima-UFRR.

Passei parte da minha adolescência na comunidade Araçá. Ainda na minha adolescência, fui morar com uma família branca na cidade. A princípio, seria para estudar, porém fui ser "ama", ou seja, fui cuidar das crianças da tal família.

Nessa fase, concluí meu Ensino Médio. Ingressei no curso de formação de professores, a saber, o Magistério. Eu também casei e não concluí o curso, porém, fui habilitada para trabalhar em sala de aula. Tentei fazer o curso superior de História e Ciências Sociais, mas não consegui. No entanto, hoje, sou acadêmica do curso de Antropologia da Universidade Federal de Roraima.

Tenho desenvolvido várias atividades no movimento indígena. Já fui coordenadora da Secretaria do Movimento de Mulheres Indígenas, do Conselho Indígena de Roraima CIR). Sempre participei do CIR como membro, como conselheira. Pelo movimento indígena também já participei de atividades como conferências em países como França e Marrocos.

Atualidade (endereço, ocupação atual):

Telma: Hoje ocupo o cargo de coordenadora geral da UMIAB - União das Mulheres Indígenas da Amazônia Brasileira. Sou conselheira da OMIRR. Participamos também junto a COIAB - Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira e junto a APIB - Articulações dos Povos Indígenas do Brasil.

O que mais gosta de fazer, hobbie etc:

Telma: O que mais gosto de fazer é atuar dentro do movimento indígena, me sentir presente na luta destes povos. Hoje, não só lutando pela causa indígena, mas, especialmente, estou na luta pela

causa das mulheres indígenas. Procurando dar visibilidade a elas, em todo contexto de luta do movimento.

Qual profissão? O que motivou a escolha?

Telma: Sou professora. O que me motivou na escolha da minha profissão, foi minha vivência. Nós mulheres indígenas temos uma gama de conhecimento adquiridos na vivência, pois somos um pouco de muitas profissões: advogada, psicóloga, pedagoga, médica e somos mães, dessa forma acabamos por ter um olhar para o bem-viver das nossas comunidades indígenas. A minha profissão, mesmo hoje, é estar dentro do movimento indígena e lutar por esses povos.

Quais instituições trabalhou?

Telma: Em 2005, me tornei a primeira secretária de um departamento criado no município de Amajari, a saber, o DACI - Departamento de apoio às Comunidades Indígenas. Fiquei de 2005 a 2007 nesse departamento. Depois fui trabalhar na Escola Municipal Vovô Mariano, também em Amajari. Posteriormente, fui trabalhar no CIRR - Conselho Indígena de Roraima, permanecendo lá por um bom tempo.

Quais atividades já realizou que considera mais importante e marcante para sua vida profissional? E por que considera?

Telma: Em 2008, com 36 anos de idade, iniciei minha carreira como professora na comunidade Araçá, onde nasci.

Quais metas sonhos ainda pretender realizar em sua vida?

Telma: A minha meta, hoje, é terminar minha graduação em Antropologia. O meu sonho é que a UMIAB - União das Mulheres Indígenas da Amazônia Brasileira tenha destaque, em nível nacional e internacional, pela luta e resistência das mulheres indígenas, mas o meu maior sonho é ver meus filhos formados. E que eles nunca esqueçam de onde vieram e nunca deixem sua humildade de lado, além de poderem vivenciar a luta dos povos indígenas.

Qual o maior desafio já experimentado como mulher roraimense, imigrante?

Telma: O meu maior desafio como mulher indígena do estado de Roraima foi chegar aonde estou, conquistando vários espaços. A minha experiência, também desafiadora, foi ter perdido um voo em Dubai, sem saber falar inglês, sem saber falar espanhol. Senti-me perdida, mas ao mesmo tempo olhei para dentro de mim e vi que eu era capaz, pois eu tinha uma missão. Aprendi que há um grande espírito que se comunica no momento certo com a gente. Foi uma experiência com o sobrenatural.

Em algum momento você viveu algo relacionado ao machismo ou discriminação no exercício de suas funções?

Telma: O machismo está em todo lugar. E existe dentro das nossas próprias organizações. As mulheres indígenas começaram a quebrar os paradigmas dentro das organizações indígenas, ocupando seu espaço. Quebramos o paradigma do machismo, quando os homens entendem que a mulher não só precisa ocupar o seu espaço, mas também tem esse direito, seja qual for o espaço que ela escolher. Aos poucos, nós estamos avançando e eles, os homens de nossas organizações, estão entendendo que a mulher precisa estar lado a lado, porque ela tem a capacidade de gerenciar uma organização. Se ela tem capacidade de administrar uma família, também tem de administrar uma organização.

Cite algo que te orgulhe falar que já realizou em sua vida, seja pessoal ou profissional:

Telma: O meu maior orgulho é fazer parte da UMIABI, pois foi criada para, entre outras coisas, dar voz às mulheres indígenas. O meu maior orgulho é estar ocupando a primeira cadeira como coordenadora geral dessa organização, contribuindo com as outras organizações de base. Isso nos fortalece.

CAPÍTULO 20

Antônia Pedrosa

ANTÔNIA PEDROSA

Professora



"É preciso ter esperança de dias melhores e também lutar para que a sociedade tenha informações que os façam distinguir sobre o real e verdadeiro sentido da política partidária e os papel dos representantes do povo"

ANTÔNIA PEDROSA

Antônia Pedrosa é linda e formosa,
Tão elegante feito uma rosa.

Antônia Pedrosa nascida em 1979
No estado do Maranhão,
Pense em uma mulher de garra e determinação.

Antônia, mulher batalhadora,
De grande respeito e um bom coração.

Que um simples vento trouxe para Roraima
Numa grande inspiração.

Discente: *Hélida Viana e Gisele Lopes*

ANTÔNIA PEDROSA

Eu me chamo Antônia Pedrosa, nasci no ano de 1979. Naquela época, nasci de parteira em um lugarzinho na Zona Rural chamado de Lagoa Tardezinha, no Estado do Maranhão. Sou a terceira filha entre cinco irmãos, minha mãe nos criou sozinha. Ela trabalhava como quebradeira de coco e nós a acompanhávamos em algumas atividades do campo. Quando meu irmão mais velho completou 7 anos, fomos morar na cidade. Minha mãe, apesar de ser uma mulher que não tinha estudos, possuía uma visão de futuro e sabia que era através do estudo que nós poderíamos melhorar nossa condição de vida. Então, passamos a morar na cidade.

A vida dela não foi fácil e a nossa também não, porque nós a acompanhávamos. Ela trabalhava em um turno como zeladora de um posto de saúde e, no outro, quebrando coco, fazendo carvão, enfim, um pouco de tudo. Teve a vida bem difícil como mulher e não ter que dar os filhos para que outros criassem. Ela lutou firme e forte nesse propósito de nos dar educação. Eu lembro de algumas questões da minha infância, por exemplo que, nas férias, eu ia muito para o interior, gosto muito de cidades, porque lá para o seco eu tomava banho naquelas águas sujas, com outras crianças. Foi uma infância muito divertida, apesar das dificuldades. Quando nós acompanhávamos nossa mãe, em um local chamado de Solta, lugar onde tem muitas palmeiras babaçu, ela ia fazer o trabalho dela, mas eu não ajudava muito porque realmente é uma tarefa difícil, tem que ter uma habilidade muito grande.

Lembro que ela quebrava uma lata de coco e, no final do dia, ela trocava por um maço de café, um saco de açúcar. Era o que dava para fazer naquele dia, realmente o que ela fazia era para não deixar a gente passar uma necessidade básica, que é a fome. Eu acho que de todas as necessidades essa é uma que ninguém pode passar: fome!

Enfim, isso foi um pouco da minha vida na infância. Estudei, participei de outras atividades na igreja, fui catequista e fiz magistério na minha cidade, terminei aos 18 anos. Eu tinha um irmão que morava aqui em Boa Vista há 4 anos. Foi uma oportunidade de sair do Maranhão, daquele lugar que você não havia muitas expectativas porque as pessoas que tinham trabalho eram sempre as mesmas... Era a filha de alguém, enfim, questões políticas. Não havia concurso, nem renovações, a expectativa profissional lá era ínfima. Então, vim encontrar com meu irmão mais velho, que já estava em Roraima, eu e meu segundo irmão, mas quando nós chegamos aqui também não foi muito fácil, porque a gente não tinha muito conhecimento, então só o diploma não bastava! Porém, naquela época, ainda pegavam muitos professores com o magistério para trabalhar, principalmente para o interior, na zona rural. Passamos uns 3 meses bem difíceis, sem trabalho, sem dinheiro. Lembro que tive uma vizinha que me dava umas passagens de ônibus, na época tinha um supermercado chamado Ki Bacana, eu procurei emprego nesse mercado, mas a gente não conseguiu.

Um dia, meu irmão encontrou um amigo dele, lá do Maranhão, que apresentou outras pessoas para gente. Então, conseguimos um trabalho na nossa área, que era docência, e fomos trabalhar um em cada lugar. Imagina que, com 18 anos saí de casa, vim para outro local, sem outros parentes e, de lá, eu fui trabalhar no Amajari. Trabalhei na Norberto Peixoto, que é uma escola que fica na beira da estrada, e meu irmão ficou numa escola distante de mim, bem no início do Amajari. Lá, eu trabalhei alguns anos e vim embora em 2003, por algumas situações pessoais. Vim embora, mas nessa época eu já tinha passado no concurso do estado e entrei como seletivada, que era a tabela especial.

Eu tenho 5 filhos, sou casada e meu marido é lá do Amajari. A minha filha mais velha tem 19 anos, engravidei assim que comecei a namorar. Foi tudo muito rápido na minha vida, nessas questões

relacionadas ao casamento e a ter filhos, entretanto, mesmo com filhos e família eu nunca desisti de estudar, quis sempre melhorar. Quando eu vim para Boa Vista eu já tinha a Gabi e a Dani, que são as duas mais velhas, uma tem 19 anos e a outra tem 17. Passei, também, no concurso público em Boa Vista para professora, sou da rede estadual e municipal de ensino e depois tive mais três crianças e, nisso, já estava fazendo a universidade. Entrei na Universidade Estadual de Roraima, trabalhava de manhã e de tarde e estudava à noite. Não é pouca coisa né? Trabalhar dois horários, estudar, cuidar de menino pequeno e de início eu tive a parceria muito forte da minha mãe, porque nunca fiquei devendo nenhuma disciplina, não tranquei nenhum semestre e consegui concluir essa etapa!

Fiz duas especializações: uma em Psicopedagogia - área que trabalhei com crianças com necessidades especiais - e outra em Gestão e Políticas Públicas, um tema que eu gosto de falar sobre. E, depois de 10 anos nessa estruturação de família, estudos e trabalhos, nesse período, não me envolvi muito com outros módulos. Só depois de um tempo, quando as crianças já estavam um pouco mais estruturadas. O que eu tenho que deixar registrado é que meus filhos em nenhum momento foram impedimentos para que eu fizesse outras coisas. Depois que eles nasceram, eu viajei pude me engajar em outras situações e, hoje, eles me acompanham em muitas questões e atividades que eu exerço.

Também sou sindicalista e do movimento social. Atuo no movimento sindical há 5 anos, aproximadamente. Sou secretária da CUT, onde discutimos questões estruturantes com a sociedade, que precisamos discutir cada vez mais, como quais são as relações que impedem certas camadas da sociedade a chegarem a certos patamares, por exemplo. A gente pode ver os temas e discutir a interseccionalidade de alguns deles, então trazemos a mulher para o centro dessa questão: por que existem tantas desigualdades entre gêneros, por que a mulher ganha menos no mercado de trabalho? E

se essa mulher for negra ela ganha bem menos de que a mulher branca, mesmo tendo a mesma escolaridade. Também trazemos a discussão sobre o combate ao racismo. No movimento sindical temos lutas que, apesar de ter direitos assegurados e leis, precisa ter essas pressões sindicais, para que essas questões possam andar, possam ter um desenvolvimento para que possamos ter os mesmos horizontes. Eu estou falando enquanto professora, como questões de trabalho pelas funções organizadas, para que a educação escolar e pública continue sendo essa porta aberta de novas possibilidades e perspectivas para uma camada de população que vive às margens dessa sociedade, historicamente. E, no movimento social, que é o núcleo de mulheres de Roraima, a gente discute realmente essas questões de gêneros. E aí a gente tem as comitivas e, nessas comitivas, nós vamos discutir a questão racial, a questão da lesbofobia, a questão da violência contra a mulher - e que em vários aspectos a gente vivencia e está sempre de uma forma ou de outra. A gente tem sempre que estar se desafiando. Alguém pode perguntar: **Antônia,** a tua vida no movimento sindical, como que é? Como os colegas e os companheiros veem essas questões? Respeitam essa questão do gênero? As mulheres, como é esse debate? Bom, é um debate duro, difícil, porque quando nós temos que fazer uma viagem em prol do movimento, quando nós temos que passar o dia inteiro no movimento, essas questões para as mulheres são diferentes do que para os homens, porque a gente tem mil e uma questões relacionadas ao trabalho e a família para resolver. Enquanto para o homem é tudo mais tranquilo. O homem vai para o sindicato e a mulher fica em casa cuidando dos filhos. Eles têm esse tempo bem mais tranquilo. No meio sindical, na CUT, tem uma política de qualidade: metade mulheres e metade homens, mas nem todo sindicato cutista tem essa mesma roupagem. Isso é um desafio. O sindicato dos trabalhadores em educação de Roraima é um sindicato com aproximadamente seis mil sindicalizados e sindicalizadas e sua grande maioria são de mulheres que fazem educação. Acho que

vocês podem contar nos dedos, da educação primária até o Ensino Médio, quantos professores homens vocês tiveram e quantas mulheres. Visivelmente a gente sabe que na docência as mulheres são a maioria, não é? No sindicato a gente tem um terço de mulheres na direção e os demais cargos são sempre os homens que ocupam.

Esse ano nós fizemos uma campanha sobre assédio moral e sexual no ambiente de trabalho, esse é um dos temas que precisamos discutir no nosso meio, pois não é porque é um sindicato que levanta bandeira, que defende direitos que em alguns momentos não violem alguns direitos, principalmente das mulheres. Estamos tentando construir essa luta em parceria.

Estou aqui aberta às questões que vocês possam ter, ou algum esclarecimento que queiram que eu fale sobre algum tema que abordei aqui, enfim, obrigada pela atenção (aplausos dos alunos).

O que mais gosta de fazer?

Antônia: Nada. Assim, como minha vida é muito corrida, eu quase nunca estou em casa, mas, se tiver de escolher, é ficar em casa sem fazer nada, deitar, ler um pouco e dormir, estar com a minha família. Isso para mim é um hobby. Hoje, quase não tenho tempo de levá-los em um clube, de ir ao parque, mas gosto de viajar, gosto de muitas outras coisas. Porém, por uma questão de amadurecimento, tu vais percebendo que são essas pequenas coisas que vão te deixando mais perto de ti mesmo, mais feliz, mais conectada.

Quais as atividades se apresentaram mais importantes na prática da sua vida profissional? Por que considera?

Antônia: Acho que atividades realmente voltadas para o coletivo são as atividades que considero mais importantes, a minha atuação sindical é fazer uma campanha mesmo que as pessoas virem a cara, porque não vai agradar que a todos, principalmente os que sabem que fazem aquilo de errado. Acho que são atividades desse tipo que

considero mais importante: minha atuação em prol do coletivo seja no movimento social, ou movimento sindical.

Em que ano iniciou sua carreira de professora de comunidade?

Antônia: Eu tinha aproximadamente 19 anos, foi em 1998 que comecei e atuo até hoje. Uma coisa que gosto, principalmente, é trabalhar com criança. Para mim é um pouco terapêutico, dá trabalho, sim, porque é com alfabetização, mas venho reforçada de casa e vou atuar com o que gosto de fazer, sabe? E acho legal.

Hélida: Quais as metas que a senhora pretende realizar na sua vida?

Antônia: Com toda trajetória que eu tive deste o Maranhão, eu acho que sonho com coisas grandes, por exemplo, que outras pessoas tenham a possibilidades que vocês estão tendo, a de estar em um Instituto Federal que é público, sabe? Como a gente está hoje, vivendo este turbilhão de questões sociais e políticas, nesse retrocesso, tenho essa preocupação. Então, hoje, se você perguntar o que eu queria, era que o Brasil retomasse o rumo e enterrasse uma reforma trabalhista que prejudica os trabalhadores, privilegiando alguém que vai usar o teu trabalho em molde de escravidão, quando tu precisar ou adoecer tu não vais mais ter previdência, entendeu? O meu sonho, no momento, é a minha luta e nesse sentido.

Qual o maior desafio experimentado, caro colega imigrante?

Antônia: Olha, aqui somos um estado de imigrantes, na sua grande maioria. Então, o maranhense foi muito discriminado, apesar de terem pessoas de todos os lugares do Brasil aqui, deste o Sul, o Centro Oeste, enfim, de todos os lugares. Pessoas maranhenses moram e vivem aqui em Roraima, acho que o maior desafio nosso não é por ser mulher roraimense e mulher imigrante, acho que o maior desafio da mulher roraimense é a gente ter sim que discutir. Você ser mulher e pobre vai aumentando o grau de desafio. Ser mulher, pobre e negra piora ainda mais a sua situação. Acho que o

desafio é por termos nascido mulheres, negras ou índias. Temos de discutir essas questões! E saber o porquê que, por mais que há mais de 380 anos a escravidão tenha sido abolida, o negro ainda está nessas condições? Temos que discutir por que a mulher negra morre mais no parto, por que a mulher negra ganha menos do que a mulher branca e menos do que homem negro? Por que as mulheres negras são, muitas vezes, invisibilizadas? Por que nas novelas as mulheres negras são sempre as empregadas domésticas e na realidade não é diferente? Quantas vezes você vai ao hospital e vê uma médica negra atendendo? E para gente chegar nessas respostas, precisamos estudar, realmente, pelo olhar do povo negro! Nós não podemos responder pelo negro, pelo gay, pela mulher se você não for negro(a), gay ou mulher. Você não pode responder por estas pessoas, o homem não pode dizer que a mulher está com "mimimi" quando ela falar de violência. Então, acho que o nosso desafio realmente é discutir esses temas e procurar uma sociedade mais justa, equânime.

Hélida: Em algum momento você viveu discriminação?

Antônia: Sim! Com certeza.

Hélida: Cite algo que realizou na sua vida, seja algo profissional ou pessoal?

Antônia: Pessoal: a minha família, tanto da minha mãe e dos meus filhos. Isso, para mim, é um motivo de orgulho.

Hélida: Tem alguma frase que a represente? Algum pensamento, algo que goste para sua vida cotidiana?

Antônia: Não seria bem uma frase, acho que é mentalizar coisas positivas, eu percebo que diante de qualquer situação que seja, vai sempre ter possibilidades de algo positivo. E você tem que resolver, denunciar, reivindicar, falar. Eu sou dessas sabe, mais sempre com o pensamento positivo, de que vai dar certo.

Aluna: Gostaria de saber quem lhe traz essas inspirações?

Antônia: As minhas inspirações sempre foram a minha mãe mesmo porque ela, mesmo sem estudo, sempre teve essa consciência da importância em estudar. Até me emociono ao falar dela, porque ela é a mulher da minha vida e é a minha inspiração para tudo que sou hoje.

Isabella: Qual foi sua maior dificuldade em relação aos seus filhos, sua casa, seu tempo? Que você deixou de estar com eles para estar nos movimentos, tenho certeza que você já deixou de ficar com eles para estar ajudando outras pessoas, né?

Antônia: Não estar em alguns dos aniversários deles, por eu estar em viagens do movimento, mas, ao mesmo tempo, eu quase nunca deixo de estar no movimento ou estar com eles, pois eu os levo comigo. Sempre que é possível, eles estão comigo, seja em qual movimento eu estiver, vai todo mundo junto. Eles gostam de participar, mas compreendem quando não é possível estarem junto.

Então, Antônia, gostaria só de te agradecer. Já falei de manhã, quando a Andreia esteve, mas só para lembrar que essas ações são, muitas vezes, dar visibilidade, de alguma forma, tantas ações em relação às próprias ações especificam da mulher. As questões das pessoas negras. E não é à toa que a gente tem conquistado algumas coisas, uma delas são as cotas, que a gente vê tanto em concursos públicos, quanto em vestibular. Vocês mesmos têm se beneficiado das cotas para indígenas, para negros. E tudo isso só é possível porque existe uma política tentando fazer com que algumas pessoas entendam que as cotas não são um jeito de dizer que o negro e o índio são menos inteligentes ou menos capacitados. Não! É, sim, uma forma de repararmos perdas ao longo da nossa trajetória.

Não é à toa e por conta das ações que tu e a Andreia fazem. Quando há vários movimentos, como dos sem-terra, feministas, LGBTQ+, as coisas vão sendo, de fato, efetivadas, assegurando

direitos para nós. Muitas coisas já estão no papel, como por exemplo, está na constituição nosso direito ao voto, ao acesso à educação, mas se a gente não cobrar eles são esquecidos.

Antônia: Realmente, Joelma, existe essa questão das cotas. E vale lembrar que foram movimentos como o MMU, que tem 40 anos, que organizaram, cobraram e que propuseram, junto com o governo Lula, esse reparo, mesmo que minimamente, isso foi uma conquista. Ainda não é o ideal, mas foi o possível. Por exemplo, nós temos mais de 50% da população deste país de negros e pardos, então por que a gente não tem essa porcentagem no congresso? Por que não temos essa porcentagem sendo professores das universidades? Por que não tem essa porcentagem em cursos de medicina, enfim, são esses questionamentos que nós devemos ter sempre em mente, para ficarem bem explícitos. Como tu falaste, quem propõe a educação, quem planeja e o objetivo tem que ser que todos realmente tenham acesso e condições de permanência.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

BRABO, T. S. A. M. **Cidadania da mulher professora**. São Paulo: Ícone, 2005.

BRUSCHINI, C; AMADO, T. "Estudos sobre mulher e educação". **Cadernos de Pesquisa**, n. 64, fevereiro, 1988.

CRUZ, É.; DAL'IGNA, M. C. "Gênero e currículo: Uma análise desta (des)articulação na formação inicial de docentes". **Anais da 37ª Reunião da ANPED**. Disponível em: <http://37reuniao.anped.org.br>. Acesso em: 21/05/2019.

FREITAS, M. T. A. (org.) **Memória de Professoras**: História e Histórias. Juiz de Fora: UFJF, 2000.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1996.

LOURO, G. L. "Gênero e Magistério: Identidade, História, Representação". *In*: CATANI, D. B. *et al*. (org.) **Docência, memória e gênero:** estudos sobre formação. São Paulo: Escrituras Editora, 1997.

LOURO, G. L. "Mulheres na sala de aula". *In*: DEL PRIORE, M. (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2001.

PULGA, V. L.; MEZADRI, A. M. Promoção da autonomia das mulheres camponesas a partir da prática agroecológica. *In*: CINELLI, C.; SEIBERT, I. G.; CIMA, J. I.; CALAÇA, M.; PULGA, V. L. **Mulheres camponesas**: semeando agroecologia, colhendo saúde e autonomia. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2018.

SOBRE AS ORGANIZADORAS E AUTORES

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Joelma Fernandes de Oliveira é graduada em Pedagogia. Mestra e doutora em Educação. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima (IFRR), *Campus* Amajari. E-mail: joelmaufrr@hotmail.com

Jacinta Ferreira dos Santos Rodrigues é graduada e mestra em Letras. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), *Campus* Cajazeiras. E-mail: jacinta.rodrigue@ifpb.edu.br

Luciana da Silva Barros é graduada em Engenharia Agronômica, mestre em Recursos Naturais e doutora em Biodiversidade e Biotecnologia. Professora da Escola Agrotécnica da Universidade Federal de Roraima (UFRR). E-mail: luciana.barros@ufrr.br

SOBRE OS AUTORES

Abrão Alves Rocha

Adenailton Pereira da Silva

Alexssandro Alexandre Silva

Ariel Araújo Cardoso

Daniel Vitor Peixoto Muniz

Deydiane Nascimento

Emanuel Gilead Lopes de Sousa

Evair Ribeiro

Flávio Ângelo

Gabriel Coelho Souza Barbosa

Geiziane Ferreira da Silva

Genessi Wanderley Laranjeira

Hélida Viana e Gisele Lopes

Hellen Débora Carvalho da Silva

Heraclito Santana Martins

Izabella Félix da Silva

Jasmine Souza

João Alves

João Carlos Carvalho da Silva

Joenilce Barroso

John Kennedy dos Santos da Silva

Jorge Pedro da Costa

Kauã Lopes Mota

Leonardo Fadlo Santos Gentil

Leonel Silva do Carmo

Letícia de Souza Silva

Luan Ribeiro

Lucas Silva

Luiz Fernando Moura Maranhão

Murilo Peixoto Galvão

Odelino Souza Pimentel

Sérgio Medeiros

Sunamita Braga Leite

Thais Carvalho

NORMAS DE PUBLICAÇÃO



NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

A editora IOLE recebe propostas de livros autorais ou de coletânea a serem publicados em fluxo contínuo em qualquer período do ano. O prazo de avaliação por pares dos manuscritos é de 7 dias. O prazo de publicação é de 60 dias após o envio do manuscrito.

O texto que for submetido para avaliação deverá ter uma extensão de no mínimo de 50 laudas. O texto deverá estar obrigatoriamente em espaçamento simples, letra Times New Roman e tamanho de fonte 12. Todo o texto deve seguir as normas da ABNT.

Os elementos pré-textuais como dedicatória e agradecimento não devem constar no livro. Os elementos pós-textuais como biografia do autor de até 10 linhas e referências bibliográficas são obrigatórios. As imagens e figuras deverão ser apresentadas dentro do corpo do texto.

A submissão do texto deverá ser realizada em um único arquivo por meio do envio online de arquivo documento em Word. O autor / organizador / autores /organizadores devem encaminhar o manuscrito diretamente pelo sistema da editora IOLE: http://ioles.com.br/editora

Copyright © Editora IOLE
2021

CONTATO

EDITORA IOLE

Caixa Postal 253. Praça do Centro Cívico

Boa Vista, RR - Brasil

CEP: 69.301-970

@ http://ioles.com.br/editora

+ 55 (95) 981235533

eloisenhoras@gmail.com

Copyright © Editora IOLE
2021